



LEITURA: *Teoria & Prática*

REVISTA QUADRIMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL

Volume 38 • n.79 • 2020 ISSN 2317-0972

79



LEITURA:

Teoria & Prática

EQUIPE EDITORIAL

COORDENAÇÃO GERAL: Anderson Ricardo Trevisan, Brasil; COORDENAÇÃO EXECUTIVA: Renata Aliaga, Brasil.

COMISSÃO EXECUTIVA EDITORIAL

Adriana Lia Frizman Laplane (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil), Alik Wunder (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil), Ana Lúcia Horta Nogueira (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil), Antonio Carlos Rodrigues de Amorim (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil), Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil), Davina Marques (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Hortolândia, São Paulo, Brasil), Gabriela Fiorin Rigotti (Faculdades Integradas Maria Imaculada, Mogi Guaçu, São Paulo, Brasil), Lavinia Lopes Salomão Magiolino (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil), Lilian Lopes Martin da Silva (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil), Marcus Pereira Novaes (Universidade Estadual de Campinas; Colégio Educap, Campinas, São Paulo, Brasil), Rosana Baptistella (FAAL - Faculdade de Administração e Artes de Limeira, Limeira, São Paulo, Brasil).

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Adriana Lia Frizman de Laplane (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Águeda Bernardete Bittencourt (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Alda Regina Tognini Romaguera (Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil), Ana Lúcia Horta Nogueira (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Ana Luiza Bustamante Smolka (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Antônio Augusto Gomes Batista (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil), Antônio Manuel da Costa Guedes Branco (Universidade do Algarve, Portugal), Charly Ryan (University of Winchester, Inglaterra, Reino Unido), Edilaine Buin (Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil), Edmir Perrotti (Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil), Elenise Cristina Pires de Andrade (Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil), Eliana Kefalás Oliveira (Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil), Francisca Izabel Pereira Maciel (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil), Giovana Scarelli (Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil), Guilherme do Val Toledo Prado (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Héctor Rubén Cucuzza (Universidad Nacional de Luján e Universidad Nacional de La Plata, Argentina), Henrique Silvestre Soares (Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC, Brasil), João Wanderley Geraldi (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Joaquim Brasil Fontes (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Kátia Maria Kasper (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil), Leandro Belinaso Guimarães (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil), Lívia Suassuna (Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil), Luciane Moreira de Oliveira (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Luiz Percival Leme Britto (Universidade Federal do Oeste do Pará, Belém, PA, Brasil), Magda Becker Soares (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil), Maria do Rosário Longo Mortatti (Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil), Maria Inês Ghilardi Lucena (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Maria Lúcia Castanheira (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil), Maria Rosa Rodrigues Martins Camargo (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP, Brasil), Marly Amarelha (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil), Max Butlen (Université de Cergy-Pontoise; Instituts Universitaires de Formation des Maîtres, Versailles, França), Norma Sandra de Almeida Ferreira (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Núbio Delanne Ferraz Mafrá (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil), Raquel Salek Fiad (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil), Regina Aída Crespo (Universidad Nacional Autónoma de México, México), Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil), Roberval Teixeira e Silva (Universidade de Macau, Macau, China), Rosa Maria Hessel Silveira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil), Rosana Horio Monteiro (Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil), Sonia Kramer (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil).



DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL

Presidente: Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto

Vice-presidente: Anderson Ricardo Trevisan

1ª secretária: Renata Aliaga

2ª secretário: Marcus Pereira Novaes

1ª tesoureira: Alik Wunder

2ª tesoureira: Rosana Baptistella

Obs.: Além da diretoria, a ALB conta com um Colegiado Nacional de Representantes.

APOIO

Faculdade de Educação

Universidade Estadual de Campinas



Revisão: Felipe Frazão e Leda Maria de Souza

Freitas Farah

Projeto Gráfico: Negrito Produção Editorial

Editores: Nelson Silva

Capa: Marli Wunder

LEITURA: *Teoria & Prática*

REVISTA QUADRIMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL
ISSN 2317-0972 (ON-LINE) - DOI [HTTPS://DOI.ORG/10.34112/2317-0972A2020V38N79](https://doi.org/10.34112/2317-0972A2020V38N79)

Volume 38 • Número 79 • 2020



REDAÇÃO

LEITURA: TEORIA & PRÁTICA - ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL

Caixa Postal 6117 – Anexo II - FE/UNICAMP - CEP: 13083-970 – Campinas – SP – Brasil

Fone +55 XX 19 3521-7960

E-mail: ltp@alb.com.br - Home page: <http://ltp.emnuvens.com.br/ltp>

A Revista **Leitura: Teoria & Prática** solicita colaborações, mas se reserva o direito de publicar ou não as matérias enviadas para a redação. Todos os textos deverão seguir as regras de publicação expressas ao final da revista.

Catálogo na fonte elaborada pela
Biblioteca da Faculdade de Educação / UNICAMP

Leitura: Teoria & Prática / Associação de Leitura do Brasil.
Campinas, SP, ano 1, n.o, 1982.

v.38, n.79, 2020.

Revista Quadrimestral da Associação de Leitura do Brasil

ISSN: 2317-0972 (on-line)

DOI: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79>

1. Leitura – Periódicos. 2. Educação – Periódicos. 3. Línguas – Estudo e ensino – Periódicos. 4. Literatura – Periódicos. 5. Biblioteca – Periódicos – I. Associação de Leitura do Brasil.

CDD – 418.405

Indexada em:

Educ@ - Periódicos online de Educação / Edubase (FE/UNICAMP) / Linguistics and Language Behavior Abstracts (LLBA) / Clase (México, DF) / BBE (INEP/SIBEC)

Impresso no Brasil - 2020

© by autores



Editada pela ALB - Associação de Leitura do Brasil (Campinas, São Paulo, Brasil).

Atualmente a Revista faz um total de 55 permutas. A ALB tem interesse em estabelecer permuta de sua revista *Leitura: Teoria & Prática* com outros periódicos congêneres nacionais ou estrangeiros. Os interessados devem entrar em contato com a Biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP para estabelecer a permuta através do endereço abaixo:

Biblioteca da Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas

Rua Bertrand Russell, 801 - Cidade Universitária - Caixa Postal: 6120

13083-970 Campinas - SP - Brasil

Tel +55 XX 19 3521-5571 - Fax +55 XX 19 3521-5570

E-mail: bibfe@unicamp.br

URL: <http://www.fe.unicamp.br/biblioteca>

Obra atualizada conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Direitos Reservados.

Sumário

EDITORIAL

- A Associação de Leitura do Brasil e suas esperanças equilibristas 9
Anderson Ricardo Trevisan • Renata Aliaga

DOSSIÊ

- Apresentação – Dossiê ALB: memórias 13
Lilian Lopes Martin da Silva • Luciane Moreira de Oliveira
- Associação de Leitura do Brasil (ALB): memória e história em prol da leitura e do livro no Brasil17
Sônia Midori Takamatsu
- Os Congressos de Leitura do Brasil (1978-1987) como espaço para formação de professores 29
Renata Aliaga
- Cartazes dos COLES: discursos em imagens..... 45
Lilian Lopes Martin da Silva • Luciane Moreira de Oliveira
- A doação do acervo do Congresso de Leitura do Brasil ao Centro de Memória da Educação65
Larissa de Souza Oliveira

Congresso de Leitura do Brasil: projetos e demandas para a formação de leitores.....	75
<i>Geniana dos Santos</i>	
Não só 25 anos de COLE, mas também.....	91
<i>Norma Sandra de Almeida Ferreira</i>	
ALB: 30 ANOS	
Sentidos da ALB.....	105
<i>Ezequiel Theodoro da Silva</i>	
Por Trás do COLE: a Associação de Leitura do Brasil	109
<i>João Wanderley Geraldi</i>	
Nosso encontro com a leitura e a ALB: memórias e sentidos	113
<i>Rute Batista de Pontes</i>	
Rememorando bons momentos nos COLEs e na ALB.....	121
<i>Guilherme do Val Toledo</i>	
ALB: um espaço praticado	123
<i>Norma Sandra de Almeida Ferreira</i>	
RESENHA	
O COLE e a leitura: em redor da crise.....	133
<i>Lilian Lopes Martin da Silva</i>	
DIVULGAÇÃO	
Associe-se à ALB	137
NORMAS EDITORIAIS – ORIENTAÇÕES AOS COLABORADORES	138

Contents

EDITORIAL

- The Brazilian Reading Association and the equilibrist hopes 9
Anderson Ricardo Trevisan • Renata Aliaga

DOSSIER

- Presentation – Dossier ALB: memories 13
Lilian Lopes Martin da Silva • Luciane Moreira de Oliveira
- Brazilian Association of Reading (ALB): memory and history for reading and the book in Brazil17
Sônia Midori Takamatsu
- Brazilian Reading Congresses (1978-1987) as a place for teacher formation ... 29
Renata Aliaga
- Posters of coles: discourses in pictures..... 45
Lilian Lopes Martin da Silva • Luciane Moreira de Oliveira
- Reading Congress of Brazil's documents donation to the Memory Center of Education.....65
Larissa de Souza Oliveira
- Brazilian Reading Congress: projects and demands for readers' education.75
Geniana dos Santos

Not only 25 years of COLE, but also... ..	91
<i>Norma Sandra de Almeida Ferreira</i>	

ALB: 30 YEARS

The meanings of ALB	105
<i>Ezequiel Theodoro da Silva</i>	

What supports COLE: the Brazilian Reading Association	109
<i>João Wanderley Geraldi</i>	

Our encounter with reading and ALB: memories and meanings	113
<i>Rute Batista de Pontes</i>	

Recalling good times at COLEs and ALB	121
<i>Guilherme do Val Toledo</i>	

ALB: an experienced space	123
<i>Norma Sandra de Almeida Ferreira</i>	

REVIEW

COLE and reading: around the crisis	133
<i>Lilian Lopes Martin da Silva</i>	

NEWS

Join ALB	137
----------------	-----

GUIDANCE FOR AUTHORS	138
----------------------------	-----

A Associação de Leitura do Brasil e suas esperanças equilibradas

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p9-10>

ANDERSON RICARDO TREVISAN¹

RENATA ALIAGA²

POR ALGUNS INSTANTES, DESEJÁVAMOS PERMANECER EM SILÊNCIO. O silêncio do luto que inevitavelmente nos toma diante das mais de cem mil vidas que se foram em função da COVID-19 em nosso país. O silêncio da dor, que sufoca, que arde e queima nosso Pantanal, nossa Amazônia, nossas matas, nossas reservas, trazendo às cinzas nossa biodiversidade. Queima também nossas esperanças, traz sufoco às nossas vozes.

Esta edição de *Leitura: Teoria & Prática* nos lembra, no entanto, que em seus quase quarenta anos de atuação militante, a Associação de Leitura do Brasil nunca se calou! Concentrada em seu propósito de lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro, fez-se presente como lugar de discussão, de proposição e atuou persistentemente na construção de nossas esperanças coletivas.

Com o propósito de fortalecer o registro dessa memória, apresentamos a seguir o *Dossiê ALB: memórias*, que, nas palavras de suas organizadoras, Lilian Lopes Martin da Silva e Luciane Moreira de Oliveira, reúne um trabalho coletivo de pesquisadores, que têm na leitura, especialmente em sua dimensão histórica no Brasil, seu foco de interesse. O dossiê é composto, em seu primeiro bloco, por seis artigos, seguidos por um conjunto de depoimentos de ex-presidentes

1. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

2. Instituto Federal de São Paulo, Campinas, São Paulo, Brasil.

da Associação de Leitura do Brasil e uma resenha, todos apresentados muito gentilmente por suas organizadoras.

Aproveitamos também para agradecer a confiança de todos os associados que nos permitiram participar dessa história e colaborar na escrita dessas linhas. Desejamos que a nova diretoria, eleita para o biênio 2020-2022, fortaleça a ALB como lugar de resistência, de pluralidade, de muitas vozes, e siga na construção de esperanças, tão necessárias para os nossos tempos.

Dossiê

Apresentação – Dossiê ALB: memórias

Presentation – Dossier ALB: memories

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p13-15>

LILIAN LOPES MARTIN DA SILVA¹

LUCIANE MOREIRA DE OLIVEIRA²

CONFORME OS ESTATUTOS³ DA ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, a ALB tem o objetivo básico de lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro, mediante desenvolvimento de pesquisas e estudos sobre os diversos aspectos da leitura, reconhecendo e apoiando sua realização e divulgação. Assim é que a entidade apoia, desde 2009, a Pesquisa *ALB: memórias*, que se desenvolve no âmbito do Grupo de Pesquisas “Alfabetização, Leitura e Escrita/Formação Inicial e Trabalho Docente” (ALLE/AULA), da Faculdade de Educação da Unicamp⁴. Um trabalho coletivo, que envolve estudantes de graduação e pós-graduação, além de pesquisadores, que têm na leitura, especialmente em sua dimensão histórica no Brasil, seu foco de interesse.

O projeto se insere no contexto das iniciativas que buscam afirmar a importância da constituição de fontes e de sua preservação para a investigação, dedicando-se à localização, reunião e catalogação das fontes geradas pela ALB, especialmente pelos Congressos de Leitura do Brasil, em sua trajetória ao longo dos últimos 40

1. Grupo de Pesquisas “Alfabetização, Leitura e Escrita/Formação Inicial e Trabalho Docente” (ALLE/AULA), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
2. Grupo de Pesquisas “Alfabetização, Leitura e Escrita/Formação Inicial e Trabalho Docente” (ALLE/AULA), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
3. <http://alb.org.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.
4. <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias>. Acesso em: 30 jun. 2020.

anos. Nesse percurso, vem pesquisando um vasto tecido discursivo materializado em diferentes dispositivos, nos quais se articulam vozes e posições que se tornaram referências significativas sobre a leitura e que circulam em diferentes esferas de comunicação, não podendo ser ignoradas na composição de uma história da leitura no Brasil. Nesse sentido, já resultaram desse esforço *blog*, *site*, catálogo, teses e dissertações acadêmicas, bem como artigos científicos, trabalhos de Iniciação Científica e monografias de conclusão de curso⁵.

Este dossiê reúne textos provenientes de alguns dos trabalhos realizados na pesquisa *ALB: memórias*, bem como outros que a eles se juntaram, formando uma rede de estudos e iniciativas que registram aspectos da história da ALB e dos Coles. Entre eles, um conjunto de textos que apoiou a participação de ex-presidentes na mesa-redonda *Sentidos da Leitura*, durante o 18.º COLE⁶, por considerar que, em conjunto, esses textos ajudam a considerar aspectos da entidade e de seu passado que foram destacados sob a ótica de seus ex-presidentes.

No primeiro bloco, reúnem-se os artigos de Takamatsu e Aliaga, ambos originados de suas pesquisas de doutorado. No primeiro trabalho, a autora concentrou-se no período de criação da entidade até sua consolidação, obtida com a primeira eleição da diretoria em 1983. Serviu-se dos referenciais teóricos e metodológicos da História Cultural. Na segunda investigação, Aliaga se debruça sobre fontes orais e escritas referentes aos seis primeiros Congressos de Leitura do Brasil (1978-1987), buscando, através de indícios que lhe permitem pensar o Congresso de Leitura em sua concepção, organização, ação e teia discursiva, compreendê-lo como espaço de formação de professores.

Os Congressos de Leitura do Brasil são anunciados e divulgados através de cartazes que, além de reunirem informações de cada uma das edições do evento – período e lugar de realização, promotores e apoiadores etc. –, também trabalham em imagens os focos temáticos escolhidos para cada edição, movimentando procedimentos e representações diversas. Silva e Oliveira tomam para estudo os cartazes de 17 congressos e buscam ler cada um deles em sua materialidade e possibilidade de sentidos.

5. <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias/producoes-e-publicacoes>. Acesso em: 30 jun. 2020.

6. Na noite de 17 de julho de 2012, às 19 horas, realizou-se, no Salão Nobre da Faculdade de Educação – Unicamp, a mesa-redonda *Sentidos da ALB*, composta por ex-presidentes da entidade. Foi uma das tantas atividades ocorridas no 18.º Congresso de Leitura do Brasil (16 a 20 de julho de 2012), que objetivavam celebrar os 30 anos da entidade.

Em novembro de 2017, o conjunto documental referente aos Congressos de Leitura do Brasil – COLE – foi doado pela ALB ao Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp⁷. Oliveira, em seu texto, narra o itinerário percorrido pelo acervo até este transformar-se no mais novo habitante das estantes do CME⁸.

Geniana dos Santos se agrega a esse conjunto, com artigo resultante de pesquisa de doutorado que discute as contribuições dos Coles nas disputas e na negociação por projetos de formação de leitores. E Norma S. de Almeida Ferreira recupera uma reflexão de 2003, produzida para celebrar os 25 anos do COLE.

O segundo bloco é composto de quatro textos produzidos para a mesa-redonda de ex-presidentes da ALB em 2012. Embora disponíveis em vídeo⁹, não se quis perder esta oportunidade de viabilizar aos leitores o acesso aos textos escritos, que, preservados em sua forma original, evidentemente não atendem às exigências das normas para publicação.

Encerra este dossiê a resenha do livro *Políticas curriculares de leitura: crise, antagonismo e negociação no Congresso de Leitura do Brasil (COLE)*, de Geniana dos Santos.

Então... boa leitura!

7. O registro em vídeo dessa doação está disponível em: <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias/porque-pesquisar-a-alb>. Acesso em: 01jul. 2020.
8. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/institucional/centro-de-memoria-da-educacao>. Acesso em: 01 jul. 2020.
9. <https://www.youtube.com/user/ALB30Anos?feature=mhee>. Acesso em: 02 jul. 2020.

Associação de Leitura do Brasil (ALB): memória e história em prol da leitura e do livro no Brasil¹

Brazilian Association of Reading (ALB): memory and history for reading and the book in Brazil

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p17-28>

SÔNIA MIDORI TAKAMATSU²

RESUMO: O tema deste artigo refere-se às memórias da Associação de Leitura do Brasil (ALB), entidade que, há quase quatro décadas, congrega interesses relativos à leitura e ao livro como interfaces da educação. A associação tem promovido, ao longo dos anos, um conjunto de iniciativas em prol da leitura e do livro no Brasil através de eventos significativos como o Congresso de Leitura do Brasil (COLE) e publicações como a revista *Leitura: Teoria e Prática*, editada desde 1982. A análise centralizou o período de criação da entidade até sua consolidação, cuja extensão inclui as primeiras edições dos Congressos de Leitura do Brasil (1978 a 1981), a fundação da ALB (1981) e as eleições da primeira diretoria da entidade em 1983. Os referenciais teóricos utilizados aqui como suporte metodológico fazem parte do domínio da História Cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Associação de Leitura do Brasil (ALB); leitura; memória.

ABSTRACT: The theme of this article refers to the memories of Brazilian Association of Reading (ALB) institution that gathers the interest about reading, the book, and especially the reading and the book as interfaces for education memories. Throughout the years,

1. Originado da pesquisa de Doutorado “Artes de Fazer”: memória, participação e história nos 30 anos da Associação de Leitura do Brasil, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017. A pesquisa integrou também o projeto *Associação de Leitura do Brasil - ALB: memórias*.
2. Sociedade Pró-Menor de Barão Geraldo, Campinas, São Paulo, Brasil.

the association has promoted initiatives for the reading and the book in Brazil through significant events such as the Brazilian Reading Congress (COLE) and publications such as the magazine *Leitura: Teoria e Prática*, published since 1982. The analysis centered the period of creation of the entity until its consolidation, whose extension includes the three first editions of the Reading Congresses of Brazil (1978 to 1981), the foundation of the ALB (1981) and the elections of the first board of the entity in 1983. The theoretical references of this work are part of the Cultural History's field.

KEYWORDS: Associação de Leitura do Brasil (ALB); reading; memory.

A ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL

A Associação de Leitura do Brasil (ALB) foi fundada no dia 14 de novembro de 1981 e congregou educadores, pesquisadores, editores, bibliotecários, bibliófilos, artistas e inúmeros colaboradores em torno de sua principal bandeira — o livro, a leitura e a democratização do conhecimento e dos bens culturais. Eventos como o Congresso de Leitura do Brasil (COLE), consolidado como referência no meio acadêmico e para além dele, e publicações como a revista *Leitura: Teoria e Prática*, editada desde 1982, constituem parte essencial de um conjunto de iniciativas nas quais a chancela da ALB é logo reconhecida. As contribuições de trabalhos sobre leitura que revigoram os debates nos COLEs; as publicações através das quais a ALB faz circular reflexões que contribuem significativamente para a divulgação das experiências de profissionais e a formação de grupos de estudos; o empenho que permitiu à entidade promover ações positivas em prol do livro e da leitura em distintas regiões do país fazem parte de um conjunto de ações que confirmam um percurso que abriu perspectivas para a democratização dos saberes e dos bens de cultura.

A extensa documentação que a entidade conservou ao longo dos anos, assim como as publicações da associação, permite compor uma memória muito útil à constituição de um panorama da trajetória da entidade em favor da leitura e do livro. É nesse sentido que o trabalho de pesquisa procurou operar, e elege como objetivo principal a tarefa de reconstituir, por meio do acervo documental da ALB, a trajetória, as memórias e as iniciativas que a entidade protagonizou. O período delineado para a pesquisa foi ordenado da seguinte forma: 1) momento anterior à fundação oficial da associação, concomitante à realização das primeiras edições dos COLEs no final da década de 1970; 2) a fundação da entidade, em 1981; 3) período de consolidação

da entidade, e que remete à gestão da diretoria provisória (1981-1983); 4) as eleições que foram responsáveis por constituir a primeira diretoria para o biênio 1984-1985.

O critério que orientou a delimitação do período para a pesquisa resultou do contato inicial com o *corpus* pesquisado permitindo que o nosso interesse fosse concentrado na análise de documentos relativos ao percurso inicial da ALB. O extenso conjunto de documentos encontra-se em diversos suportes como impressos, registros em áudio, vídeos, fotos e registros digitais e que permitiu a reunião de um *corpus* diversificado para a investigação; constitui-se, então, como uma fonte relevante de pesquisa que tem servido como objeto de interesse a pesquisadores, portanto, é presente em trabalhos acadêmicos em curso e que certamente servirá a outras investigações futuras³.

Na primeira incursão do trabalho, alcançamos registros importantes sobre a ALB, especialmente aqueles que se relacionavam ao período de criação da entidade — período, a propósito, contemporâneo a um dos momentos mais críticos da história recente do Brasil, os últimos momentos da ditadura militar e os primeiros passos da abertura política no país. Pôde-se constatar, por exemplo, que as questões tomadas como bandeira pela associação – a leitura, o acesso à educação e cultura – traduziam, de forma oportuna, os anseios de profissionais ligados à educação e cultura, num momento em que a sociedade brasileira se mobilizava para a redemocratização da nação. Naquele momento já se fazia evidente as dimensões profundamente negativas na vida brasileira que resultava do golpe de Estado que havia conduzido os militares ao poder e os esforços da ditadura para contemplar as

3. Pesquisadores que participam do projeto *Associação de Leitura do Brasil: Memórias* tem apresentado produções que corroboram a importância do acervo; o mais recente foi a dissertação de mestrado de Larissa de Souza Oliveira, “Os espaços de leitura nas páginas do Congresso de Leitura do Brasil – COLE (1978-1993)”, defendida na Faculdade de Educação da Unicamp, em 2018. Há ainda outro trabalho em curso, nível de doutorado, desenvolvido por Renata Aliaga.

Relacionamos trabalhos que foram apresentados em curso de graduação como requisito para a conclusão do curso cuja fonte de pesquisa são publicações e arquivos de documentos de eventos promovidos pela ALB: RITTO, Ana Claudia. Relação “Literatura para crianças e escola nos trinta anos de Congresso de Leitura do Brasil, graduação em Pedagogia – FE/ Unicamp, 2009; SIMIONI, Erica B. “Interesses de leitura e a revista *Leitura: Teoria & Prática*”, graduação em Pedagogia — FE/ Unicamp, 2008; MOMOLI GIACOPINI, Carina M. “A presença da literatura infantil na revista *Leitura: Teoria & Prática*”, graduação em Pedagogia — FE/ Unicamp, 2007; MIRANDA, Yasmin de F. B. “Trabalho com jornal em sala de aula: estado da arte”, graduação em Pedagogia — FE/ Unicamp, 2007; PENTEADO, Ariadne Ieza. “Formação docente e a prática do ensino da leitura: contribuições oriundas da revista *Leitura: Teoria & Prática*”, graduação em Pedagogia — FE/Unicamp, 2007; SANTANA, Louise Peçanha, “1º Congresso de Leitura (1978): constituindo arquivo”, graduação em Pedagogia — FE/Unicamp, 2013; OLIVEIRA, Larissa de S., “A biblioteca escolar entre as páginas escritas do Congresso de Leitura do Brasil e a Revista *Leitura: Teoria e Prática* (1978 a 1985)”, FE/Unicamp, 2015.

aspirações das elites. Mantendo a ordem política por meio de medidas opressivas, os militares no poder usavam do mesmo expediente no plano econômico, com o arrocho salarial e a consequente falta de investimentos substantivos em programas que visassem o desenvolvimento econômico e social, sobretudo em áreas como educação, saúde e habitação; tudo isso incentivado pelo capital privado e pelos interesses do capital estrangeiros.⁴ É dentro desse cenário político complexo que podemos compreender a iniciativa de criação da ALB, de um lado, acumulava-se as heranças nefastas de 15 anos de ditadura e, de outro, aumentava a percepção de que a ditadura agonizava e que a perspectiva da democracia se mostrava muito mais possível e concreta. É nele que ganha sentido a disposição e a atuação de um grupo de pessoas interessadas nas questões da educação e da cultura, mobilizadas em torno de iniciativas como o COLE e a criação de uma entidade que levasse tais compromissos à frente. Ou seja, era num cenário de incertezas que um grupo de acadêmicos e profissionais da educação encontrou espaço para o debate de problemas que atingiam setores fundamentais da vida social, especialmente a educação, duramente alvejada por longos anos de políticas questionáveis; o resultado imediato desse panorama foram as péssimas condições para o desenvolvimento e estímulo da leitura entre os alunos e a população em geral.

A democratização da leitura tornou-se o objetivo central da ALB desde a sua criação, orientando suas ações em prol da leitura e do acesso ao livro ou aos bens culturais que permitissem a leitura. Todavia, o sentido e a legitimidade da legenda foram construídos nas edições dos primeiros COLEs, entre 1978 a 1981, que proporcionaram a adesão necessária de um contingente diversificado de pessoas. Os congressos configuraram um importante espaço para os debates em torno das questões ligadas à leitura, mas, sobretudo, ao debate dos problemas no campo educacional e cultural. Exemplo disso viria da realização da mesa-redonda “Divulgação da Cultura”, realizada durante o 1º COLE, em 1978, quando o professor Moacyr Gadotti⁵ apontou os grandes problemas que o país enfrentava em relação à educação, em especial, a situação aguda de exclusão vivida por grande parte da população, em relação ao sistema educacional e do acesso aos bens culturais.

4. O projeto de desenvolvimento industrial seguiu como a grande meta econômica do regime, não obstante tivesse sido conquistada apenas relativamente (ou setorialmente), e com enorme prejuízo social e político.
5. Moacyr Gadotti professor da Faculdade de Educação da Unicamp na década de 1980 e posteriormente na Faculdade de Educação da USP onde se aposentou. Fundador do Instituto Paulo Freire e atual presidente de honra do instituto.

A produção de bens, de ideias, de técnicas está, como qualquer outra, vinculada a uma sociedade, e, no nosso caso, a uma sociedade de classes, em que somente uma minoria tem o poder de se apropriar dos bens produzidos pela população. Nesse contexto a questão da divulgação da cultura não é nem pedagógica, nem técnica e sim política. A política em relação à divulgação da cultura tem sido sabotada pela própria distribuição de renda neste país. De 1965 para cá, a verba destinada para o MEC caiu de 11% para 4%, o que nos situa em último lugar na América Latina em termos de porcentagem destinada à educação. Potencialmente, temos no Brasil 25 milhões de leitores, mas, levando em consideração que o nosso operário trabalha em média 15 horas por dia (não teria condição de ler mesmo se os veículos estivessem ao seu alcance, gratuitamente), e que 50% dos filhos da classe operária não chegam aos patamares da escolarização (portanto não aprendem a ler), alguns dados positivos não significam nada (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1978, p. 21-22).

Em sua comunicação, o professor Gadotti destacou as condições precárias que grande parte da população era submetida, especialmente, em relação à educação e aos bens de consumo e que, portanto, a leitura integrava uma difícil realidade da qual grande parte da sociedade estava excluída. Na edição do COLE de 1979, Gadotti retomou a análise, porém de forma mais contundente. Na conferência de encerramento do congresso discorreu sobre a grave situação de grande parte da população excluída de direitos básicos como o acesso à cultura por meio dos livros e sobre a necessidade de politizar o debate a esse respeito.

Seria preciso a meu ver, que esse Congresso de Leitura se transformasse num Congresso de Leitura Popular, que defendesse os interesses dos leitores postergados. Não basta saber ler se os veículos de leitura são inacessíveis, financeira e culturalmente, à massa da população. Ler é uma necessidade social, um *bem social*, e, portanto, deve ser garantido pelo Estado. O Estado vem se desobrigando, “lenta e gradualmente” da sua tarefa de possibilitar a leitura para todos, entregando-a à empresa particular (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1979, p. 45).

Na esteira das edições anteriores, o 3º COLE, em 1981, foi centrado no tema “Lutas pela democratização da leitura” e consolidou as diretrizes pelas quais a entidade foi criada. Dessa forma, é possível afirmar que os propósitos fundamentais da ALB tenham, ao longo das primeiras edições dos COLEs, tomado forma e

consistência, especialmente com a crescente participação do público formado em sua maioria por educadores que almejavam alternativas para a educação e o restabelecimento da integridade do processo educacional. A reafirmação desses propósitos mereceu especial atenção na primeira edição da revista *Leitura: Teoria e Prática* em novembro de 1982, com um editorial que trazia os objetivos básicos da recém-criada entidade e convidando os educadores para o engajamento das lutas pela democratização da leitura. Logo no primeiro parágrafo, o editorial do número zero de *Leitura: Teoria e Prática* não deixava dúvida a respeito de seus propósitos: a revista “[nascia] com o propósito principal de servir como veículo para a comunicação e o intercâmbio entre aqueles que se preocupam com os problemas da leitura em nosso país” e convidava “a todos aqueles que [desejavam] lutar pela democratização da leitura no contexto brasileiro através de um trabalho coletivo e transformador”⁶.

É diante de tais características de recusa à situação educacional do país naquele momento que aproximamos as ações da ALB (já iniciadas nos primeiros COLEs) aos conceitos de Michel de Certeau que define o caráter ético (CERTEAU, 1985, p. 8) das práticas cotidianas permitindo abrir espaços para as práticas transgressoras de uma ordem imposta: “um espaço que não é fundado sobre a realidade existente, mas sobre uma vontade de criar alguma coisa” (CERTEAU, 1985, p. 8). As orientações para construção da narrativa sobre o percurso e as memórias da ALB apoiaram-se nessas questões colocadas por Certeau. Consideramos que para compor uma narrativa sobre a história da associação seria necessário a observação das práticas cotidianas que o grupo de fundadores da entidade empreendeu nos momentos iniciais da trajetória e que permitiu a criação e fundação da associação; práticas que, a nosso ver, são as *artes de fazer*, pois derivam da recusa e da transgressão ao autoritarismo e produziram um espaço de militância em torno de objetivos legítimos no campo da educação. Assim, tivemos o interesse em resgatar documentos que nos trazem notícias a respeito dessas práticas e dos próprios discursos sobre a leitura produzidos naquele momento.

As ações da entidade, em torno de objetos como a leitura e o livro, permitiram discutir os sentidos e representações presentes em tais objetos num dado momento, assim como as apropriações dessas representações por um círculo de pessoas. Cabe dizer ainda que algumas noções fundamentais buscadas no suporte teórico da História Cultural são, em nosso entendimento, essenciais à tarefa de observar, investigar e dar

6. *Leitura: Teoria e Prática*, número zero, novembro de 1982, p. 2.

a conhecer trajetórias de associações como a ALB e, igualmente, as ações resultantes de sua criação. Segundo afirma Chartier (2002), “a História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 2002, p. 16-17). Assim, a apreensão do mundo social pode ser dada a partir de categorias fundamentais, a despeito das variáveis próprias a uma classe ou grupo que são partilhadas pelos seus membros. Ainda segundo o autor, essas representações são distintas e dizem respeito, sobretudo, ao “grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17). Portanto, decifrar os discursos inerentes às representações é decifrar quem fala e de qual lugar fala, ainda que essas representações suscitem estratégias e práticas para legitimar um discurso e justificar as escolhas feitas pelo grupo.

Dessa relação de práticas e contexto, podemos extrair a matéria para compor uma memória coletiva do grupo, seguindo a definição que Maurice Halbwachs nos oferece. Segundo ele, a memória coletiva diz respeito a uma história vivida por um grupo de pessoas e, igualmente, às apropriações resultantes dessa vivência do grupo; os sentidos e representações atribuídos pelo grupo são singularmente incorporadas pelos membros em determinado tempo e circunstância (HALBWACHS, 2003, p. 79). Trata-se de uma concepção da memória coletiva como uma construção social, ou seja, a concepção que vê nas lembranças de fatos, objetos e imagens as marcas das convenções sociais próprias dos grupos (SANTOS, 2012, p. 77). Logo, o entendimento das relações construídas entre os membros do grupo fundador da ALB e os objetivos em comum podem nos auxiliar na compreensão do conjunto de práticas estabelecidas pelo grupo para conduzir seus propósitos e compor a narrativa sobre a trajetória da entidade.

FUNDAÇÃO DA ALB E A PRIMEIRA DIRETORIA

A criação da Associação de Leitura do Brasil foi decidida em assembleia com a participação dos congressistas do 3º COLE realizada no salão nobre da PUC de Campinas nos dias 13 e 14 de novembro de 1981. Os debates da assembleia deram continuidade às pautas discutidas durante o congresso e resultaram no consenso sobre a importância de uma instância como a ALB, que articulasse e divulgasse, sobretudo para os professores e para os demais profissionais ligados à educação, os trabalhos e pesquisas sobre leitura desenvolvidos em várias regiões do país. Foi eleito em assembleia um comitê provisório para tratar dos trâmites legais da nova entidade e contou com os seguintes membros: o professor Ezequiel Theodoro da

Silva; Leonídio Balbino da Silva, editor da Livros Irradiantes S/A; Lilian Lopes Martin da Silva, professora da Faculdade de Educação da Unicamp; Marli Pinto Ancassuerd, professora do Centro Universitário Fundação Santo André; Mary Fátima de Lacerda Mendonça, professora da Universidade Federal de Goiás; Olga Molina, professora da Faculdade de Educação da USP; as bibliotecárias Raquel Maria de Almeida Prado e Regina Celi de Souza; e Mariza B. Teixeira Mendes⁷. O comitê tinha como tarefas iniciais a elaboração dos Estatutos da ALB, a organização das eleições da primeira diretoria (gestão a partir de 1982), a organização do 4º COLE em 1982 e a organização da primeira revista sobre leitura⁸. A primeira sede foi

7. Ezequiel Theodoro da Silva, professor da Faculdade de Educação da Unicamp desde 1975, atualmente atua como colaborador da instituição. Foi fundador da ALB e esteve à frente da organização dos COLEs desde sua primeira edição. Um dos pioneiros em pesquisas sobre o tema leitura sua contribuição traduzida em diversas publicações, são referências no campo da educação.

Leonídio Balbino da Silva (1936 -) natural de Alagoas. Em 1959 fundou uma distribuidora de livros e em 1965 fundou a Editora Livros Irradiantes S/A que se transformou em grande editora nos anos de 1980.

Lilian Lopes Martin da Silva é professora da Faculdade de Educação da Unicamp desde 1982 e, atualmente está aposentada. Participou da organização dos COLEs desde sua primeira edição. Fundadora da ALB, fez parte da diretoria da entidade em várias gestões e em diferentes funções. Nos primeiros congressos atuou na organização geral dos eventos, sendo responsável pela edição dos Resumos e Anais. Faz parte, desde o início, do corpo editorial da revista *Leitura: Teoria e Prática* editada pela ALB. Foi coordenadora do grupo de pesquisas ALLE (Alfabetização, Leitura e Escrita), e, também, do Fórum do Magistério, evento promovido pela ALB em parceria com a Faculdade de Educação da Unicamp. Atualmente coordena o projeto *Associação de Leitura do Brasil - ALB: Memórias* que integra o grupo de pesquisa ALLE/AULA.

Marli Pinto Ancassuerd, professora do Centro Universitário Fundação Santo André desde 1971, trabalhou com temas sobre educação, principalmente em políticas públicas e educação de jovens e adultos. Atualmente está aposentada e colabora com o grupo de pesquisas GEPEJA (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos) da Faculdade de Educação da Unicamp.

Mary Fátima de Lacerda Mendonça, professora aposentada da Universidade Federal de Goiás. Atuou na UFG desde 1981 na área de Linguística.

Olga Molina, atualmente professora aposentada da Faculdade de Educação da USP. Na época de fundação da ALB já atuava na instituição como docente. Foi vice-presidente da ALB na gestão da diretoria provisória e nas gestões de 1984-1985 e 1986-1987.

Raquel Maria de Almeida Prado, bibliotecária, professora da PUC de Campinas desde 1971 até sua aposentadoria.

Regina Celi de Souza, bibliotecária, atualmente é presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia.

Mariza B. Teixeira Mendes publicou um artigo intitulado "Encontro entre alunos de 1º grau e escritores infante-juvenis", na revista *Leitura: Teoria e Prática*, nº 1, de 1983. À época era professora de 1º e 2º graus na cidade de Bauru, São Paulo.

8. O tramite legal para a constituição da associação exigia que houvesse diretoria formalizada e, dessa forma, os membros do comitê provisório compuseram a diretoria provisória para o encaminhamento das formalidades exigidas. A primeira mudança na diretoria provisória ocorreu em abril de 1982, quando o editor Leonídio B. da Silva comunicou seu afastamento do cargo de primeiro tesoureiro; em seu lugar foi indicado o professor

alocada em caráter provisório na Faculdade de Educação da Unicamp, funcionando nas dependências do Departamento de Metodologia de Ensino.

A primeira versão dos Estatutos⁹ da entidade definia os traços essenciais de organização e estabelecendo as normas para regular as instâncias de decisões previstas pelo documento. De acordo com os Estatutos, a ALB constituía-se como uma entidade sem fins lucrativos composta pelas seguintes instâncias administrativas: uma diretoria eleita pelos associados em assembleia geral; um Colegiado de Representantes formado por membros dos grupos de pesquisas regionais e um Conselho Consultivo composto por 20 membros efetivos da associação. Além da organização das edições do COLE, a entidade passaria a promover um seminário anual de leitura de caráter regional, com a participação dos grupos de pesquisas regionais. Cabe lembrar que as comissões que organizavam os congressos sempre procuravam privilegiar a participação dos professores da rede de ensino, pois viam a importância dessa participação para a efetivação das propostas debatidas durante os eventos. Essa preocupação constava nos Estatutos da entidade na composição do Conselho Consultivo, uma instância que possibilitaria a participação ativa da categoria dentro da nova associação. O Conselho seria formado por 20 membros efetivos¹⁰ indicados pela diretoria com a apreciação do Colegiado de Representantes. A composição acomodaria professores dos níveis de ensino de 1º e 2º graus e pré-escola, além de estudantes universitários e do ensino de 2º grau. Havia também a participação de outros segmentos na constituição do Conselho Consultivo como editores de livros, bibliotecários e livreiros, com dois membros para cada segmento.

Dentre as ações da diretoria provisória, destacamos a publicação da revista *Leitura: Teoria e Prática*. A revista é uma das mais duradouras publicações do gênero no país; seu objetivo é estimular a reflexão e o debate sobre as questões da leitura e do livro contemplando variados aspectos que envolvem o tema, visando, sobretudo, à divulgação de trabalhos acadêmicos e experiências de práticas pedagógicas de professores e educadores relacionadas ao universo da leitura. Outra ação relevante foi a organização do 4º COLE realizado em novembro de 1983 e constituiu o primeiro evento organizado pela ALB; contou com a parceria da Prefeitura de Campinas e

Hilário Fracalanza, da Faculdade de Educação da Unicamp, e que desde a primeira edição do COLE, em 1978, já colaborava e participava da organização dos eventos.

9. A primeira versão dos Estatutos da ALB foi elaborada pela diretoria provisória e aprovada em assembleia pelos associados durante a 4ª edição do COLE em 1983.

10. Membro efetivo é a designação aos associados da ALB.

do Centro de Leitura da Faculdade de Educação da Unicamp, sob a coordenação do professor Ezequiel T. da Silva. A edição foi marcada pela reiteração dos propósitos da nova entidade e propunha uma ampla discussão em torno de propostas e alternativas que pudessem compor um programa de diretrizes para uma política pública de desenvolvimento da leitura.

A última tarefa designada para a diretoria provisória foi a organização e realização da primeira eleição da entidade visando eleger os membros da diretoria efetiva. As eleições foram convocadas em 1983 e o processo representou um importante passo para a consolidação da entidade. Previsto nos Estatutos, o processo eleitoral elegeria uma diretoria que ficaria à frente da entidade por um período de dois anos. A cada edição do COLE¹¹, em assembleias ordinárias realizadas durante o evento haveria a posse dos eleitos. A primeira diretoria eleita respondeu pelo biênio de 1984 e 1985.

ALGUNS APONTAMENTOS

Os Congressos de Leitura do Brasil foram decisivos para a criação da Associação de Leitura do Brasil, pois cada edição engendrava um espaço privilegiado de debates sobre a leitura bem como uma iniciativa aglutinadora de pesquisadores, professores e profissionais interessados no tema. Os COLEs foram relevantes não somente pelos debates a respeito da leitura, mas porque eram também inovadores em seu formato. A iniciativa de prover um espaço para reflexão e discussão sobre o tema aliada a eventos como a Feira do Livro, inaugurou uma chancela que, ao longo do tempo, viria a se tornar referência distintiva¹². Cabe mencionar o professor Wanderley Galdi¹³ que definiu acertadamente a natureza do COLE como democrática e destinada para profissionais da educação, além disso o evento é “aberto às falas e escutas [onde] soam bem as vozes dos professores com suas vivências e suas

11. Os Congressos de Leitura do Brasil passaram a ser bianuais a partir da 3ª edição em 1981.

12. O nascimento do COLE pode ser compreendido a partir do projeto “Feira do Livro” elaborado por professores do DEME da Faculdade de Educação. O Congresso integrou a “Feira do Livro” – espaço destinado à exposição de livros com a participação de editores, livreiros e que visava à aproximação da comunidade com a literatura, pressuposto básico do projeto para o desenvolvimento do hábito da leitura. Além disso, a integração também objetivava reflexões a respeito dos “problemas relacionados ao consumo de literatura” (Projeto Feira do Livro, 1978, p. 2). Outro segmento realizado durante o período da Feira foi a 1ª Conferência de Bibliotecários (COBI) que propunha discutir questões relacionadas às bibliotecas escolares e o incentivo ao hábito de leitura vinculado ao espaço da biblioteca. O 1º COBI não constava como segmento previsto no projeto Feira do Livro, mas foi oficializado na programação do evento.

13. Wanderley Galdi, professor do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp.

preocupações, como soam bem as vozes supostamente mais informadas e conformadas aos moldes da academia”¹⁴.

Nesse sentido, podemos depreender, por fim, que os movimentos empreendidos pelo grupo organizador do 1º COLE/Feira do Livro/1º COBI em 1978, configuraram um conjunto de recursos que permitiu ocupar o espaço do evento de forma democrática num momento relevante da história do país. O final dos anos de 1970 – período do processo de abertura política do país – foi um período que exigiu da sociedade, ativa participação nas lutas por uma sociedade mais justa, com garantias às liberdades individuais e condições de vida mais dignas para a população. Os diversos segmentos mobilizados foram decisivos no que diz respeito ao cenário político, e os educadores não estiveram alheios ao chamado — seja nas lutas por melhorias de condições de trabalho, seja na reivindicação de maior participação nos processos decisórios a respeito dos rumos da educação no país. Dentro desse panorama, consideramos que as primeiras edições dos COLEs se constituíram como um fórum onde profissionais da educação, que enfrentavam uma realidade cotidiana bastante adversa, puderam debater problemas comuns e encontrar alternativas no âmbito coletivo.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. Teoria e Método no Estudo das Práticas Cotidianas. In: SZMRECSANYI, Maria I. (Org.). *Anais do Encontro “Cotidiano, Cultura Popular e Planejamento Urbano”*. São Paulo: FAU/USP, 1985. p. 3-19.
- CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Portugal: DIFEL, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- SANTOS, Miryam S. *Memória Coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2012.

RESUMOS DOS CONGRESSOS DE LEITURA DO BRASIL - COLE

- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (1, 1978, Campinas, SP). Resumos. Campinas, SP: UNICAMP, 1979. 99 p.

14. “Por trás do COLE”, mensagem do professor João Wanderley Geraldi na mesa redonda “Sentidos da ALB”, mesa em comemoração aos 30 anos da Associação de Leitura do Brasil (ALB) em 17 de julho de 2012, 18º COLE, Faculdade de Educação da Unicamp. (acesso no site: <https://www.fe.unicamp.br/ead/galerias/1477>).

- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (2., 1979, Campinas, SP). Resumos. Campinas, SP: UNICAMP, 1980. 56 p.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (3., 1981, Campinas, SP). Resumos. Orientação de Ezequiel Theodoro da Silva; Revisão de Lilian Lopes Martins da Silva. Campinas, SP: UNICAMP, 1981. 124 p.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (4., 1983, Campinas, SP). Resumos. Orientação de Lilian Lopes Martins da Silva e Hilário Fracalanza; Revisão de Ezequiel Theodoro da Silva. Campinas, SP: UNICAMP, 261p.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. “Programa geral: Feira do Livro”, 1º Congresso de Leitura do Brasil, 1ª Conferência dos Bibliotecários, 1978 (impresso digitalizado).

SOBRE A AUTORA

Sônia Midori Takamatsu é graduada em Psicologia (USP), tem mestrado em Educação (UNICAMP) e doutorado em Educação (UNICAMP). É psicóloga da Sociedade Pró Menor de Barão Geraldo e pesquisadora do Grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente na Formação Inicial” (UNICAMP). Tem experiência na área de Psicologia com ênfase em Psicologia da Educação e integra o grupo de pesquisadores que organiza o acervo dos Congressos de Leitura do Brasil - Fundo COLE - no Centro de Memória da Faculdade de Educação da UNICAMP.

E-mail: sonia.takamatsu@gmail.com.

Recebido em 27 de abril de 2020 e aprovado em 29 de junho de 2020.

Os Congressos de Leitura do Brasil (1978-1987) como espaço para formação de professores

Brazilian Reading Congresses (1978-1987) as a place for teacher formation

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p29-44>

RENATA ALIAGA¹

RESUMO: Este artigo apresenta apontamentos da pesquisa de doutorado intitulada: *Congresso de Leitura do Brasil (1978-1987): espaço de formação*, que parte do pressuposto de que os de que os COLEs se constituíram, ao longo dos quarenta anos de sua realização, num importante espaço de formação dos profissionais do ensino, especialmente os professores. O acervo histórico dos congressos possibilitou que a pesquisa buscasse, em sua documentação, especialmente naquela gerada no período de 1978 a 1987, indicadores da intenção de seus organizadores de fazer desse evento um espaço e um tempo de formação. Ao mesmo tempo, recolhemos depoimentos de participantes dessas edições do evento, no intuito de conhecer suas percepções em relação ao congresso. Essa investigação integra o projeto *ALB: Memórias*, que vem sendo realizado por docentes do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente na Formação Inicial (ALLE/AULA), da Faculdade de Educação da Unicamp.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Congresso de Leitura do Brasil; Associação de Leitura do Brasil; formação docente; memória.

ABSTRACT: This article presents notes from doctoral research: *Congresso de Leitura do Brasil (1978-1987): espaço de formação*, who start from the assumption that the COLEs were constituted, throughout its 40 years of existence, as an important place for formation and

1. Instituto Federal de São Paulo, Campinas, São Paulo, Brasil.

development of educators, especially teachers. The historical collection allowed the research to seek on its documentation, particularly between 1978 and 1987, indicators of the intention of COLEs organizers to make this event a place and moment for formation and development. At the same time, we collected testimonials from participants in these and other editions of the event, to get to know their perceptions regarding the congress. This study is part of the project *ALB: Memórias* [ALB: Memories], which has been carried out by professors of the research group *Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente na Formação Inicial (ALLE/AULA)* [Literacy, Reading and Writing/Teacher's Work in Initial Formation] of the FE/Unicamp and has contributed to the efforts to weave the history of reading in Brazil.

KEYWORDS: Reading; Reading Congresses of Brazil; Brazilian Reading Association; teacher formation; memory.

INTRODUÇÃO

Nesse texto², buscamos construir uma narrativa sobre as edições do Congresso de Leitura do Brasil (COLE), particularmente compreendendo-o como um espaço para formação de professores do ensino de primeiro e segundo graus, partindo do pressuposto de que os espaços não-escolares são lugares de relevância para a formação desse profissional, não apenas em sua dimensão pedagógica, mas também cultural e humana.

Compartilhamos com Nóvoa (2017) a ideia de que a formação de professores, seja ela antes ou depois do docente institucionalmente graduado, não deve estar restrita ao espaço universitário, que, mesmo imprescindível e necessário, não é suficiente diante de uma formação que se quer ampla e plural. Neste sentido, Nóvoa (2017) defende que, para além de uma formação universitária, a formação docente deve-se fazer no entrelaçamento entre escola, universidade e sociedade, em um lugar institucional que se caracterize pelo encontro e pela construção de diálogos constantes entre as diferentes instituições envolvidas nesse processo de formação. O autor, à medida que incorpora esta urgência no seu texto, aponta:

2. Texto que apresenta apontamentos da pesquisa de doutorado intitulada: *Congresso de Leitura do Brasil (1978-1987): espaço de formação*, defendida por mim junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp em abril deste ano. A tese integra um conjunto de outros trabalhos e pesquisas, concluídas e em andamento, ligados à pesquisa *ALB: Memórias*, orientada pela Prof.^a Dr.^a Lilian Lopes Martin da Silva, do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente na Formação Inicial (ALLE/AULA), da Faculdade de Educação da Unicamp.

Para avançar no sentido de uma formação profissional universitária, é necessário construir um novo lugar institucional. Este lugar deve estar fortemente ancorado na universidade, mas deve ser um “lugar híbrido”, de encontro e de junção das várias realidades que configuram o campo docente. É necessário construir um novo arranjo institucional, dentro das universidades, mas com fortes ligações externas, para cuidar da formação de professores. (NÓVOA, 2017, p. 1114).

Entendemos que se trata, portanto, de edificar um novo lugar de formação: um “entre-lugar”, em uma zona de fronteira entre as universidades e as escolas, que reúna pessoas comprometidas com o trabalho universitário, mas também com o futuro da profissão docente. Nesse sentido, Nóvoa ainda pontua que “é neste lugar que se produz a profissão de professor, não só no plano da formação, mas também no plano da sua afirmação e reconhecimento público.” (NÓVOA, 2017, p. 1115). Assim, a força deste “entre-lugar” está na possibilidade de construir novos entrelaçamentos que possam ir muito além da tradicional relação entre universidade/escola, onde o conhecimento acadêmico se faz indispensável, mas não ocupa uma posição de superioridade em relação às outras instâncias envolvidas. O que se propõe é um lugar de convergência e cooperação, onde se faça possível um percurso integrado e colaborativo de formação.

Foi a partir dessa perspectiva que elegemos os COLEs, promovidos pela Associação de Leitura do Brasil (ALB), entidade criada em 1981, como espaço de investigação. Partimos do pressuposto de que os COLEs se constituíram num importante contexto de formação, principalmente dos profissionais do ensino e especialmente dos professores, estejam eles em sua formação inicial ou continuada. Essas percepções acerca do evento enquanto um espaço pensado e organizado para a formação de professores se evidenciam a partir do contato e da proximidade com o acervo do COLE, por meio do movimento constante de leitura dos documentos organização, classificação, catalogação, decorrentes do trabalho assumido pela equipe da pesquisa *ALB: Memórias*³.

O trabalho no arquivo embasou os primeiros questionamentos a nos moveram para a realização desta pesquisa mediada por questionamentos tais como: os

3. Em quatro décadas a ALB acumulou em sua sede uma grande quantidade de materiais, originados das realizações dos diversos eventos que promoveu no período. Em 2009, pesquisadores do Grupo de Pesquisa ALLE/AULA iniciaram um trabalho que, culminou, em 2017, com a doação pela ALB, do conjunto documental referente ao COLE para o Centro de Memória em Educação da FE/ Unicamp.

COLES se propuseram, desde o início, a oferecer uma conjuntura voltada para a formação de professores? Esse era um desejo de seus organizadores? Como esse desejo se materializou nos distintos registros impressos produzidos nessas ocasiões? É possível, a partir dos documentos que pertencem ao acervo dos congressos, hoje reunidos e organizados no Centro de Memória da Educação (CME)⁴ da FE/Unicamp, localizar ou inferir, pela leitura, essa intenção? Como compreendê-la? Que formação é essa? Como ela se configura? Para qual professor ela foi pensada?

Ao mesmo tempo, foi se delineando um outro desejo de investigação. Considerando os professores participantes desse evento, seria possível conhecer e registrar algumas de suas percepções, que nos auxiliassem a nos aproximar de respostas às já citadas questões? Há documentos, no acervo do COLE, que tenham registrado as vozes dos participantes? Se existem, como tais vozes se aproximam, ou não, de nossa hipótese inicial?

Na impossibilidade de investigar todo o percurso do evento ao longo de suas vinte e uma edições (1978-2019), delimitamos nossa pesquisa na primeira década de realização do Congresso de Leitura do Brasil. O recorte temporal escolhido - 1978 a 1987 - justifica-se pelo fato de que, nesse período, estiveram à frente da organização dos congressos a equipe que o idealizou e que foi também a primeira diretoria eleita da Associação de Leitura do Brasil. Além disso, segundo Oliveira (2018), é possível notar algumas tendências nas primeiras seis edições do congresso que perpassam temáticas como a democratização da leitura, seus aspectos políticos e sociais, a escola, o ensino, a aprendizagem:

Os seis primeiros congressos (que estão entre aqueles que balizam essa investigação) inclinam suas reflexões para a democratização da leitura no país e para questões que perpassam, principalmente, pela escola, ensino, aprendizagem, recursos e espaços; em diálogo com esse primeiro momento de democratização política e social do país e do ensino. (OLIVEIRA, 2018, p. 19).

4. O Centro de Memória da Educação é um órgão vinculado à Faculdade de Educação da Unicamp. Mais informações em: www.fe.unicamp.br/institucional/centro-de-memoria-da-educacao. Acesso em: 14 de março de 2019.

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E CONSTRUÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, buscamos suporte teórico e metodológico nos referenciais da História Cultural, especialmente nos trabalhos de Chartier (1990) e Certeau (1998, 2002). Compreendemos, a partir desses referenciais, que, no movimento de busca pelos sentidos produzidos, por determinados sujeitos, situados em um determinado momento histórico, nos colocamos diante de representações particulares, inscritas no interior de discursos inevitavelmente doces ao tempo. É nesse bojo que conduzimos a aproximação da História Cultural tal como nos apresenta Chartier (1990): “esta história [que] deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”. (CHARTIER, 1990, p. 27).

Para o autor, o conceito de História Cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 1990, p. 16). Assim, pensando na construção dos sentidos como operação entre ordenamentos, desvios e reemprego singulares, realizar uma investigação que assume estes propósitos presume considerar “classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”, categorias estas que “são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Em Certeau (2002) temos a recusa de uma perspectiva metodológica que se apoie na ideia de interpretações totalizantes e hegemônicas, que buscam unificar as informações em uma única compreensão coerente. Pelo contrário, para o autor, a pesquisa histórica deve voltar-se para os desvios, trabalha nas margens, nos lugares de trânsito. Se situa na fronteira sempre mutável entre o dado e o criado.

Podê-lo-ia dizer que que ela não mais parte de ‘raridades’ (restos do passado) para chegar à uma síntese (compreensão presente), mas que parte de uma formalização (um sistema presente) para dar lugar aos ‘restos’ (indícios de limites e, portanto, de um passado que é produto do trabalho). (CERTEAU, 2002, p. 86).

Para referido autor, o passado não é algo dado que se desvenda no texto, mas o *produto* de uma operação que movimenta, desloca, desfigura, transforma, por meio do estatuto do documento, certos objetos que reorganizam a relação do presente com o passado. Segundo ele, a paisagem de uma pesquisa pressupõe uma maneira de caminhar inscrita em passos ora regulares, ora zigzagueantes (CERTEAU, 1998). O pesquisador se coloca frente a um “imenso canteiro de obras” provocado pela sua própria intervenção, e assim “trabalha sobre um material para transformá-lo em história” (CERTEAU, 2002). Movimenta uma “operação técnica”, cujos modelos de análise se colocam atentos às micro diferenças, concentram a atenção nos minúsculos espaços nos quais ocorrem jogos, palco onde táticas silenciosas e sutis “insinuem” (GIARD, 1998, p. 19).

Assim, ao buscar os sentidos produzidos por um grupo acerca dos COLEs, operamos com as representações mobilizadas e inscritas nos discursos desse grupo, sejam eles os discursos presentes nos documentos impressos, de autoria de seus organizadores, ou trazidos pela memória através dos depoimentos orais de participantes.

Tendo em vista esses objetivos, e de maneira propedêutica, o primeiro movimento da pesquisa se deu na constituição de um *corpus* composto por documentos impressos presentes no acervo do COLE no CME. Quando nos referimos aos documentos impressos, estamos falando de “todo texto escrito, manuscrito ou impresso, registrado em papel” (CELLARD, 2012, p. 197). No caso do conjunto selecionado por nós, nos detivemos apenas nas fontes primárias, ou seja, aquelas produzidas por testemunhas diretamente relacionadas ao fato, neste caso, documentos impressos produzidos por aqueles que tenham participado da elaboração e realização dos COLES no período por nós recortado.

Entre as possibilidades de ordenamento viabilizadas pelo conteúdo do acervo, selecionamos os seguintes conjuntos: 1.) Documentos do Departamento de Metodologia de Ensino (DEME), composto por cinco documentos, dentre eles projetos, relatórios e sínteses do departamento; 2.) Programas dos eventos: composto por folders que trazem a programação detalhada do 1º, 3º, 5º e 6º COLEs; 3.) Anais e Cadernos de Resumos, que reúnem os impressos dos Anais e Cadernos de Resumos das seis primeiras edições do COLE.

Em um segundo momento, operamos a coleta de depoimentos orais, na busca de professores que tivessem participado das primeiras edições dos COLEs na condição de professores da educação básica. Para seleção dos entrevistados, recorreremos inicialmente a listas de inscritos dos 2º e 4º COLEs, que constavam nos livros de

atas presentes no acervo. Após esse levantamento, realizamos buscas na internet desses nomes no intuito de contatá-los. Selecionamos, assim, três professoras que aceitaram participar das entrevistas. Outra estratégia para localização de potenciais participantes a serem entrevistados, foi o envio de formulários via e-mail para os participantes do 21º COLE, que ocorreu no mês de julho de 2018, durante a investigação. Neste contato, localizamos treze pessoas que haviam participado de alguma das primeiras edições do COLE, mas somente uma entrevista foi realizada. Por fim, por meio de contatos pessoais, localizamos mais duas professoras que haviam participado do COLE no período e aceitaram o convite para a entrevista.

As dificuldades apresentadas na localização para entrevista com pessoas que tivessem participado das primeiras edições dos COLEs nos trouxeram um grande desconforto. A princípio, diante do grande número de participantes dos COLEs já em suas primeiras edições, imaginamos que reuniríamos sem dificuldades um grupo de dez ou doze professores. Em momento algum consideramos o quão difícil seria encontrá-los, e mais, que grande parte dos encontrados não aceitaria participar da pesquisa, seja recusando, seja ignorando nosso convite. Essa situação foi, algumas vezes, colocada em discussão em reuniões do grupo ligado à pesquisa *ALB: memórias*. O que poderia nos indicar essa dificuldade? Esse silêncio? Essa recusa à participação na pesquisa não seria algo de significado? Uma hipótese levantada foi de que, pelo tempo transcorrido, tais pessoas estavam tão distanciadas do trabalho que haviam tido no magistério, das preocupações com as quais ocupavam-se na época, que optaram por não se mobilizar. Outra hipótese a considerar é que, para além do ponto de vista dos organizadores dos congressos em relação aos professores, a habitual hierarquia vertical nas relações que sempre caracterizaram os contatos da universidade com o ensino básico, geram tensão entre a academia e a escola. A manifestação abstêmia desse contingente pode indicar uma consolidação desse efeito.

A coleta de depoimentos orais foi realizada no período de julho/2018 a fevereiro/2019. O local de realização poderia ser sugerido pelo próprio entrevistado, sendo realizadas duas entrevistas na FE/Unicamp, duas na residência das entrevistadas e outras duas em seu local de trabalho. Uma vez coletados todos os depoimentos planejados, iniciamos sua transcrição, mantendo, sempre que possível, as marcas de oralidade nelas presentes. Fizemos uma primeira revisão, buscando garantir uma boa cadência na leitura, introduzindo as marcas próprias da escrita. Encaminhamos o resultado aos entrevistados, para leitura e alguma revisão desejada.

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO: DO DESEJO DE FORNECER À POSSIBILIDADE DE DAR VOZ

Já em sua proposta inicial, conforme documentos do DEME⁵ referentes aos anos de 1977 e 1978, como nos documentos referentes às primeiras edições do COLE, a organização responsável pelo evento deixou marcas de sua intenção de fazer dele um espaço de formação de professores do ensino de 1º e 2º graus. Pudemos perceber vários indicadores em que se afirmava esse desejo – aproximação dos professores da educação básica com o trabalho realizado na academia por pesquisadores e professores universitários. Um desejo que muitas vezes era pautado na crença de que esses trabalhos poderiam, assim como estabelece L. Andrade na reflexão sobre o tema, “exercer influência sobre a própria realidade sobre a qual pensam” (ANDRADE, 1997, p. 16) seja pela transmissão de visões sobre o ensino, seja mediante pesquisas, o pensamento teórico seria colocado à disposição dos leitores interessados, uma vez que abrisse a possibilidade de, como consta no relatório do já referido DEME, “instigar ou provocar rápidas mudanças na realidade educacional brasileira” (FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNICAMP, p. 10, 1977)

Especialmente nas duas primeiras edições do Congresso, realizadas nos anos de 1978 e 1979, pode-se identificar, nos discursos percebidos nos documentos, a representação de um professor que, formado no período ditatorial, não havia sido adequadamente preparado para atuar numa sociedade que se queria democrática. Além disso, aqueles que já atuavam como professores neste período, estariam habituados a um fazer docente que era burocratizante e reprodutor de um tecnicismo que lhe era imposto pelos sistemas de ensino até então. Nota-se nesse encadeamento, uma tendência em sugerir que o professor não possuía senso crítico, e reproduzia sem criticidade as orientações que recebia das instâncias superiores. Ao professor, nos parece, que foi atrelada uma representação de um sujeito alienado, ingênuo, acrítico, iletrado; mas que precisa vir a ser construído para apresentar-se em uma outra condição, esta que abrigaria os antônimos dos adjetivos que representavam o referido discurso. Há indicativos, encontrados no caderno de resumos da sua edição de 1979, da representação de um professor que, em função de sua formação deficiente e das precárias condições de trabalho, é visto como marginalizado, excluído, oprimido e carente da leitura:

5. FACULDADE DE EDUCAÇÃO – UNICAMP, *Plano bienal do Departamento de Metodologia de Ensino (1978-1979)*.

O professor brasileiro, dada a sua condição de oprimido, também é carente de leitura. O salário não dá pra comprar livros; o número de aulas não facilita momentos para leitura (corremos de uma escola para outra como abelhas operárias); não existe biblioteca especializada nas escolas; os cursos de licenciatura esquecem de propor elemento sobre a teoria da leitura. (COLE, 1979, p. 4)

Assim, como proposta de enfrentamento desta problemática e também como caminho possível para a superação das condições de precariedade em que se encontravam o sistema educacional e, conseqüentemente, a formação de leitor, o COLE buscou promover fortemente o que se identificava enquanto uma necessária atualização do professor a partir da concepção de educação como ato político e, portanto, isento da neutralidade técnica defendida até então. A própria ideia de atualização para os profissionais do ensino sugere que, estando fora daquilo que é atual, necessitam se reciclar, renovar, amodernar. Essa atualização pressupunha, registrada nos impressos referentes ao evento de 1979, portanto, a “retomada crítica” (COLE, 1979, p. 02) por parte do professorado, que seria possível, entre outros aspectos, a partir da “tomada de consciência” do caráter político de sua prática pedagógica, a partir de um “conjunto de teorias (conteúdo científico e filosófico) que, por hipótese, o ajudariam em sua prática” (COLE, 1979, p. 4).

No entanto, a partir da leitura das entrevistas, pudemos localizar alguns indicativos que se contrapõem à representação de professor apresentada nesses documentos, nota-se posturas que se distanciam da ideia de um professor alienado e passivo. A partir desses apontamentos, podemos inferir que essas professoras, à revelia da representação que se tinha delas, já buscavam no congresso um lugar de reflexão, onde era possível realizar um esforço analítico sobre sua atuação; desejavam estar ali, participando ativamente dele.

(...) como eu tinha ingressado na rede pública eu precisava pensar o ensino de literatura que era algo que não tinha espaço lá. Eu queria resolver, pensar essas questões (...) (informação verbal)

E eu falei: eu vou participar mais a fundo disso, eu não quero ficar só assistindo. (...) porque eu pensava: taí uma ação, uma iniciativa que bate direto com aquilo que eu quero, na área, no meu trabalho, e aí que me inscrevi lá e acabei sendo escolhida

pra diretoria. Aquilo que eu fazia me bastava e me deixava bastante recompensada. (informação verbal)⁶

Especialmente as duas primeiras edições do COLE parecem movimentar um intuito de formação em que o professor universitário/ pesquisador, detentor de um saber crítico e legítimo, portanto além do nível do senso comum, pretendia-se munir e fornecer ao professor de 1º e 2º graus de teorias críticas que colaborariam na sua apreensão da realidade e o ajudariam a melhorar sua prática pedagógica.

No entanto, quando olhamos para os relatórios de avaliação destas edições do evento, vemos que muitos dos congressistas se posicionaram criticamente diante desse formato. Ainda que grande parte das avaliações, ao exemplo do que é encontrado no material referente ao COLE de 1978, consideraram que o evento conseguiu atingir seus objetivos, as respostas aos questionários de avaliação acusaram, contudo, um excessivo “discurso acadêmico”, ideias que “não chegaram aos professores de 1º e 2º graus” (COLE, 1978, p. 87).

A partir do 3º COLE, identificamos alguns indícios que apontam para um outro modo de propor esse contexto de formação, a partir de duas tendências principais: 1) da busca por consolidação das pesquisas na área de leitura – associada ao convite, direcionado a professores, para participarem de forma ativa desse movimento e, sendo assim, encaminhariam para a pesquisa suas questões e problemáticas da prática em sala de aula; 2) o estímulo à formação de grupos e consolidação de coletivos, que se concretizou na fundação da ALB, na busca de diálogo com as demais associações e sindicatos ligados aos professores e demais interessados na leitura, como as associações de bibliotecários e de editores.

Considerando avaliações dos participantes e análises dos organizadores nos COLES anteriores, a 3º edição do Congresso manteve – e ampliou – a tônica da importância da formação política dos educadores, no entanto, pareceu tensionar a ideia e o formato de uma pretensa atualização presente nas edições anteriores. Pela primeira vez, o COLE disponibilizou uma abertura para a inscrição e apresentação de trabalhos e trocas de experiências, o que, em conjunto com outras iniciativas, parecia tentar romper com a ideia de unilateralidade apontada anteriormente.

6. Entrevistas concedidas respectivamente em 12/07/2018 e 22/11/2018. As transcrições na íntegra estão disponíveis no Anexo II da tese de doutorado: *Congresso de Leitura do Brasil (1978-1987): espaço de formação*.

A aspiração à ação assimétrica e unilateral, dada ao pretense fornecimento aos professores propostas para melhoria do ensino, não estava novamente presente nos objetivos do evento a partir do 3º COLE. Ao contrário, desta vez, o que se buscava era a promoção de uma reunião dos interessados na temática da leitura, e assim, apresentar, refletir e debater suas variadas propostas. O movimento anterior, que propunha predicar a atuação dos professores à atividade acadêmica, deu lugar à reflexão, cuja promoção poderia partir de todas as partes componentes do congresso.

Na ocasião, a aproximação dos professores da escola básica com as práticas de pesquisa, próprias do ambiente universitário, parecia ser algo bastante inovador. Havia, porém, uma tradição que dicotomizava os papéis do professor universitário e do professor do ensino de primeiro e segundo graus, condição esta que, muitas vezes, como é encontrada nas fontes, “tornava bastante problemática a relação entre o professorado e a universidade”. (COLE, 1978, p. 28).

A ALB tornou-se, a partir de 1981, responsável pela realização dos COLEs. Pode-se perceber, a partir dos Resumos do 4º, 5º e 6º COLES, que o crescimento quantitativo do número de trabalhos apresentados⁷ permaneceu. Isso certamente indica um resultado positivo no que tange à consolidação na pesquisa na área da leitura, no entanto, alguns documentos referentes ao 4º COLE parecem sugerir que, ainda que estudos e pesquisas na área da leitura tenham avançado, as condições para formação dos leitores nas escolas não seguiam a mesma tendência.

Assim, os 5º e 6º COLES também nos pareceram movimentar mudanças de concepção em relação às edições anteriores. Ambos apresentam temáticas clara e diretamente voltadas aos professores e sua atividade de ensino: o 5º COLE, realizado no ano de 1985 teve como tema *O Professor e a Leitura*, enquanto o 6º COLE, realizado em 1987, trazia o tema *A Questão dos Métodos e o Método em Questão*.

Se os documentos referentes aos dois primeiros congressos desenharam uma relação verticalizada e hierárquica entre a universidade e a educação básica nos aspectos da produção e divulgação do conhecimento, a partir dos COLES posteriores este desenho progressivamente se alterou. Nele, o professor pareceu desafiado a ocupar um lugar de maior participação como disseminador de conhecimentos, formador de leitores, solucionador de problemas.

7. No 4º COLE foram apresentados 35 trabalhos. No 5º COLE foram 61 apresentações e 13 grupos de estudos. O 6º COLE contou com 21 grupos de estudos e cerca de 900 inscritos, mas não há informações sobre o número de trabalhos apresentados.

Nesse sentido, a partir dessas edições do COLE, ao professor é proposto um convite ao engajamento, enunciado por meio de um ambiente voltado à análise e reflexão das suas experiências docentes. Especificamente, a proposta foi viabilizada com inserção do professor enquanto agente na formulação de resoluções dirigidas ao conjunto de problemas que suscitava a questão da leitura. Ora, diante da dupla constatação de que as pesquisas sobre leitura se consolidavam e traziam contribuições relevantes para a área, também se percebia que esses avanços não haviam provocando mudanças no cotidiano das escolas. O caminho indicado deveria ser aproximar os professores destas propostas que veiculavam, por intermédio dos grupos de estudos, a aquisição de outros conhecimentos teóricos e metodológicos – possivelmente desconhecidos fora do circuito acadêmico. Incorporava-se, assim, estes professores ao debate realizado na academia, de forma que pudessem compartilhar suas experiências, dificuldades, propostas, etc. Ganhava força a ideia de reflexão, debate, troca de experiência entre os participantes.

Eu lembro que tinha uma coisa que o Wanderley dizia: professor precisa falar! Ele precisa dizer a palavra dele, ele precisa falar. E a gente tem que abrir o espaço pra eles, como é que a gente faz isso? É pensando em atividades que possam envolver os professores, a participação deles... e num dos Coles eu vi[isso]... eu fiquei muito feliz! Porque eu vi uma série de posters de professores e esses posters relatavam não pesquisas acadêmicas, mas o trabalho da sala de aula deles com a leitura e a escrita, e depoimentos deles, eu achei muito bonito (...) porque os professores começaram a vir para o Cole. Os professores que estavam na sala de aula, não só o pessoal acadêmico, das universidades, os convidados, mas o pessoal da sala de aula. (Informação verbal)⁸

Nessa lógica, um dos movimentos mais representativos dessa concepção de formação a partir de estudos que pudessem embasar o professor em suas tomadas de decisões e enfrentamento dos problemas da prática foi a criação, no 5º COLE, dos Grupos de Estudo: foram treze grupos no 5º COLE e vinte e um no 6º COLE. Na ocasião, para o congressista que desejasse propor um grupo de estudos, não havia exigência de titulação acadêmica. Havia a abertura para que todos os inscritos no evento, fossem eles professores universitários, do ensino de 1º e 2º graus, escritores,

8. Entrevista concedida em 22/11/2018. A transcrição na íntegra estão disponíveis no Anexo II da tese de doutorado: *Congresso de Leitura do Brasil (1978-1987): espaço de formação*.

bibliotecários, estudantes e outros interessados, elaborassem e apresentassem suas propostas que seriam avaliadas pelos organizadores do evento.

O 5º COLE, que recebeu representantes de todos os estados brasileiros e de alguns países da América Latina, foi avaliado positivamente pelos participantes, que consideraram a proposta positiva e produtiva à medida que permitiu o debate e o diálogo entre as pessoas. Os grupos de estudos foram avaliados muito positivamente. No material de análise, alguns trechos evidenciam esta recepção uma vez que “por funcionarem como minicursos, levaram as pessoas a um conhecimento mais significativo a respeito de temas específicos”, demonstrando “que a grande maioria dos participantes mostrava desejo e vontade de conhecer e discutir as novas experiências para o ensino de leitura” (COLE, 1985, p. 125).

O grande interesse e participação dos congressistas nos grupos de estudos do 5º e 6º COLES também podem apontar para a relação existente, já em meados dos anos 1980, entre as discussões produzidas por pesquisadores – que também participavam dos COLES no mesmo período – e as diretrizes curriculares que foram implementadas em alguns estados, especialmente no estado de São Paulo. Alguns grupos de estudos foram coordenados por esses pesquisadores, muitos já com certo prestígio no contexto acadêmico nacional, que também dialogavam com as políticas públicas para a leitura.

As temáticas propostas no 5º e 6º COLE são bastante representativas dos debates sobre leitura e ensino de leitura que, enquanto evento, o COLE movimentou, impulsionou e fomentou naquele momento. Se, especialmente nas primeiras edições do COLE, o eixo das discussões sobre leitura se centrava na formação do leitor crítico e na discussão da dimensão política e ideológica da prática educativa, o 5º e 6º COLES apresentam temáticas mais claramente voltadas para as questões do ensino, abarcando aspectos didático-metodológicos do ensino da leitura na escola. Neste sentido, Santos (2019) afirma:

... após a abertura democrática, as discussões se voltam a como ensinar leitura, no sentido de orientar a escola para o cumprimento de seu papel de promover a formação de leitores. Ainda que muitas temáticas sejam discutidas, permanece a preocupação pedagógica e a tentativa de sistematização de um *saber pedagógico para o ensino da leitura e sua universalização*. (até o 6º COLE, 1987) (SANTOS, 2019, p. 91).

Ao analisarmos os primeiros COLES como um contexto de formação, encontramos um congresso que, já em sua concepção, propunha aproximar os professores

da escola básica com os trabalhos que vinham sendo realizados na academia. Esse talvez tenha sido o grande ponto de tensão que se colocou nesses primeiros anos. A proposta inicial, assimétrica e verticalizada, calcada na pressuposição de diferentes e estabelecidos papéis para cada um dos componentes do congresso, deu lugar à concepção de um ambiente reflexivo, e a valorização, posteriormente, do estudo, da experiência, o que possibilitou a amplificação discursiva de uma variedade maior de sujeitos, e assim, escutar as suas vozes. Ainda que os modos de realização tenham se modificado no decorrer das edições, o que permanece nos seis primeiros COLEs é a crença de que a pesquisa, a ciência, o trabalho acadêmico, em conjunto com os professores dos diferentes níveis, poderia contribuir de maneira singular para a melhoria da escola e da educação, seja como orientadora do trabalho que se fazia na escola, seja como proponente de políticas públicas para melhoria das condições da promoção da leitura e formação do leitor.

Além disso, pudemos notar a tensão que os atravessou e persistiu; entre o desejo dos coordenadores de ouvir, aproximar, dialogar com os professores da educação básica, em uma busca para colocá-los numa condição simétrica, de paridade, ou até mesmo de conferir a estes o protagonismo em relação ao ensino e à educação e a ênfase que se deu, em alguns momentos, às contribuições vindas do mundo acadêmico. Um contexto compartilhado por diferentes agentes, mas não isento de tensões. Tensões estas que não se restringiram aos níveis escolares – ensino superior/escola básica – mas que se instituiu nas relações entre o COLE e seu momento de realização: as alterações de legislação, de currículo, às greves de sindicatos e da categoria docente, a emergência de novas propostas para o livro e a leitura, o fortalecimento de novos meios de comunicação, etc.

Nesse período, também pudemos notar, não só a emergência de novas concepções sobre ensino, leitura, escola – embasadas e amparadas pela pesquisa acadêmica – como também seu fortalecimento e legitimação. Estas discussões deram visibilidade tanto às ideias eram apresentadas, quanto aos pesquisadores que as propuseram e estes, muitas vezes, mantiveram a condição de “orientadores” ou “norteadores” do trabalho dos professores de 1º e 2º graus. Sobretudo, mediante aos grupos de estudo ou minicursos, os professores puderam tomar contato com essas ideias, também pensar sobre elas, esclarecê-las, aprofundá-las.

Ao rememorar suas participações nos primeiros COLEs, Geraldi (2012) evoca um lugar de encontros, muitas vezes imprevistos, de parcerias, como um evento

verdadeiramente democrático e que acolheu as vivências e preocupações de diferentes sujeitos.

Creio que encontros como este são o fruto imprevisto, mas nem por isso menos rendoso, de um congresso como o COLE. Nele se encontram parceiros preocupados com as mesmas questões. É um evento efetivamente democrático, de e para professores de todos os níveis de ensino. Aberto a falas e a escutas. Soam bem as vozes dos professores com suas vivências e suas preocupações, como soam bem as vozes supostamente mais informadas e conformadas aos moldes da academia. (GERALDI, 2012, p. 09)

Por fim, essa parece ser uma característica importante dos últimos COLEs pesquisados no nosso recorte, que, muito possivelmente, impulsionaram e consolidaram sua relação com os professores de diferentes níveis: um espaço de encontros que pretendia ser verdadeiramente aberto a falas e escutas, um lugar onde o professor pôde falar, ser ouvido, e também pôde ouvir, discutir, dialogar... Com o desejo de dar voz, o COLE se fez ouvir, se fez presente ainda hoje e tem nos presenteado, nesses mais de quarenta anos, com tantas vozes, vivas, atuantes e relevantes, que não se calaram e nem se aquietaram, mas tem colaborado de maneira bastante significativa na construção da história da leitura em nosso país.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. T. Procura-se um formador – a produção universitária sobre ensino de português: uma ação reflexiva. *Leitura Teoria & Prática*, Campinas-SP, n. 29, p. 16-29, jun. 1997.
- CELLARD, André. A análise documental. In: *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Coautoria de Jean Poupart. Tradução Ana Cristina Nasser. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CERTEAU, M. A operação histórica. In: CERTEAU, M. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- CHARTIER, R. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos*. 1º COLE e 1º COBI. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos*. 2º COLE. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1979.

- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais. Comunicações Oficiais*. 5º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985.
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO. *Relatório de Atividades do Departamento de Metodologia de Ensino*, ano de 1977.
- GERALDI, J. W. Por traz do Cole: a Associação de Leitura do Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 18., Campinas, SP. *Anais do 18º Cole*, Campinas-SP: ALB, 2012. Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais18/. Acesso em: 25 de mar. 2020.
- GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- NÓVOA, Antonio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000401106&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 de julho de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/198053144843>.
- OLIVEIRA, Larissa de Souza. *Os espaços de leitura nas páginas do Congresso de Leitura do Brasil – COLE (1978-1993)*. 2018. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.
- SANTOS, Geniana dos. *Políticas Curriculares de Leitura: crise, antagonismo e negociação no Congresso de Leitura do Brasil (COLE)*. Curitiba: CRV, 2019.

SOBRE A AUTORA

Renata Aliaga é graduada em Pedagogia (Universidade Estadual de Campinas), tem Mestrado em Educação (Universidade Estadual de Campinas) e Doutorado em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Campinas. Tem experiência na área de leitura, história da leitura, bibliotecas escolares, memória e formação docente, com pesquisa nos seguintes temas: prática docente, leitura e literatura.
E-mail: renata.ifspcampinas@gmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2797-4078>.

Recebido em 27 de abril de 2020 e aprovado em 29 de junho de 2020.

Cartazes dos COLES: discursos em imagens¹

Posters of coles: discourses in pictures

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p45-64>

LILIAN LOPES MARTIN DA SILVA²

LUCIANE MOREIRA DE OLIVEIRA³

RESUMO: O catálogo *Tempo de Cole* possui 19 cartazes dos Congressos de Leitura do Brasil, acompanhados de especificações técnicas e dos temários de cada congresso durante o período de 36 anos, de 1978 a 2014. A publicação é resultado do projeto “ALB: memórias”, cujo objetivo principal é a criação e a pesquisa do arquivo histórico da Associação de Leitura do Brasil (ALB), uma entidade criada em 1981, em estreita colaboração com a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Neste texto apresenta-se um esforço de leitura dos cartazes dos congressos, que, em imagens e palavras, registram discursos significativos e que podem ser explorados para a construção de uma história da leitura em nosso país.
PALAVRAS-CHAVE: Associação de Leitura do Brasil; Congresso de Leitura do Brasil; memória; história da leitura no Brasil; leitura.

ABSTRACT: The catalog *Tempo de Cole* consists of the 19 posters of Reading Conferences of Brazil, followed by technical details and general themes of each venue that happened between 1978 and 2014 (36-year coverage). The publication is a result of the research carried out in the Project ALB – Memoirs, whose main objective is the investigation and creation of the historical

1. Versão reformulada do texto originalmente publicado em espanhol nos Anais do XVIII Coloquio de Historia da Educacion - arte, literatura y educacion, 2015, VIC - Barcelona. v. 2, p. 383-392.
2. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
3. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

archives of Associação de Leitura do Brasil (Reading Association of Brazil - ALB), an organization founded in 1981, in close collaboration with the Faculty of Education at Unicamp. In this work we present an effort of interpreting the posters of congress, which, in pictures and words, recorded significant speeches related to a history of reading in our country.

KEYWORDS: Associação de Leitura do Brasil; Reading Congress of Brazil; memoirs; reading history of Brazil; reading

1. OS CONGRESSOS DE LEITURA DO BRASIL (COLES) E A PESQUISA ALB: MEMÓRIAS

Os Congressos de Leitura do Brasil, os Coles, como ficaram mais conhecidos, representam uma das iniciativas da Associação de Leitura do Brasil (ALB)⁴ em favor das reflexões e discussões sobre a leitura no País. Um evento que se realiza a cada dois anos na cidade de Campinas, SP, e está consolidado entre professores, estudantes e pesquisadores, compondo a história de quase 40 anos da ALB e se destaca no cenário nacional.

Desde seu início, em 1978,⁵ o congresso realiza uma programação que, com o tempo, se amplificou e diversificou, movimentando não só o que há de mais recente no campo das pesquisas em leitura, educação e ensino, como várias manifestações artísticas, entre elas a literatura, o cinema, a música, espetáculos teatrais, etc. A decisão por um evento que tivesse um caráter híbrido pautou-se sobretudo na compreensão de que a luta pela democratização da leitura no País trazia junto dela a luta pelo direito de todos a uma formação humana e cultural que transita não só pelas experiências educacionais como também pelas produções artísticas e literárias.

A importância dos Congressos de Leitura do Brasil e da Associação que os realiza para uma história da leitura em nosso país nos parece inegável. O Cole é o único evento nacional dedicado ao tema da leitura; tem projetado, ao longo das últimas décadas, reflexões brasileiras e estrangeiras de muito significado e articulado discussões no campo político e educacional; inclui, também, as vozes daqueles que desejam relatar e expor pesquisas e experiências: professores, bibliotecários,

4. Site da Associação de Leitura do Brasil: <http://alb.com.br/>.

5. As três primeiras edições dos congressos (1978, 1979 e 1981) se realizaram sob a coordenação do Departamento de Metodologia de Ensino (FE/Unicamp), extinto no ano de 2005. Durante as atividades do 3.º Cole, fundou-se a ALB, na noite de 14 de novembro de 1981.

estudantes e outros, colaborando para modular os pontos de vista que se fazem hegemônicos no tecido social.⁶

A pesquisa sobre os Congressos de Leitura do Brasil mobiliza os variados documentos que registram o percurso desse evento e integra o projeto *ALB: memórias*⁷, cujo objetivo maior é a constituição do arquivo histórico da entidade, viabilizando o trabalho com os documentos localizados e organizados em vários grupos, de modo a contribuir para sua preservação e para a compreensão dos objetos de conhecimento na história. Agrega alunos da graduação, da pós-graduação e voluntários numa experiência coletiva, com o intuito de compartilhar modos de fazer e de pensar a pesquisa de caráter histórico e todas as suas operações. Encontra sentido no interior das discussões em torno dos desafios e da importância da constituição de arquivos e acervos de memória de instituições culturais e de educação. Inspira-se nas recentes contribuições trazidas pela História Cultural, sobretudo de autores que se dedicam à história do livro e da leitura.

O trabalho ligado aos Congressos de Leitura visa localizar, identificar, reunir, classificar, digitalizar e disponibilizar as fontes impressas, sonoras, iconográficas e fílmicas do evento, que se encontram disponíveis não só na sede da Associação de Leitura do Brasil (ALB), mas também em outros locais, como: Biblioteca Pública Municipal, Prefeitura Municipal de Campinas (Secretaria de Cultura), Arquivo Permanente do Departamento de Metodologia de Ensino (FE/Unicamp).⁸

São variados materiais que expressam visões, relevâncias, pontos de vista, olhares, etc., que vão de fotografias, registros sonoros, fitas em VHS, DVDs, folhetos de divulgação, programas acadêmicos, culturais, materiais de identificação dos congressistas e dos organizadores, correspondência, etc.⁹

Desse universo bastante diversificado também fazem parte os cartazes do evento, cujo conjunto tomamos como nosso objeto de reflexão neste texto, com a intenção de, tão somente, apontar para o potencial de análise neles contido.

6. A obra *Políticas Curriculares de Leitura: crise, antagonismo e negociação no congresso de leitura do Brasil (Cole)*, de Geniana dos Santos, publicada pela Editora CRV, de Curitiba, em 2019, exemplifica essa afirmação, assim como a tese e a dissertação defendidas na FE/Unicamp e outros trabalhos disponíveis em: <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias/producoes-e-publicacoes>.
7. Trabalho de Pesquisa sob a responsabilidade da Professora Lilian L. M. Silva, do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente e Formação Inicial (ALLE/AULA) da FE/Unicamp. Disponível no site da pesquisa <https://www.fe.unicamp.br/pesquisa/grupos-de-pesquisa>.
8. No presente momento, todo o acervo está reunido e vem sendo processado no Centro de Memória da Educação, na FE/Unicamp, para o qual a ALB fez doação do material em novembro de 2017.
9. Resultou desse esforço um conjunto de trabalhos, que estão disponíveis na íntegra em <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias/producoes-e-publicacoes>.

2. IMAGEM E MATERIALIDADE

Selecionamos como material de leitura 17 cartazes impressos relativos às edições do congresso de 1978 a 2009.¹⁰ Eles articulam, em sua materialidade, conteúdos e formas que apontam para diferentes aspectos a serem interpretados. Tomá-los nessa materialidade, resultante de um determinado projeto gráfico que se dá a ler em um circuito de comunicação¹¹, implica concebê-los não apenas como fontes para o desenvolvimento desta ou daquela reflexão, mas como objetos de pesquisa. Mais do que servir-se de seus “conteúdos” para, através deles ou com eles, investigar certo assunto ou tema, é preciso lê-los nessa materialidade, e com ela buscar compreender os sentidos ali engendrados.

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja ele, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. (CHARTIER, 1988, p. 126-127)

Para Chartier, os sentidos de um texto ou imagem (assim como aqueles dos cartazes) precisam ser buscados nas redes complexas que estabelecem e em que se inserem. Estas envolvem: autoria, fabricação do impresso, suas formas de circulação e recepção, esta última também entendida como outra produção, que remetem para diferentes apropriações ou usos feitos pelos leitores.

Essa é uma abordagem que considera os cartazes como uma materialidade que dialoga com outros documentos, com outras expressões e com a situação em que se encontram enraizados, podendo ser significados como objeto e fonte documental potente na constituição das narrativas históricas, especialmente quando, nesse diálogo, permitem que diferentes ângulos das questões sejam abordados.

10. Nas quatro últimas edições do congresso (2012, 2014, 2016 e 2018) não houve a impressão de cartazes. A divulgação dos eventos foi feita através da WEB (sites dos congressos e da ALB e redes sociais), que passa a assumir a posição de mídia master. Os sites agregam informações que contêm também outros elementos, como ficha de inscrição, programação, apresentação, galeria de imagens, etc. É um processo iniciado em 2005, quando a ALB, entidade realizadora dos Coles, construiu seu primeiro site. Desde então temos um deslocamento do material produzido no formato impresso (papel) para o formato digital. O último cartaz impresso do Cole no formato tradicional foi produzido em 2009 para o 17.º Cole.

11. Sobre o conceito de “circuito de comunicação”, ver Darnton (2010, p. 127).

Da mesma forma, Bakhtin (1979), ao propor a linguagem como interação, permite pensar qualquer manifestação (oral, escrita, imagética, verbal...) como sendo um enunciado, mas cujo sentido não está nele contido e, sim, na enunciação, ou seja, nos elos que ele “estabelece” com outras manifestações, com o que está para além dele nos diversos tempos (passado, passado e futuro).

Nesse sentido, compreender os cartazes significa tomá-los em sua complexidade, resultante de enunciados verbais e imagéticos construídos em linguagens diversas e conjugadas, bem como de sua materialidade e dos elos que estabelecem com a situação em que são fabricados.

3. UM EXERCÍCIO DE LEITURA

Os cartazes dos Coles não só registram discursos sobre a leitura, mas indiciam a relação dessa prática e dos congressos com a sociedade brasileira, a educação e seu tempo. Seus sentidos, não sendo imanentes, podem ser construídos nessas relações. Tomando tais cartazes nas finalidades de sua existência, naquilo que veiculam, nas ênfases dos congressos que divulgam, nos modos como o fazem, na rede de relações que dão sustentação aos eventos anunciados, no diálogo que estabelecem com o momento histórico de que fazem parte, é possível uma aproximação desses sentidos.

3.1.

A totalidade dos cartazes faz referência aos **locais de realização** de cada evento, ora de forma genérica, como “Unicamp”, ora com maiores especificações, como “Ginásio Multidisciplinar da Unicamp”. Embora desde o 8.º Cole (1991) este evento tenha se fixado nas dependências da universidade, no período anterior, realizou-se em outros locais da cidade, como o Centro de Convivência Cultural (CCC), alguns colégios tradicionais Colégio Culto à Ciência, Colégio Progresso e Escola Normal, além da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP).

Ao mapear os diferentes locais de realização dos Coles através da leitura dos cartazes, podemos pensar nas transformações do evento no decorrer do tempo, especialmente em seu público, que se ampliou significativamente, e em seu formato, que exigiu uma diversificação de locais, de modo a acolher as atividades planejadas. Também é possível recuperar o que parece estar na origem dos Congressos e das Feiras de Livros,

ou seja, o desejo de popularização do livro e da cultura, associando tais iniciativas a espaços prestigiados da cidade, como o Centro de Convivência Cultural.

Assim se manifesta, por exemplo, o jornal campineiro *Diário do Povo* em sua edição de 15 de outubro de 1979, a propósito da escolha desse local para a realização da Feira das Feiras, que integrou a programação do 2.º Cole:

...conforme assinalou a diretora de departamento da Secretaria de Cultura, Ana Cristina Martorano do Amaral, que procedeu o corte da fita inaugural ontem as 14 horas, a Feira das Feiras propõe maior dinamismo ao Centro de Convivência Cultural, “com a ocupação de todo o espaço dessa obra para as diferentes atividades culturais e maior acesso ao povo”. (Caderno Local, página 5)

Na mesma direção, temos a afirmação de Silva *et al.* (2014, p. 60):

O 1.º COLE parece ter sido, pois, pensado, planejado e realizado como parte de uma Feira de Livros da cidade, evento, de caráter popular. Com isso, aproxima-se de sua vontade política de integrar as discussões sobre o livro, a literatura e a cultura ao público em geral. Seu Temário Geral – **Leitura para Todos** reforça sua busca de popularização ou democratização da leitura. Realizou-se entre os dias 23 e 24 de setembro de 1978, nas dependências do Centro de Convivência Cultural de Campinas/SP, junto de uma Feira do Livro, que se esparramava pelas galerias do teatro. Com isso, buscava-se também “popularizar” esse espaço que se elitizara na cidade, contrariando as aspirações para com esse local.

3.2.

Em todos os cartazes, do 1.º ao 17.º Cole, estão também registrados os **realizadores, patrocinadores, colaboradores e apoiadores do evento**. São editoras, agências de fomento à pesquisa, bancos, agências de turismo e de comunicação, órgãos públicos, como Secretarias de Educação e Cultura, entidades e associações. A cada evento, uma rede de sustentação para ele, mobilizando variados recursos necessários à sua realização. Congresso e Feira do Livro parecem ter representado elementos de distinção e legitimidade, fazendo parte das ações de *marketing* cultural de muitos dos órgãos apoiadores.

Um exemplo de parte dessa rede está na matéria do jornal campineiro *Diário do Povo*, que destaca alguns dos colaboradores e patrocinadores da Feira das Feiras

durante o 4.º Cole: “Nesse ano a Feira das Feiras traz muitas novidades para o público e a colaboração do SESC, Arte Índia/Funai, Departamento de Parques e Jardins, Banco Noroeste e Câmara Brasileira do Livro além da SMCET” (04 nov. 1983, p. 13).

A rede se amplia, quando recorremos ao cartaz desse mesmo 4.º Cole, onde se lê que o evento estava também sendo apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico - CNPq, pela Faculdade de Biblioteconomia da PUC, pela Associação Campineira dos Bibliotecários, pelo Colégio Culto à Ciência, pela Nestlé, pela Varig e pela Telesp.

3.3.

Distribuímos em quatro grupos os **projetos gráficos dos 17 cartazes selecionados**, considerando tão somente seu aspecto iconográfico, ou seja, tendo em conta se temos uma ilustração, uma composição gráfica, pintura ou fotografia.

As imagens dos primeiros cartazes, do 1.º ao 8.º Cole, de 1978 a 1991, são ilustrações, com exceção do cartaz do 7.º Cole, de 1989, que contém uma aquarela. Foram os ilustradores que, em sua quase totalidade, realizaram o projeto gráfico dos respectivos cartazes.¹² Há dois deles, do 4.º e do 8.º Coles, cujas ilustrações não apresentam autoria. A hipótese mais forte para explicar essa ausência é a de que a confecção do material tenha ficado sob a responsabilidade de algum grupo empresarial, patrocinador do evento, que tem como prática “apagar” as marcas de autoria de materiais produzidos por eles.¹³

12. Os ilustradores, também autores dos projetos gráficos, identificados através do registro nos cartazes são: Paulo Antonio Nilson – 1.º Cole; Darius Augustus Corbett Jr. (Guto) – 2.º e 3.º Coles; Douglas Belo – 5.º Cole; Gislaine Ribeiro e Dadi – 6.º Cole.

13. A recuperação da autoria das imagens e do projeto gráfico dos cartazes está sendo realizada através de outros documentos (anais, programas, correspondência...) e de organizadores dos congressos.



Fig. 1 – Cartazes do 1.º ao 8.º Cole

Em todos os cartazes desse grupo, a ilustração ocupa boa parte da superfície, sendo encabeçada e ladeada por outras informações do evento, como tema, subtemas, período e local, logos ou indicações de patrocinadores e apoiadores. Esses primeiros cartazes têm dimensões que variam de 64 x 45 cm a 44 x 33 cm; todos foram produzidos em papel e tiveram uma impressão colorida em *off-set*.

Segundo Ezequiel Theodoro da Silva¹⁴, os cartazes constituíam a *mídia máster* daquele momento histórico:

Sem cartazes os eventos não existiam... A identidade dos eventos se fazia também através dos cartazes, que eram fixados ou enviados para espaços de circulação dos potenciais participantes do congresso, como escolas, restaurantes, livrarias, clubes, bibliotecas, secretarias de educação e cultura, etc.

14. Fundador e Presidente da ALB em inúmeras diretorias e Coordenador Geral desses congressos. Depoimento registrado em 24 de fevereiro de 2015.

Tal afirmação pode explicar o fato de os cartazes terem sido impressos em grande formato, aspecto comum a todos eles, pois foram produzidos para afixação em locais públicos, de grande visibilidade e circulação de pessoas, cumprindo assim a função de divulgação do congresso.

Num segundo grupo, como mostra a Figura 2, reunimos os cartazes do 9.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º e 17.º Coles, cujas composições gráficas contêm, em cada uma, uma imagem impossível de fracionar, pois ela é formada por vários elementos que se misturam, numa espécie de *bricolagem* que a torna única. Tais cartazes diferenciam-se do primeiro conjunto, em que as imagens e os textos estão nitidamente separados e combinados por justaposição, o que resulta numa estética artística possível de ser considerada mais tradicional. Aqui, o autor do cartaz é, ao mesmo tempo, responsável pela composição da imagem e pelas informações que, dentro ou em torno dela, comunicam aspectos importantes do evento, como tema, local, data, etc.¹⁵



Fig. 2 – Cartazes do 9.º, 13.º, 14.º, 15.º e 17.º Coles

15. Assim temos Renato Faria, como responsável pelo cartaz do 16.º (2007) e do 17.º Coles (2009).

Há, também, cartazes cujas imagens são reproduções da pintura (7.º e 10.º Coles).



Fig. 3 – Cartazes do 7.º e 10.º Coles

O primeiro deles, ao invés de recorrer à ilustração, como em todos os demais se fazia até então, contém uma solução diferente – uma aquarela –, deles distinguindo-se. Para a Prof.^a Lilian Lopes Martin da Silva, vice-presidente da ALB na gestão que promoveu este congresso em 1989, o que orientou essa escolha foi a estreita relação daquela diretoria com as reflexões do autor da aquarela em torno das imagens no mundo da educação. Para ele, grande parte dessas imagens possuem um caráter didático, esquemático, carregam representações bastante habituais e já estabilizadas no imaginário social, como, por exemplo, as ilustrações nos cartazes do 5.º e do 6.º Coles. Crítico de tais imagens, o artista produz da sala de aula uma representação visual que deseja subvertê-la, ao buscar novos ângulos e perspectiva para espaço e objetos bastante comuns. Essa linha de raciocínio pode encontrar reforço quando consideramos que o número 13 da Revista *Leitura: teoria e prática*, editada pela ALB em junho de 1989, estampa na capa uma gravura da sala de aula, de autoria do mesmo professor, numa visualidade semelhante à do cartaz.¹⁶

Em contrapartida, para a pintura reproduzida no cartaz do 10.º Cole não conseguimos obter informações. Nem em relação à pintura, nem aos critérios da diretoria

16. O professor Milton José de Almeida também responde pela autoria de muitas outras capas da revista *Leitura: Teoria e Prática*, o que sinaliza estreita colaboração com a entidade, especialmente entre os anos de 1985 a 1993.

ao selecioná-la. É possível, apenas, pensar que a escolha se tenha dado a partir da proposição temática do evento.

Diferentemente desses, outros cartazes se aproximam pelo uso da fotografia. O cartaz do 11.º Cole traz, à esquerda e ao pé da imagem, em letras bem pequenas, as iniciais J. L. Bulcão – que pertencem ao renomado fotógrafo brasileiro João Luís Bulcão – e a palavra Tyba, indicativa do banco de imagens do qual a imagem foi retirada (<https://www.tyba.com.br>). Também na lateral esquerda do cartaz do 12.º Cole, vem a indicação, em letras miúdas, da responsável pelo *layout* do material, incluindo a foto e as intervenções escritas. Trata-se de Vanda Rolta Gomide.

Como podemos ver, não são fotos “documentais” no sentido habitual dessa palavra, isto é, não estão ali para mostrar, provar ou ilustrar algo. Assim como as pinturas, as fotografias utilizadas buscam produzir efeitos e sentidos que potencializam as ênfases propostas para as discussões que compõem a programação dos eventos que anunciam.

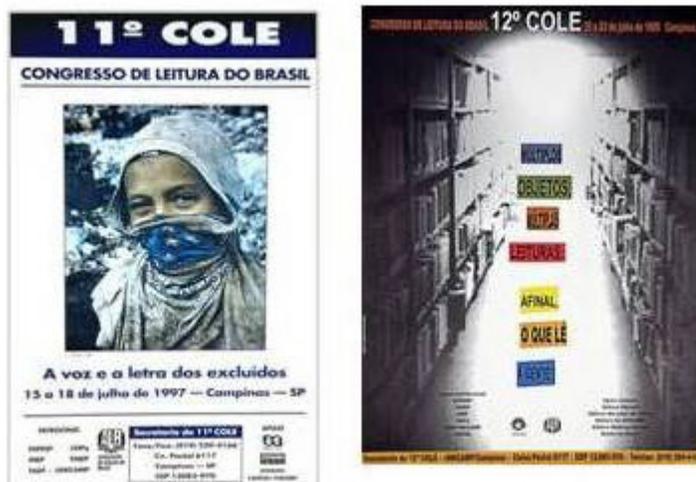


Fig. 4 – Cartazes do 11.º e 12.º Coles

Não é possível afirmar que, numa hipotética linha do tempo, os cartazes com ilustração tenham sido cronologicamente sucedidos por aqueles em que a imagem resulta primeiramente de uma composição gráfica e em seguida a imagem é trazida pelo uso da pintura e da fotografia. Fosse assim, poderíamos cogitar que

a confecção do cartaz, recorrendo a uma ou outra forma, resulta tão somente das possibilidades tecnológicas asseguradas por cada tempo e nele enfatizadas. A ideia de que uma nova tecnologia tem o poder de suprimir uma tecnologia anterior é simplista e não se sustenta. Haja vista que não deixamos de pintar depois que o registro das imagens foi possível através da fotografia, ou não deixamos de contar histórias com o som das nossas vozes para as crianças que podem conhecer essas histórias em imagens e sons na tela dos seus *tablets*...

Mas também é bem verdade que as ilustrações desaparecem como opção para os cartazes após o 8.º Cole e nunca mais se fazem neles presentes. Esse fato nos remete para o ano de 1991 e pode estar sinalizando para uma presença mais significativa do computador no cenário brasileiro, o que teria permitido o processamento digital e a modelação direta das imagens na busca de soluções para a produção gráfica. Mas essa é apenas uma hipótese a ser melhor investigada.

Quer parecer, então, que as decisões referentes aos cartazes não se pautaram exclusivamente pelas possibilidades garantidas pelos avanços técnicos relacionados a produção e impressão das imagens. Remetem também para relações de negociação entre formas de fazer e formas de pensar...

3.4.

Todas as edições do Cole tiveram um **tema geral ou temário**. Sua função era anunciar, de maneira sintética, a ênfase ou a direção escolhida para a discussão da leitura que marcaria a programação oficial do evento, organizada em conferências, mesas-redondas, oficinas, etc.

A partir do 2.º Cole os cartazes trazem, como parte de seu projeto gráfico, o registro do tema geral ou temário do congresso, e apenas o tema geral do 1.º Cole necessitou ser identificado através do documento *Projeto Para Execução* – Departamento de Metodologia de Ensino, 1978.

A leitura dos temas nos permitiu propor três momentos distintos, conforme apresenta a Tabela 1:

	Congresso	Ano	Tema Geral/Temário
1.º Momento	1.º Cole	1978	Leitura para todos
	2.º Cole	1979	Pedagogia da Leitura
	3.º Cole	1981	Lutas pela democratização da leitura no Brasil
	4.º Cole	1983	Leitura na sociedade democrática: do discurso à ação
	5.º Cole	1985	O professor e a leitura
	6.º Cole	1987	A questão dos métodos e os métodos em questão
2.º Momento	7.º Cole	1989	Nas malhas da leitura: puxando outros fios
	8.º Cole	1991	Leitura: autonomia, trabalho e cidadania no Brasil
	9.º Cole	1993	Leitura: conquista de uma realidade
	10.º Cole	1995	Leitura e Sociedade
	11.º Cole	1997	A voz e a letra dos excluídos
3.º Momento	12.º Cole	1999	Múltiplos objetos, múltiplas leituras: afinal o que lê a gente?
	13.º Cole	2001	Com todas as letras, para todos os nomes
	14.º Cole	2003	As coisas, que tristes são as coisas consideradas sem ênfase... Carlos Drummond
	15.º Cole	2005	Pensem nas crianças mudas, telepáticas... Vinícius de Moraes
	16.º Cole	2007	No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Ferreira Gullar
	17.º Cole	2009	O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo. Manuel de Barros

Tabela 1 – Momentos e Temários dos Coles

As imagens e os projetos gráficos dos cartazes estabelecem nexos com os temas identificados que são expressos em representações cujo apelo visual parece provocar a mobilização de valores, conceitos e juízos compartilhados por uma grande maioria.

3.4.1.

Nos primeiros dez anos, do 1.º ao 6.º Cole (1978 – 1987), é possível afirmar que os congressos colocaram em evidência, de maneira equilibrada e alternada, duas questões: uma que diz respeito às discussões sobre a democratização da leitura no País e outra relativa às questões do seu ensino.

O 1.º Cole (1978), com o tema “Leitura para Todos”, expressa o desejo de popularizar a leitura, o livro, os espaços destinados a essa prática, as reflexões feitas pela universidade, que se via há tempo privada da discussão política de maneira aberta e sem censura. *Resumos*, que contém os resumos das conferências realizadas, traz em sua página de abertura afirmações de Gramsci e Osman Lins, que enfatizam esse desejo:

*“Já que o povo não vai ao livro
(a um tipo de livro, o dos literatos
profissionais), então o livro irá ao povo (...)
o livro deve tornar-se intimamente nacional-popular (...) a fim de ir ao povo”
Gramsci*

*“Tentar fazer com que o livro, para o grande público brasileiro, deixe de ser algo estranho
e exótico...”
Osman Lins*

A ilustração contida no cartaz do 1.º Cole (1978) é a de um homem de costas e em pé, iniciando a abertura de um livro e olhando seu interior. O livro é maior do que ele e está também na posição vertical. Essa imagem se reproduz em perspectiva, em tamanho menor e por duas vezes, sugerindo, talvez, que a leitura seja algo de sentido amplo, profundo, inesgotável, de descoberta. Ou então, que essa atividade pode e precisa se multiplicar, como diz o tema do congresso.

As avaliações do 1.º Cole, colhidas entre os participantes, vão acentuar a necessidade de se estabelecer, para o congresso seguinte, uma programação que

aborde aspectos pedagógicos e metodológicos da leitura. Nessa direção, o 2.º Cole estabelece o tema da *Pedagogia da Leitura* e coloca ênfase nas questões do ensino escolar dessa prática. Os objetivos que orientam sua programação permitem ver a força dessa preocupação:

1. ESTABELEECER estratégias viáveis para a incrementação do hábito de leitura junto à população;
2. FORNECER aos professores do 1º e 2º graus algumas propostas para a melhoria do ensino da leitura;
3. REFLETIR sobre aspectos relacionados com a utilização de livros e materiais didáticos;
4. TROCAR EXPERIÊNCIAS voltadas à pedagogia da leitura.
(Resumos - 2.º Cole, s.d.)

A ilustração presente no cartaz que divulga o 2.º Cole (1979) insere um sujeito de braços abertos, aflito, talvez pedindo por socorro, em meio a um labirinto formado por livros em pé e igualmente abertos. Quem sabe uma representação da situação (de perdição?) dos leitores-professores, chamados a construir uma educação diferente, nova, para uma escola que se amplia e assume a responsabilidade cada vez maior pela educação de segmentos da população até então excluídos. Uma pedagogia da leitura que parece ser capaz de estabelecer diretrizes e rotas metodológicas para o trabalho com essa prática na escola, fazendo-se, portanto, imperativa para esse leitor perdido e aflito, que, mesmo cercado de livros, pergunta: Para onde ir? Como ir? Que fazer? Buscando contemplar essa situação, a programação do evento não apenas se vale da discussão de definições para a leitura, como responde aos pedidos e às necessidades dos professores, sobretudo os alfabetizadores, através de relatos de experiência e de reflexões sobre conhecimentos pertinentes a esse desafio.

No 3.º Cole (1981), que tem por tema *Lutas pela democratização da leitura no Brasil*, Paulo Freire aprofundou a reflexão sobre a importância da leitura e de sua necessidade para uma educação das classes populares. Os objetivos do congresso também enunciam essa preocupação:

1. Reunir interessados no sentido de refletir sobre a problemática da leitura no território nacional;

2. Apresentar e debater trabalhos voltados ao desenvolvimento da leitura junto às classes populares.

(Resumos – 3.º Cole, s.d.)

O cartaz do congresso traz a ilustração de uma família, reunida na sala, assistindo a um livro aberto, colocado no lugar de um aparelho de televisão. Cria-se, assim, uma imagem que propõe o livro no lugar da televisão, como sendo um projeto para a educação do povo brasileiro. Educa-se com o livro, objeto de prestígio e representante da cultura letrada, erudita e tradicional, e não com a televisão, um objeto característico da indústria cultural e de massa. Ao livro é dado um valor inquestionavelmente superior, como objeto de conhecimento, em relação à televisão, que no momento recebe duras críticas. Mas também podemos pensar que o cartaz expressa o desejo de que o livro tenha a mesma penetração que a televisão tem na maioria da população.

O tema do 4.º Cole (1983), *Leitura na sociedade democrática: do discurso à ação*, pode ser visto como um chamamento à necessidade de transformar em ações fecundas os apelos feitos nos congressos anteriores (1.º e 3.º Coles) para a democratização da leitura e da sociedade. A ilustração no cartaz desse congresso faz alusão à sementeira das palavras em solo fértil, capaz de fazê-las germinar. Enquanto os congressos anteriores preparavam o terreno, este conclama todos ao plantio: do discurso à ação.

No cartaz do 5.º Cole (1985), um sujeito de óculos, ao lado de uma pilha de livros grossos, lê um livro que versa sobre o congresso. Três imagens a dialogar e que remetem para o tema desse evento - *O Professor e a Leitura*. Temos uma imagem típica de professor (sujeito com óculos), reforçada pela presença a seu lado de uma pilha de livros, a sugerir, talvez, que todo professor, para realizar um bom trabalho, deve ser alguém bem informado/formado pela leitura. Esse mesmo professor lê um livro que traz registros do congresso que se anuncia, possivelmente numa alusão ao caráter formador do evento.

As preocupações que dão ênfase à metodologia retornarão no 6.º Cole (1987), cujo tema é *A Questão dos Métodos e os Métodos em Questão*. Na ilustração do cartaz vemos um papagaio tocando um pandeiro e assustando uma coruja. Ambos estão sobre uma pilha de livros. Imagens que são símbolos fortes na cultura ocidental. Livros e conhecimento (representado pela imagem da coruja) que parecem não estar dando conta “desse brasileiro dos trópicos” (representado pelo papagaio) que chega à escola. Desta vez, segundo a programação, a discussão do “pedagógico” terá como enfoque

a reflexão sobre os princípios que farão emergir novas metodologias ou modos de ensinar e as condições necessárias para um trabalho de qualidade, especialmente na escola pública. Ganharam força nesse período os movimentos de professores e governos que, na educação, vão originar os Programas Curriculares em nível dos estados.

3.4.2.

O segundo momento estabelecido por nós é inaugurado pelo 7.º Cole (1989), que traz o tema *Nas malhas da leitura: puxando outros fios*. Neste bloco, os objetivos do 7.º COLE anunciam o que está por vir:

- ampliar a discussão para além do espaço escolar a fim de possibilitar uma primeira aproximação à caracterização da leitura no interior da sociedade brasileira, pelas ações de diferentes instâncias culturais.
- reunir, no encontro, não só professores e pesquisadores, mas todos aqueles que também promovem a leitura e que produzem ou constroem as possibilidades de acesso ao que se lê.
- rever a amplitude do ato de ler face à produção, na sociedade brasileira contemporânea, de múltiplos objetos de leitura.
- discutir a presença de diferentes objetos de leitura na sociedade e no contexto escolar. (ANAIS do 7.º Cole, 1991, p. 7)

O acirramento da crise econômica e social do País nesse período (1989 -1997) acentua questões relacionadas à necessidade de consolidação de uma sociedade cidadã, democrática e inclusiva, sendo a leitura uma condição fundamental nesse processo. Outro ponto de vista (histórico e cultural) passa a reforçar e legitimar a multiplicidade de objetos e formas de leitura, as relações entre a prática da leitura e a sociedade, em suas distintas temporalidades, valores e comunidades. O cartaz do 10.º Cole reforça essa intenção, deslocando a prática da leitura para tempo mais remoto. O apelo à inclusão ficará explícito na fotografia utilizada no cartaz do 11.º Cole.

Da 10.ª edição do Cole, em 1995, até a 17.ª, em 2009, haverá a presença dos seminários e depois, encontros internos, que, organizados por pesquisadores ou entidades “parceiras”, ampliam e apresentam discussões sobre a leitura, que colocam ênfase nas relações entre a leitura, o tempo, a cultura, a história, as variadas formas de ler, os distintos grupos, etc. Envolvem as questões da memória da leitura, da

mídia, da leitura em sua relação com a educação infantil, das instituições de promoção da leitura, da educação indígena, das linguagens da *web*, da história das práticas culturais, das políticas públicas, entre outras.

3.4.3.

O último momento é formado pelos congressos que vão do 12.º (1999) ao 17.º Coles (2009). Estes destacam, ainda mais, os múltiplos e diversos fios que irão colocar a leitura em relação à diversidade de áreas de conhecimento. Mas não só. Em quatro deles o tema geral se expressa através de um fragmento de texto literário que parece indicar uma explosão de todas as fronteiras entre as linguagens e as diferentes áreas de conhecimento.

Atravessar os anos 80 no Brasil significou para os Coles constituir e ser constituído pelos debates que reforçaram a necessidade de uma sociedade e de uma educação democrática e inclusiva política, econômica e culturalmente.¹⁷ Consolidar-se e manter-se até os dias atuais exigiu que os organizadores permanecessem sempre atentos aos momentos em que os Coles se enraizavam, a suas tensões e seus desafios, de modo a fazer deles, nos congressos, uma pauta inteligente, instigante e com potencial de reflexão.

Assim é que, no momento de preparação deste texto, a partir de um outro anteriormente apresentado¹⁸, outros quatro congressos já aconteceram e mais um está para acontecer. Seus temas são sugestivos de questões que incidem sobre a variedade de formas de vida e expressão, lugares indefinidos e misturados e atravessamentos que contrastam com a violência da homogeneidade no mundo. Sobre as fronteiras e as margens inexistentes. Sobre silêncios e invisibilidades. Sobre as possibilidades de processos inventivos e imaginativos de leitura. Sobre as interfaces entre palavras, imagens, corpos e sons...

O mundo grita. Escuta? – 18.º Cole, 2012

Leituras sem margens – 19.º Cole, 2014

17. Os anos 80 no Brasil foram marcados pelo processo de abertura política, pelo movimento pelas Diretas Já, pelo estabelecimento das reformas curriculares, pela extensão do direito ao voto por parte dos analfabetos, pelo início do período conhecido como Nova República.

18. Reescrita do texto originalmente produzido em espanhol e publicado nos Anais do XVIII Coloquio de Historia da Educacion - arte, literatura y educacion, 2015, VIC - Barcelona. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=575474>.

Nas dobras do (im)possível – 20.º Cole, 2016
Leituras dissonantes – 21.º Cole, 2018
Leituras Plurais, escritas equilibristas – 22.º Cole, 2020

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Caderno de resumos – 1.º Cole*. Campinas, SP, FE/ALB, s.d.
ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos – 2.º Cole*. Campinas, SP, FE/ALB, s.d.
ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos – 3.º Cole*. Campinas, SP, FE/ALB, s.d.
ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 7.º Congresso de Leitura do Brasil – 7.º Cole*.
Campinas-SP: FE; ALB, 1991.
BAKHTIN M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
CHARTIER, R. *História cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro:
Bertrand Brasil, 1988.
DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann.
São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
SILVA, L. L.; OLIVEIRA, L. M. (Org.). *Tempo de Cole*. Campinas-SP: FE/UNICAMP, 2014.
SILVA, L. L. M.; OLIVEIRA, L. M. Documentos em imágenes: carteles de los Congresos de Lectura
do Brasil. In: COLOQUIO DE HISTORIA DA EDUCACION - Arte, Literatura y Educacion,
18., 2015, VIC - Barcelona. *Actas del XIII Coloquio de La Educacion - Arte, literatura y educacion*.
VIC - Barcelona: N. Padrós; E. Colleldemont; J. Soler (Ed.). Servicio de publicaciones de la
Universitat de VIC, 2015. v. 2, p. 383-392.
SILVA, L. L. M.; OLIVEIRA, L. M.; TAKAMATSU, S. M. ALB: Memórias – entrecruzar tempos
e textos. *Revista Ponto – publicação literária e cultural do SESI, São Paulo*, p. 60, 06 jun. 2014.

SOBRE AS AUTORAS

Lilian Lopes Martin da Silva é graduada em Linguística (Universidade Estadual de Campinas), tem Mestrado e Doutorado em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É professora pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Leitura, ensino e história da leitura com pesquisa em temas correlatos.

E-mail: lilianl@unicamp.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7040-9878>.

Luciane Moreira de Oliveira é graduada em Pedagogia (Universidade Estadual de Campinas), Mestrado em Educação (Universidade Estadual de Campinas)

e Master em Museologia (Universidad de Valladolid, Espanha). Participante do Grupo de Pesquisa ALLE/AULA (FE-Unicamp). Experiência nas áreas de ensino, história da leitura e memória.

E-mail: luciane.oliveira.br@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7636-4826>.

Recebido em 27 de abril de 2020 e aprovado em 29 de junho de 2020.

A doação do acervo do Congresso de Leitura do Brasil ao Centro de Memória da Educação

Reading Congress of Brazil's documents donation to the Memory Center of Education

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p65-74>

LARISSA DE SOUZA OLIVEIRA¹

RESUMO: Este texto tem a finalidade de relatar o processo de doação do conjunto documental proveniente do Congresso de Leitura do Brasil (COLE) ao Centro de Memória da Educação (CME) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O Congresso é realizado pela Associação de Leitura do Brasil (ALB) há 40 anos e o conjunto doado e aqui apresentado foi se formando desde 2009, com o início do projeto de pesquisa ALB: memórias. Sua instalação oficial no CME foi decisiva para que se tornasse patrimônio da Universidade e viesse a contar com condições adequadas para o trabalho de higienização, catalogação e disponibilização para a comunidade acadêmica. A iniciativa de escrever sobre esse processo encontra sua justificativa no reconhecimento da importância das narrativas sobre percursos normalmente vivenciados e nunca escritos, bem como na perspectiva de tornar mais conhecido o próprio processo de doação de acervos na Unicamp. **PALAVRAS-CHAVE:** Congresso de Leitura do Brasil; Centro de Memória da Educação; memória.

ABSTRACT: This paper has the function to relate the donation process of the documents of Reading Congress of Brazil (COLE) to the Memory Center of Education (CME) of the School of Education (FE) at State University of Campinas (UNICAMP). The Congress

1. Faculdade de Tecnologia de Bragança Paulista, Bragança Paulista, São Paulo, Brasil.

has been carried out by the Brazilian Reading Association (ALB) for 40 years and the donated group, that we present here, has been developed since 2009, with the beginning of the ALB: memories research project. Its official installation in CME was decisive for it became University's patrimony and for its appropriate conditions for the process of hygiene, cataloguing and availability for the academic community. The initiative to write about the process justified on acknowledgment of the importance of narratives about the course normally taken and non-written, as well on the objective to signify the context of the decision-making process of a collection donation at Unicamp.

KEYWORDS: Reading Congress of Brazil; Memory Center of Education; Memory

*A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta,
procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.
(LE GOFF, 2013, p. 437)*

A ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL (ALB) E OS CONGRESSOS DE LEITURA DO BRASIL (COLES)

A Associação de Leitura do Brasil (ALB) é uma entidade fundada em 1981, cuja sede se localiza na Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP². Desde seu início, ela dá continuidade à realização dos Congressos de Leitura do Brasil, iniciada em 1978, através do Departamento de Metodologia de Ensino (DEME) da Faculdade de Educação (FE) e que em 2018 teve sua 21ª edição, entre os dias 10 e 13 de julho.

Em seus 40 anos de existência, o Congresso de Leitura do Brasil (COLE) acumulou uma extensa e variada gama de materiais, que podemos classificar como sendo de vários tipos de documentos: textuais, iconográficos, sonoros e tridimensionais, todos gerados por ocasião de cada edição do COLE. Eles conservam memórias coletivas de um grupo que foi pioneiro em ações dessa natureza, capaz de reunir diversos profissionais ligados ao livro e à leitura em tempos em que esse era um movimento ousado, militante. Esses materiais fazem parte de um dos subgrupos de documentos do fundo documental ALB, um conjunto complexo, que reúne vários grupos de documentos, desde aqueles relacionados à administração da entidade, como aqueles referentes às suas publicações.

2. Maiores informações sobre a entidade podem ser obtidas em seu site: <http://www.alb.com.br/>.

Os documentos textuais dos COLEs apontam tanto para as relações e instâncias envolvidas no polo da produção do evento (resultam de reuniões de departamento e da universidade; de reuniões na Diretoria de Cultura da cidade de Campinas; do contato com possíveis financiadores, realizadores, divulgadores etc.), como se dirigem para o polo da recepção (os participantes - e sua necessidade de informação, orientação, etc.). O acervo também conta com documentos iconográficos (cartazes, fotografias, negativos e cópias por contato), documentos sonoros (DVDs, fitas cassete, fitas magnéticas de rolo, fitas VHS), documentos tridimensionais (camiseta do congressista, pasta/sacola do congressista, canetas, crachás).

Os objetos tridimensionais apenas foram conservados a partir do 7º COLE, embora já estivessem presentes nos primeiros congressos, de acordo com os registros fotográficos desses eventos. O reduzido número de objetos tridimensionais no conjunto documental pesquisado pode permitir pensar o quanto, tradicionalmente nos estudos históricos e de memória, se valorizou apenas os documentos produzidos em linguagem escrita e que tem como suporte o papel. “A prática escriturística assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história, e, assim, fazer história”. (DE CERTEAU, 1994, p. 224)

A PESQUISA ALB: MEMÓRIAS

A Pesquisa ALB: memórias, uma das frentes de trabalho do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura, Escrita/Trabalho Docente na Formação Inicial (ALLE/AULA) vem organizando esse acervo tomando seus documentos como fontes que auxiliam na construção de memórias e de narrativas sobre os congressos e, especialmente, do tema da leitura. Essas fontes, em sua materialidade e discurso, expressam, nas diferentes temporalidades, situações histórico-culturais e circunstâncias em que os congressos se realizaram, visões, relevâncias, perspectivas e representações.

Através da pesquisa foi possível localizar esses documentos na sede da entidade, complementar o conjunto com buscas de materiais em outros locais, reuni-los por congressos e catalogá-los. Ela se desenvolve desde o ano de 2009 sob a coordenação das pesquisadoras Lilian Lopes Martin da Silva e Luciane Moreira de Oliveira e, durante seu processo, já contou com alunos do programa de bolsa trabalho desta

Universidade, no desenvolvimento de trabalhos de iniciação científica, conclusão de curso, mestrado e doutorado³.

Diversos outros processos vêm ocorrendo no âmbito desse esforço: já foi providenciada a conversão das fitas em rolo, fitas cassete e fitas VHS que registram, em áudio e imagens, as edições mais antigas do evento para dispositivos mais atuais pelos quais é possível recuperar os registros; já foi realizada a “decupagem” desses materiais, a fim de conhecer e poder descrever seu conteúdo, indicando sua posição e tempo na gravação; a produção de um catálogo de fontes contendo a relação detalhada dos documentos de cada um dos dez primeiros COLEs. Como uma próxima operação da pesquisa, tem-se o projeto de organizar, identificar e catalogar o acervo fotográfico dos COLEs.

O acervo do COLE era mantido, desde 2009, em dois lugares de guarda: parte dele se encontrava na sede da ALB, no prédio da FE/Unicamp, e parte – especialmente os documentos textuais que eram consultados com mais frequência pelos pesquisadores – na sede do grupo de pesquisa ALLE/AULA, também localizado na Faculdade de Educação.

Uma preocupação que foi se tornando unânime na equipe desse trabalho dizia respeito ao local de guarda do acervo, tanto considerando a necessidade de sua preservação adequada, como por perceber que o acesso aos documentos era, de certa forma, restrito às pessoas que frequentavam o espaço do grupo. Surgiu, então, o interesse por transferir o acervo para um local em que ele pudesse ser melhor preservado, adequadamente tratado e amplamente consultado. A Associação de Leitura do Brasil juntou-se à equipe em seu desejo.

Assim, procurou-se por um equipamento da Universidade que oferecesse essas condições e, na busca por esse local, tomou-se a decisão de negociar a transferência do acervo para o Centro de Memória da Educação (CME) da Faculdade de Educação, com o propósito de manter o acervo ligado a esta unidade. Com a definição desse objetivo, iniciaram-se os trâmites, primeiramente internos à FE e, posteriormente, externos.

3. Os alunos da Faculdade de Educação/Unicamp: Ana Cláudia Ritto, Larissa de Souza Oliveira, Sonia Midori Takamatsu, Louise Peçanha Santana; Renata Aliaga; Karolyne S. de Souza; Yasmim Marino. Do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da Unicamp: Marcel Bento de Oliveira, Mariana Aparecida de Jesus Pereira, Cassemiro Ferreira; e o estudante da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação: Paulo Azevedo de Melo Júnior. Mais informações sobre a pesquisa podem ser encontradas no site: <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias>.

O CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO

O Centro de Memória da Educação foi criado em 2001. Vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas “tem por finalidade captar, conservar e divulgar a memória da educação brasileira por meio da preservação documental, da pesquisa, do ensino, da extensão e da difusão [...]”.⁴

Atualmente, o CME está constituído por um Conselho Gestor e por um Conselho Consultivo⁵. Conta, ainda, com um funcionário e estagiários cedidos pela Biblioteca da FE. Suas instalações são no último piso da Biblioteca da FE e comportam equipamentos e condições apropriadas ao trabalho de preservação, organização e divulgação de acervos, bem como atendimento de pesquisadores interessados.

O CME compreende nesse momento as coleções do Prof. Malba Tahan (1895-1921); do Professor Maurício Tragtemberg (1970-1997); da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) e do Congresso de Leitura do Brasil. O acervo de Malba Tahan foi doado ao Centro de Memória da Educação por intermédio de sua família, em 2010. Contando com aproximadamente 213 caixas arquivo de documentos, produzidos entre 1907 e 1974, o conjunto reúne cadernos de memórias, cadernos de viagem, produção intelectual, fotografias e objetos já tratados e acondicionados.⁶

A Coleção Especial Maurício Tragtemberg, docente da FE, foi recebida após seu falecimento, em 1998. Compõe-se de livros, revistas especializadas, periódicos e publicações diversas, além de documentos manuscritos, abrangendo diversas áreas do conhecimento, destacando-se Educação, Sociologia, Política, História e Ciências Sociais. O acervo possui uma grande quantidade de obras originais em francês, espanhol, inglês, alemão e italiano. Inclui, além disso, coleções como a Brasileira e obras consideradas raras.⁷

O acervo da RBHE é formado por documentos referentes ao registro de sua organização, por pareceres, documentos relacionados com a parte científica da revista

4. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/institucional/centro-de-memoria-da-educacao>. Acesso em: 20/02/2019.

5. O Conselho Gestor é formado pelos Professores da FE: Arnaldo Pinto Junior e Anderson Ricardo Trevisan e o Conselho Consultivo por esses professores, pelo Prof. André Luiz Paulilo e pelos funcionários: Ana Cláudia Cermaria Berto; Telma Maria Murari; Ubirajara Alencar Rodrigues.

6. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/institucional/noticias/centro-de-memoria-da-educacao-recebe-visita-de-neta-de-malba-tahan>. Acesso em: 06/06/2018.

7. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/biblioteca/sobre-a-biblioteca/informacoes-sobre-as-colecoes-da-biblioteca>. Acesso em: 04/05/2018.

até o momento em que foi impressa e alguns exemplares. Esse acervo também já está tratado e acondicionado.

O CME existe há mais de uma década, foi se construindo, no que diz respeito à política de acervo, em função dos trabalhos e experiências de acervo que cada coordenador teve. Sempre pessoas muito sérias e ligadas ao trabalho e pesquisa de documentação e de arquivística. Professores da FE, historiadores, em sua grande maioria, ou ligados à área.

No momento da transferência do acervo do COLE para o CME, o coordenador era o professor sociólogo Alexandro Henrique Paixão. Em entrevista concedida à equipe da pesquisa ALB: memórias, Paixão conta que desde que chegou à FE, em 2014, teve interesse na aproximação junto ao CME, cujo coordenador era o professor André Luiz Paulilo. A entrevista ainda revela que os dois professores somaram esforços com o intuito de alçar o CME a um outro patamar. Assim, o propósito era fazer do CME um centro de pesquisa, além de um espaço de conservação e expansão da memória.

A primeira ação realizada pela coordenação, nessa ocasião, foi tentar aprovar um regimento, o que, de fato, veio a ocorrer. Era um passo fundamental não só para a formulação de uma política de acervo, mas também para situar o Centro, dentro da Faculdade, enquanto um lugar de pesquisa da memória.

Com o novo regimento, as decisões deveriam passar não só pelo coordenador, mas também por um Conselho Científico, que veio a ser montado tanto por pessoas da FE como por pessoas ligadas a acervos e outros centros de memória. Nele, há um representante do Sistema de Arquivos da Universidade (SIARQ), do Centro de Memória da Unicamp (CMU), da Biblioteca da FE, um professor da FE, escolhido coletivamente pela Congregação, e os dois coordenadores do CME. A presença dos representantes do SIARQ, do CMU e da Biblioteca contempla, justamente, a presença técnica necessária para poder melhor avaliar e auxiliar a construção das decisões em relação aos acervos. Uma das políticas desse novo regimento estabelece como obrigatória a avaliação do Conselho Científico de todo pedido de doação submetido ao CME. Foi o que aconteceu com o acervo do COLE.

A DOAÇÃO DO ACERVO DOS CONGRESSOS DE LEITURA DO BRASIL

No segundo semestre de 2017, uma vez formalizada a proposta de doação do acervo documental do Congresso de Leitura do Brasil junto ao dirigente do CME – à época, o Professor Alexandro Henrique Paixão – e disponibilizados os resultados de pesquisa já

obtidos pelo projeto ALB: memórias, a proposta foi submetida ao Conselho Consultivo, que solicitou, para melhor apreciação, maiores informações referentes ao tamanho do acervo e detalhamento geral de sua constituição. A equipe, então, realizou uma contagem aproximada dos documentos, preparou uma relação quantitativa de cada tipo, revisou seu encaixotamento COLE a COLE e fez seu etiquetamento. Recebeu, na sala do ALLE/AULA, para avaliação, esclarecimentos e medição do acervo, um técnico em arquivo, um membro do Conselho Consultivo do CME e seu assessor.

Essa avaliação levou em conta todos os âmbitos do acervo. De questões quantitativas, como seu tamanho e a quantidade de documentos, a questões qualitativas, que respondem à criação de critérios para separação dos diferentes tipos de documentos que o compõem, o estado de conservação dos materiais, a temática envolvida e as possibilidades de encaminhamentos de pesquisa. Considerou, ainda, as condições do CME para receber o material, dado o espaço necessário para seu recebimento.

Uma vez realizada a avaliação do conjunto quanto a seu mérito, sua pertinência ao CME bem como as condições deste espaço para acolhê-lo, o Conselho do CME aprovou a transferência do acervo para as instalações do CME, passando a responsabilizar-se oficialmente por ele.

Cumprida essa etapa, o processo de doação passou a uma fase de cunho burocrático, relacionada à matéria patrimonial. Nesse percurso, houve, em primeiro lugar, a construção de um dossiê sobre o acervo. A direção da FE organizou uma comissão com representantes do CME e um professor externo a ele, mas membro da FE, que pudesse colaborar na montagem de um dossiê.⁸ Essa comissão chancelou os méritos da proposta. Para a realização desse trabalho, houve mais uma visita ao acervo, que ainda estava na sede do grupo ALLE/AULA, e uma segunda avaliação pela comissão, que elaborou um parecer atestando mérito e boas condições do acervo.

Esse dossiê seguiu para a Diretoria Geral Administrativa (DGA), instância superior da Universidade que cuida da questão do patrimônio, que novamente avaliou o mérito da proposta e também o da doação.

A doação foi finalmente aprovada. A ALB, na condição de doadora e a diretoria da Faculdade de Educação foram informadas da decisão e a data do transporte do acervo para o CMU foi agendada. O transporte ocorreu em 13 novembro de 2017, da sala do Grupo de Pesquisa ALLE/AULA, no 1º andar do anexo III da FE, para o 1º piso da

8. A comissão foi integrada por: Prof. Alexandre Paixão (coordenador do CME); Prof. Wenceslau Brás (professor da FE) e Cássia Denise Gonçalves (funcionária cedida pelo CMU para o CME).

Biblioteca da FE, nas instalações do CME. Foi acompanhado pela equipe da pesquisa ALB: memórias e pelo Coordenador do CME e supervisionado pelo setor de mudanças e seguranças da FE. Em seguida, o acervo recebeu um número de série – seu registro patrimonial –, processo que o ratifica como patrimônio pertence à Unicamp.

O professor Alexandro Paixão deixou a coordenação do CME no final do segundo semestre de 2017 para assumir a coordenação do curso de Pedagogia da FE em 2018. Em entrevista, afirma que o regimento e a vinda do acervo do COLE foram grandes conquistas dessa gestão:

Posso contar um pouco do sonho. Quando eu e o André abraçamos o desafio de fazer o regimento ser reconhecido e ter validade, tínhamos um sonho que está em andamento, e a chegada do COLE contribui, que é tornar o CME um espaço de pesquisa e publicização da memória e da história da educação, da leitura, do leitor, do livro, coisas que estão inscritas na história da educação. O sonho era ter ali um espaço da memória conservado, mas que pudesse ser publicizado no sentido de que seja um centro visitado, ocupado por pesquisadores de todos os níveis, da graduação à pós-graduação, e que possam desenvolver suas pesquisas com base no acervo que o CME dispõe. O sonho que ainda não estamos conseguindo realizar é ter o funcionário que ajude com o acervo, com o cuidado, na classificação. alguém que tenha a especialização nisso. Acabamos usando recursos importantes, como bolsistas SAE, bolsistas de graduação e pós-graduação que contam com professores orientadores responsáveis por eles, mas é importante contar também com o pessoal técnico que ajude, oriente. O que tentei fazer na nossa gestão, foi construir uma agenda de pesquisa. O acervo divide espaço com a biblioteca do Maurício Tratemberg, e quem está ali atuando, o bibliotecário responsável e o pessoal, acaba ajudando. São esforços compartilhados. Espero um dia construir uma espécie de banco de dados, não no sentido de publicar tudo, colocar tudo na rede, porque é importante que tenha o espaço físico da conservação, de registro, um lugar de memória em que os documentos sejam consultados. Grandes centros de memórias, como o nosso CMU, conseguem publicar coisas que inclusive acabam mobilizando os pesquisadores. Espero que em algum momento a gente consiga criar ferramentas de comunicação com o público de pesquisadores que deem mais pistas do que a gente tem ali, mas que também atraiam os pesquisadores. O legado que minha gestão e a do André deixou foi a conquista do regimento, de aprovar o CME como um centro de pesquisa. Uma política de acervo que ainda precisa de ser consolidada, mas que já acena para uma política porque tem a tomada de decisão que precisa passar por um conselho científico.

O conjunto documental foi acomodado em armários do CME para que uma primeira triagem pudesse avaliar com mais detalhes sua condição e algumas características ou traços que não tivessem sido destacados anteriormente. Durante todo o ano letivo de 2018, a equipe da pesquisa ALB: memórias⁹ tratou da acomodação do conjunto do 1º COLE (1978) ao 21º COLE (2018). São documentos que ajudam a contar 40 anos da história da leitura e da educação do nosso país.

A equipe também realizou a classificação dos documentos dos dez primeiros COLEs, atualizando e ampliando o Catálogo de Fontes já existente.¹⁰ O novo catálogo, em fase de revisão, será em breve divulgado com o intuito de disponibilizar esse universo documental para a pesquisa sobre Educação e Leitura.

REFERÊNCIAS:

- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- MARTINS, M. C. Memórias da Educação Escolar: prospecções e projeções. *Cadernos do CEOM (UNOESC)*, v. 25, p. 379-394, 2006.
- PAULILO, André Luiz; MAZZA, Débora Bertier. Como lágrimas na chuva? O estudo da memória e a construção da memória educacional. *Pro-Posições* [online], 2016, vol. 27, n. 3, p. 201-220. ISSN 1980-6248. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2014-0097>. Acesso em 22/11/2018.
- SILVA, Lilian Lopes Martin; OLIVEIRA, Luciane Moreira. ALB: memórias - um percurso de investigação. *Linha Mestra* (Associação de Leitura do Brasil), v. 30, p. 1345-1350, 2016. Disponível em: https://linhamestra30.files.wordpress.com/2017/03/lm_16_12_g.pdf. Acesso em: 22/11/2018.

SOBRE A AUTORA

Larissa de Souza Oliveira é graduada em Pedagogia (Universidade Estadual de Campinas) e Letras (Faculdade Anhanguera de Campinas), tem Mestrado em

9. Equipe composta pelas pesquisadoras Lilian Lopes Martin da Silva, Luciane Moreira de Oliveira, Sônia Midori Takamatsu, Larissa de Souza Oliveira, Renata Aliaga e pelas bolsistas Karolyne S. de Souza e Yasmin Marino.
10. Com o título “Congressos de Leitura do Brasil (1978-1995): catálogo de fontes”, o resultado de pesquisa do CNPq/PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) teve como objetivo organizar as fontes existentes para cada um dos 10 primeiros Congressos. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/oB8GCM74ZeZAXZCo5XoNhSzlaZkk/view>. Acesso em 22/11/2018.

Educação (Universidade Estadual de Campinas) é doutoranda em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É professora da Faculdade de Tecnologia de Bragança Paulista. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino de Língua Portuguesa, Redação, Língua Inglesa, Tecnologia Educacional e Educação Não Formal, com pesquisa nos seguintes temas: Educação, principalmente com os temas: Leitura, História, Memória, Arquivo, Formação de professores para o uso de tecnologia na educação.

E-mail: sor.larissa@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9332-3623>.

Recebido em 27 de abril de 2020 e aprovado em 29 de junho de 2020.

Congresso de Leitura do Brasil: projetos e demandas para a formação de leitores¹

Brazilian Reading Congress: projects and demands for readers' education

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p75-90>

GENIANA DOS SANTOS²

RESUMO: Este trabalho apresenta a constituição do Congresso de Leitura do Brasil em um cenário de disputas e negociação por projetos de formação de leitores. Nesta discussão, destaca-se a contribuição do COLE como espaço de produção de conhecimento sobre a formação de leitores, algo que fortalece a formação inicial para a docência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, que considera os contextos de disputa, antagonismo e articulação em prol de uma política de formação de leitores. Como resultado é possível afirmar que o COLE formaliza a constituição de uma comunidade epistêmica e de algumas comunidades disciplinares que atuam como contexto de influência na produção das políticas educacionais voltadas à leitura, ao passo que modificam o âmbito da formação inicial de professores/formadores de leitores por meio de suas práticas discursivas/pedagógicas. Nesse sentido, o COLE se diferencia por ser um espaço potencialmente democrático para produção curricular dos cursos de Letras e Pedagogia, fortalecendo o objeto de estudo leitura no campo da pesquisa educacional.

PALAVRAS-CHAVE: COLE; política de leitura; política de currículo; discurso.

1. Originado da pesquisa de Doutorado “O meu aluno não lê”: sentidos de crise nas políticas curriculares para a formação em leitura, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.
2. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

ABSTRACT: This paper presents the constitution of the Reading Congress of Brazil in a disputes and negotiation scenario related to projects for readers' education. In this discussion, the contribution of the Brazilian Reading Congress (COLE) stands out as a space for the production of knowledge about the education of readers, something that strengthens the initial training for teaching. It is a qualitative, bibliographic and documentary research, which considers the contexts of dispute, antagonism and articulation in favor of a policy of readers' education. Thus, it is possible to state that COLE formalizes the constitution of an epistemic community and of some disciplinary communities that act as a context of influence in the production of educational policies aimed at reading, while modifying the scope of training of teachers / trainers of readers through their discursive / pedagogical practices. In this sense, COLE is different because it is a potentially democratic space for courses curricular production of Letters and Pedagogy, strengthening the object of study "reading" in the field of educational research.

KEYWORDS: COLE; reading policy; curriculum policy; speech.

INTRODUÇÃO

A escola, instituição formal de aprendizagem, tem destinado às disciplinas de Língua Portuguesa e de Literatura a responsabilidade por mediar, a partir do ensino da leitura, a aprendizagem das mais diversas formas de conhecimento, condicionando a qualidade educacional à formação leitora. Em termos de organização curricular isso se materializa nas falas dos professores sobre a capacidade de ler e compreender, mas também na organização e distribuição de carga horária para cada componente curricular no decorrer da educação básica.

Esse entendimento se ancora na perspectiva de que a leitura possui natureza transversal, se relaciona à cultura de valorização do escrito e, portanto, não se circunscreve a um conhecimento disciplinar alocado em um dado componente pedagógico, pois ao passo que se constitui como um modo de conhecer, também é uma forma de praticar a cultura.

O cenário de decisão curricular possui impacto direto no seu próprio campo, uma vez que opera no sentido de fortalecer um discurso de crise da escola, principalmente pública, e, sobretudo, de crise leitora sem precedentes (SANTOS, 2017; 2019). Trata-se de um antagonismo que mobiliza o enfrentamento da crise enunciada por meio de práticas articulatórias amplas, significadas pela ideia de comunidade epistêmica (DIAS, 2006), e que enfatiza a disputa e a negociação

por projetos específicos de formação de leitores, encampados pelo pedagogo ou pelo letrado em uma lógica disciplinar.

Nesta discussão, focalizam-se as concepções de leitura e projetos de formação de leitores propostos no âmbito do Congresso de Leitura do Brasil (COLE) a partir de sua constituição e trajetória. Desse modo, salienta-se que, como espaço discursivo, as produções dispostas pelo COLE contribuíram para a ressignificação do ensino no cenário educacional brasileiro, de modo a impactar a mudança de paradigmas educacionais e, mais estritamente, à construção curricular de cursos ligados à formação de leitores escolares (Letras e Pedagogia).

O presente estudo foi desenvolvido no campo de investigação sobre currículo, sustenta-se na compreensão de currículo pela via da política cultural (LOPES, 2019) e focaliza significações produzidas no âmbito do Congresso de Leitura do Brasil como potencializadoras para formação de leitores, mas, sobretudo, para o campo das políticas curriculares de leitura em que comunidades epistêmicas e disciplinares disputam/assumem projetos de formação leitora.

Em comunidades epistêmicas destacam-se sujeitos que se identificam por um determinado conhecimento e por diferentes ações que são capazes de constituir um contexto de influência. Segundo Ortiz (2010), as comunidades epistêmicas são formadas por *experts*, funcionários públicos, professores, administradores, profissionais de relações públicas, assessores de imagem, assessores e conselheiros políticos e por mais uma pluralidade de sujeitos. Tais pessoas, em um determinado momento e por estarem investidas de uma relação saber/poder, traduzem o que seria a verdade curricular em práticas pedagógicas escolares, por estarem pautadas na ideia de tradição, estabelecendo fundamentos para formação dos seres humanos. Sobre isso, Bhabha (2013, p. 21) destaca que “[...] o reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação”. Essa identificação com o verdadeiro/tradição/fundamento impulsiona a luta por significação na arena de disputas curriculares.

Já as comunidades disciplinares estão circunscritas a um determinado campo de saber, aparentemente seus interesses são mobilizados em face de demandas³ muito particulares para o grupo disciplinar produzindo identificação muito menor em um grupo. Desta forma, os sujeitos podem dissipar a articulação em torno de

3. O conceito de demanda é entendido, no presente trabalho, enquanto unidade mínima de significação política, e possibilita assim processos de identificação e articulação entre diferenças. Este específico sentido do termo é desenvolvido na teoria do discurso proposta por Ernesto Laclau (2011; 2013), se ancora nos conceitos psicanalíticos que relacionam demanda/necessidade e predisposição à ação, enquanto emergência do sujeito.

uma demanda pela ausência de identificação com ela. As problemáticas de uma comunidade disciplinar parecem ser muito mais contextualizadas no interior das próprias disciplinas, da escola, da universidade, por exemplo.

Na busca por evidenciar a trajetória de constituição do COLE como um espaço de negociação em face da crise da leitura/crise educacional, recorreu-se à Teoria Política do Discurso (TPD) de Ernesto Laclau (2011; 2013) e à perspectiva discursiva desenvolvida por Lopes (2011; 2015; 2017; 2019). O estudo se inscreve em um universo de pesquisa mais amplo e se alinha às investigações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura (UERJ), faz parte de um conjunto de reflexões disposto no estudo de doutoramento denominado *Meu aluno não lê: sentidos de crise nas políticas curriculares para a formação em leitura*, o qual privilegiou o COLE (1978-2014) como material empírico.

O referido trabalho tomou como instância de significação a produção bibliográfica (2004-2014) disposta na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) sobre leitura e formação de leitores para as etapas da educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e a produção documental organizada pela Associação de Leitura do Brasil (ALB) sobre o COLE entre o período supramencionado.

Os critérios adotados pela pesquisa qualitativa deveriam abarcar um conjunto de expressões e sentidos (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 1994), próprios do processo de negociação, salutar à construção de políticas potencialmente democráticas sobre leitura e formação de leitores, e, para tal, são de cunho descritivo e exploratório. Este trabalho está estruturado a partir de eixos por meio dos quais serão apresentadas reflexões acerca da trajetória constitutiva do COLE como um espaço de produção de Políticas Curriculares, sendo eles: (1) COLE – Constituição e Trajetória; (2) Teoria Política do Discurso e Perspectiva Discursiva; (3) COLE e seus impactos como contexto de influência – algumas considerações.

1. COLE - CONSTITUIÇÃO E TRAJETÓRIA

Poucos estudos têm se dedicado a delinear a constituição, trajetória e impactos do COLE como um contexto de influência para o ensino da leitura e formação de leitores escolares. Nesse sentido, evidencia-se esse espaço discursivo como de fundamental relevância para a construção de políticas curriculares com vistas à política cultural de formação leitora. Além disso, é preciso reconhecer que o COLE propiciou um

contexto de influência (BALL e BOWE, 1992) na produção de projetos de formação de leitores, pois o evento reúne os principais ícones do ensino da leitura no país.

O Congresso de leitura é um evento produzido pela Faculdade de Educação da Unicamp desde 1978, possui abrangência nacional e está na sua 22^o edição. Trata-se de um evento que possui caráter científico-acadêmico-cultural, mas também político. Em sua história, é possível identificar diversas demandas, articulações e projetos de formação de leitores, algo que o configura como espaço de disputa e negociação.

Conforme Oliveira (2015), o início do COLE⁴ (1978) se deve à estratégia de articulação entre o Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da Unicamp, o Centro de Leitura (CELE), Bibliotecários e a Feira do Livro. Ainda que fosse necessária a utilização da estrutura da Feira do Livro, essa estratégia buscava, a partir da proposição de um espaço comunitário e formativo sobre a leitura, subverter o perfil mercadológico, imprimindo um perfil pedagógico e de fortalecimento coletivo ao evento. Essa primeira configuração destacou a demanda por acesso ao objeto livro, não restrita a compra de livros, mas envolta em um contexto de luta por educação em um período de censura.

Para Quinaglia (2006) o evento estava inserido em um contexto de mudança sociocultural que constituiu a educação democrática enquanto uma bandeira urgente que deveria ser defendida ativamente por uma militância. Nesse sentido, relevante se faz destacar que no COLE são apresentados textos imprescindíveis para a mudança do paradigma educacional sobre o ensino tradicional e novas formas de ensinar a partir de Freire, Geraldi, Silva, Mortatti e Zilberman, cada um desses trabalhos representava e aglutinava demandas singulares, porém articuladas para a superação da crise leitora.

Observa-se assim, objetivo comum condensado dirigido à democratização. Esta confluência, em oposição à repressão, está presente desde a primeira edição do evento, assim como a acepção da leitura enquanto prática cultural. Tal ideário possibilitou a formação de uma comunidade de ensino e democratização da leitura, que opera de modo a aproximar o objeto livro à realidade escolar. A partir de estudos sobre esse período do COLE, é possível compreender que diferentes atores, não necessariamente professores, participaram deste trabalho. Tal constatação,

4. Para realização deste trabalho foram acessados os arquivos digitais das ALB. Disponível em: <http://alb3oanoslinhadotempo.blogspot.com/>.

5. Com o intuito de situar o leitor, os anos correspondentes às referidas edições dos COLEs citados são indicados entre parênteses.

possibilita afirmar que esse período de articulação possibilitou a constituição de uma comunidade epistêmica em prol da leitura.

Essa série de movimentos foi resultado de um jogo de forças organizado em uma conjuntura do particular contexto político brasileiro do período focalizado nesta pesquisa. O desejo amplamente compartilhado pela democratização expôs um contingente que reage à insatisfação em relação à uma atuação política democrática efetiva, impedida, em larga medida, durante a ditadura militar brasileira. Um vetor correspondente ao vácuo criado pela ausência – ou profundo enfraquecimento – da dimensão democrática tornou plausível uma consonância de demandas, o que resultou em uma nova articulação, e assim, extravasou uma possível perspectiva política única e central. Tal configuração marcou a estruturação do COLE e permanece até as suas edições mais recentes; sela o evento enquanto reação à uma realidade ambivalente que se mostra, em muitos aspectos, adversa, e, em outros, intensamente resiliente.

Este fenômeno de esvaziamento do significante – no caso particular do contexto estudado, dado ao sentido prático da democracia, na condição do conjunto de exercícios que evoca – tem a sua potência articuladora apontada por Laclau (1989; 2011). O significante vazio é um elemento capaz de estabilizar as diferenças, visto que representa um ideal maior, e põe em suspensão interesses menores ou demandas particulares. Na teoria do discurso, é dado como um dispositivo analítico de força política, devido a sua capacidade de provocar articulação. Nesse sentido, tais articulações são criadas no bojo de um movimento reativo, que se deve, majoritariamente, ao esforço de responder demandas frustradas (LOPES e MENDONÇA, 2013), necessariamente imbricadas nos processos de mudança e inquietação política vivenciados no período.

Assim, o cenário descrito fornece ao 2º COLE (1979) elementos que viabilizam a estruturação de movimento articulatório com vistas à hegemonização de uma proposta pedagógica para o ensino da leitura. Essa edição do evento foi denominada “Pedagogia da Leitura”. Porém, as possibilidades das articulações, que apresentavam com uma maior força nesse momento, propiciaram a eclosão de outros projetos, um deles foi a proposta de criação de uma revista. Oliveira (2015) assinala que no intento de formalizar uma linha de publicação especializada em leitura, a Revista Teoria e Prática foi criada, sendo ela “[...] uma rede de conversas em torno da leitura” (SILVA, SILVA, OLIVEIRA, 2018, p. 12). Nos anos seguintes, para estruturação maior do evento e da revista, bem como de uma rede de pesquisadores associados, a ALB foi criada.

No que tange à contribuição da Revista para a estruturação de um pensar sobre a leitura, destaca-se que é único periódico do país dedicado especialmente a

temática leitura, “[...] subsidiando o processo de formação inicial e continuada de professores e estimulando a produção de políticas públicas relacionadas ao livro, ao leitor e à leitura” (SILVA, SILVA, OLIVEIRA, 2018, p. 12). O efeito produzido pela publicação contribuiu para oferecer um novo ferramental desses profissionais, que seriam os principais vetores para a expansão do processo que a revista contribuía;

[...] os leitores encontraram ou foram encontrados por essas vozes e, pela leitura, as movimentaram e as penetraram de muitas formas, a partir de múltiplos lugares, sendo também por elas penetrados. Pela leitura, as habitaram, assimilaram, reestruturaram e modificaram.... Delas fizeram diferentes usos, sendo praticantes em sua vontade histórica de existir (SILVA; SILVA, OLIVEIRA, 2018, p. 11).

No 3º COLE (1981) outros sujeitos foram conclamados a lutar pela leitura, ameaçada pela sua ausência no contexto familiar. Condensar a leitura como atividade corriqueira, familiar e íntima parece que foi uma das proposições dessa edição do evento. Sobre essa questão, destaca-se um deslizamento em que o antagonismo à leitura é encarnado pela censura; posteriormente, pela ausência pedagógica; e, no 3º COLE pela televisão que toma o lugar da leitura no contexto familiar. Esse movimento é comum à construção de articulação política, pois consiste em uma atualização do processo de articulação que, ao se ampliar, possibilita o fortalecimento da cadeia articulatória em prol da leitura.

Como parte do processo de expansão do COLE, em sua 4ª edição (1983), os professores de Educação Básica passaram a inscrever trabalhos, tal movimento expressou a ideia que ilustrou essa edição do evento: “Leitura na Sociedade Democrática: do discurso à ação”. Enquanto movimento articulatório, correspondeu não somente a possibilidade de maior abrangência das discussões, mas a uma responsabilização social pela democratização da leitura. Contudo, o direcionamento ao professor atualizou a cadeia de articulação, e definiu uma identidade educacional para o evento.

Na 5ª versão do evento (1985), novamente, o intento de aproximar leitor e livro ficou em destaque. A articulação inicial ganhou novos pontos, além relevância dos professores, como nos primeiros momentos, contou também com bibliotecários. Regina Zilberman encampou discussões sobre as políticas de acesso ao livro, ganhou destaque, nesse momento, o sistema educacional e as responsabilidades governamentais. As bibliotecas e as políticas de formação leitora foram temas expressos nesse momento discursivo (OLIVEIRA, 2015).

Nos anos seguintes, após a abertura democrática, as discussões se voltaram aos métodos de ensino da leitura, orientando a escola para o cumprimento do seu papel de instituição promotora da leitura. Ainda que muitas temáticas tenham sido discutidas, permaneceu a preocupação pedagógica e a tentativa de sistematização de um saber metodológico para o ensino da leitura e sua universalização – até o 6º COLE (1987).

No 7º COLE (1989), denominado “Nas malhas da leitura: puxando outros fios”, a expressão de significações mais plurais de leitura se evidencia a partir de uma ressignificação do conceito de texto orientava a mudança do ensino de língua portuguesa. Essa edição do evento indicava maior proximidade com as discussões do campo disciplinar da linguagem, que muito se relacionava à necessidade de superar o ensino gramatical fora de uma unidade de sentido, fora do texto. A esse respeito, embora o evento sinalizasse para inúmeras possibilidades pedagógicas, a leitura passa a ser focalizada como um meio de viabilizar a transformação social.

Na “Fala de abertura” do 7º. COLE, em 1989, o então presidente da ALB, João Wanderley Geraldi, assim justifica a necessidade de se “puxarem outros fios”, nas “malhas da leitura”, em consonância com as especificidades do contexto histórico: Este nosso 7º. Congresso, realizado no contexto de um tempo difícil, coincide também com um tempo de enfrentamento de desafios: de concretizar sonhos, de decidir políticas, de praticar mudanças. E vivemos em misérias públicas do analfabetismo, de pobreza, de fome, queremos viver também o direito, para a grande maioria de nós pela vez primeira, de escolha e de decisão entre caminhos alternativos a seguir na construção da sociedade brasileira. Um direito da cidadania conquistada a duras penas. E a ele, outros direitos, muitos, a conquistar e, mesmo, a descobrir. “NAS MALHAS DA LEITURA, PUXANDO OTUROS FIOS” há de enfrentar a distância entre a realidade de um país [...] e o sonho da leitura como uma prática social possível a todos os brasileiros. No intervalo entre sonho e realidade, a ação possível vem tornando possível o impossível [...] Este é o porquê deste congresso tentar trazer para dentro da pesquisa acadêmica ou para dentro da prática pedagógica a visão daqueles que fazem da produção do que se lê o seu cotidiano, produção que não se limita ao texto verbal, mas que coloca, a cada dia, diferentes objetos de leitura (MAGNANI 2009 citando GERALDI, 1991, p. 10).

Na edição intitulada “Leitura: autonomia, trabalho e cidadania”, correspondente ao 8º COLE⁶, ocorrida em 1991, a ALB era presidida por Ezequiel Theodoro da Silva. Maria do Rosário Mortatti Magnani e José Carlos Libâneo, Affonso Romano de Sant’Anna, Wanderley Geraldi e Ana Luiza Bustamente Smolka eram alguns nomes de destaque nas apresentações de mesas redondas. Nas conferências, dirigidas especificamente à relação entre literatura e educação, houve destaque para Moacir Scliar, médico e escritor, falecido em 2011, e Affonso Romano de Sant’Anna, que conduziram uma discussão acerca da necessidade da presença da literatura na vida dos educadores (ANAIS, 8º COLE, 1991).

Nessa edição do evento, pode-se interpretar que as proposituras cessaram de reunir os sentidos costumeiramente veiculados à leitura. Nesse sentido, valor estético, obras literárias anteriormente expostos perderam espaço no material de divulgação do evento. No que tange à Feira do Livro, ela continuava a insistir nos sentidos mais tradicionalmente destacados pelo COLE. Ainda nessa oitava edição, a leitura passou a ser relacionada com significados da luta política, como sugeriram os termos “trabalho e cidadania”. Esta dupla perspectiva foi responsável por um alargamento das possíveis imagens atribuídas ao leitor; a mulher passou a ser representada enquanto leitora pela primeira vez nos materiais de divulgação do evento, visto que anteriormente, somente o gênero masculino era representado nas situações de leitura.

No que diz respeito aos nomes das atividades propostas, há que se considerar a recorrência da expressão *prática de leitura*, destacada nas formas de apresentação das atividades dessa edição do evento como um retorno aos primeiros anos do COLE. No discurso de abertura, Ezequiel Theodoro da Silva (1991, s/p.)⁷, salienta que o “[...] 8º COLE registra e destaca mais de 200 pessoas cujo fazer histórico, em termos de direção da consciência e da preocupação, é praticar, é viver projetos na esfera da educação de leitores”. Acerca disso, é possível entender que o conjunto significativo de temas, arregimentados pelos participantes e seus trabalhos, estava intimamente relacionado à prática de ensino, com uma orientação pedagógica com vistas à qualidade educacional, via formação de professores leitores.

As possibilidades de práticas de leitura pelos professores constituem a essência deste congresso. Essa preocupação tem a sua razão de ser à medida em que uma mudança

6. Fonte: https://issuu.com/pesquisaalbmemoias/docs/8___cole_-_anais_baixaeresolucao. Acesso em: 10/01/2017.

7. Para realização deste trabalho foram acessados os arquivos digitais das ALB: https://issuu.com/pesquisaalbmemoias/docs/8___cole_-_anais_baixaeresolucao.

ou avanço da educação escolarizada deste país depende fundamentalmente do repertório de conhecimentos dos professores (ANAIS, 8º COLE, SILVA, 1991, s/p.)

Este tencionar das práticas discursivas revela diferentes projetos de formação de leitores entre as comunidades epistêmicas: pedagógica, literária, letrada, todos orientados pela ideia de prática. Em uma das falas da referida edição – para um exemplo *in loco* – encontramos: “O ‘retorno à prática’ é incontrolável por qualquer congresso científico. Porém fundamentados no pleno êxito deste 8º COLE, podemos avançar na hipótese de que as relações entre a leitura e a qualidade do ensino serão criticamente refletidas daqui para frente” (ANAIS, 8º COLE, 1991, p. 33).

Todas as mesas redondas propostas para a abertura das atividades tinham o professor como o foco. Isso pode ser compreendido a partir da proposta denominada “A prática de leitura do professor brasileiro: análise e perspectiva”, discutida por Maria do Rosário Mortatti Magnani, bem como por Ana Maria Sanchez esta mediante interpretação da revista Nova Escola. O tema “professor e a leitura crítica”, discutido por José Carlos Libâneo, abordou as funções da escola, a metodologia dos conteúdos e os conhecimentos relevantes para a transformação da sociedade, além de destacar a importância da leitura em tal processo (ANAIS, 8º COLE, 1991). A presença desses autores desvelou uma possibilidade de articulação entre as diferentes comunidades disciplinares em prol da formação de leitores.

Os índices de aprendizagem e leitura a partir da comparação com países desenvolvidos, e os modos como são alcançados, também são elementos que possibilitam a articulação de diferentes projetos de formação de leitores. Ademais, os problemas educacionais e os protestos são expressos por meio de moções, realçando a falta de estrutura das escolas brasileiras, a ausência de apoio à categoria docente, em particular, no que tange à realização das greves e a ausência das personalidades políticas na construção do diálogo (ANAIS, 8º COLE, 1991).

A discussão acerca da democracia continuou a ser tematizada no 9º COLE⁸ (1993) por Luiz Percival Leme Brito. Acerca disso, existiu uma tentativa em retomar a orientação para os temas *democratização e luta* pelo ensino e pela transformação social em prol da *cidadania*, postulados nas primeiras edições do evento. Essa focalização no professor e na pluralidade metodológica capaz de formar leitores foi suspensa para se privilegiar a militância mais ampla por inserção social.

8. Fonte: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais13/arquivos/intro.swf. Acesso em: 03/01/2017.

Quanto a inserção social, também tematizada na edição anterior do evento, mediante o Programa salas de leitura, a formação dos professores para a promoção de leitura não deixou de ser apontada. Ela, além de ser expressão de uma política, esboçou um método, um espaço e possíveis agentes responsáveis pela formação leitora. O enfoque que o 9º COLE indicou uma tensão em face das alternâncias de demandas para a formação de leitores, que ora foram direcionadas à mudança social mais ampla, ora se mostraram mais comprometidas com a realidade cotidiana da escola e sua forma de modificar as condições de leitura entre os estudantes.

O 10º (1995) e no 11º COLE (1997), respectivamente afigurados de “Leitura e Sociedade” e de “A voz e a letra dos excluídos”, embora se relacionarem às discussões das 8ª e 9ª edições do evento, salientaram reivindicações menos específicas em relação ao ensino e à aprendizagem escolar. Nesse sentido, o campo da arte se faz presente enquanto forma disciplinar da leitura, e, apresenta-se na opção radical pelo rompimento com o que está circunscrito no contexto didático, da disciplina literária ou ainda das essencializações expostas nas edições anteriores.

A Feira do Livro nesse período foi renomeada como “1º Feira de Leitura e Arte”, com utilização da mesma imagem da capa dos anais, o que traz uma marca disciplinar para o evento. Essa modificação na forma de nomear a feira indica a ressignificação de alguns sentidos, como a focalização na ação da leitura, especificamente a literária, em contraponto ao objeto de leitura, materializado pelo livro. Isso consistiu ainda em uma tentativa de aproximação entre feira do livro e evento, algo que não se sustentou na trajetória do COLE.

As edições dos eventos apresentam demandas importantes que se perpetuam até a atualidade. Embora dispostas em eventos diferentes, elas se hibridizaram, e recolocaram a leitura na condição de ato promotor de igualdade, associado à possibilidade de rompimento com as condições de exclusão. De certo modo, tal articulação respondeu pela centralização da escola como instituição que tende, de forma privilegiada, a possibilitar a democracia e a inclusão social.

Em uma política de leitura, expressa tanto nos documentos oficiais quanto nas produções acadêmicas, essa articulação também se destaca. A tensão anteriormente problematizada, em que a alternância entre a centralização dos métodos de leitura ou a centralização da leitura para inclusão, aparentemente se apagou. A transformação social e a luta são destacadas como demandas a serem articuladas aos espaços e situações educacionais, do mesmo modo que os objetos de leitura. Tais temáticas parecem sustentar um âmbito de enfrentamento e de socialização

de conhecimento esboçado em todas as edições do evento, mas são expressas de modo mais patente no 10º COLE (1995).

O 11º COLE (1997) destacou a radicalidade dessa mudança nos sentidos projetados pelo evento. Com o nome “A voz e a letra dos excluídos”, o caderno de resumos traz a imagem de uma criança com o rosto parcialmente coberto e, ao fundo, uma paisagem que remete a um aterro sanitário. A figuração de uma situação degradante sugere a necessidade de organização de uma militância por parte da sociedade e, mais especificamente, dos educadores, e, enquanto demanda, se atrela ao significado social mais amplo de defesa de direitos. A leitura, nesse contexto, foi vista de outro modo, e assim, posta como aquela que pode barrar processos de exclusão, principalmente na infância, operacionalizada pela função de obstruir de um mal maior.

O trabalho e a exploração infantil foram as temáticas de destaque, embora a leitura não esteja como eixo central das discussões, há uma interpretação que aponta a leitura como elemento de pré-condição para a possibilidade de transformação. Talvez devido a diferença entre demandas dessa edição e das anteriores com um distanciamento do objeto leitura, o 12º COLE (1999) se definiu tão radicalmente como um evento sobre leitura, práticas de leitura, modos de ler, leitores e suas leituras, com uma ampla articulação, que restringiu temáticas que não estivessem estritamente relacionadas à temática que sempre constituiu a centralidade do evento.

2. TEORIA POLÍTICA DO DISCURSO E PERSPECTIVA DISCURSIVA

A Teoria Política do Discurso (TPD) foi proposta por Ernesto Laclau (1989; 2011), ela oportuniza pensar o pensar sociológico em termos discursivos e a articulação como condição de possibilidade para a construção política democrática. Trata-se de uma teoria discursiva que se origina das reflexões culturais a partir de aspectos da filosofia da linguagem, psicanálise lacaniana e teoria política. A TPD é utilizada neste trabalho para a interpretação dos processos de constituição do COLE, suas demandas, contexto e antagonismo/ameaça, além dos processos articulatórios e suas diferenças. No presente estudo, em específico, são focalizadas as noções de Democracia, Significante Vazio, Demanda e Articulação. Operadores analíticos que não possuem uma ordem pré-determinada ou hierarquia e podem ser focalizados independentemente, contudo, neste estudo, são tomados como elementos de uma dinâmica discursiva.

Com o tempo, o COLE alternou suas demandas e projetos de formação leitora, em direção a uma ampliação do campo educacional ou uma restrição ao campo

da linguagem ou do literário, algo que evidencia um contexto de negociação e tensionamentos. A *democracia* e o *acesso* consistiram em elementos aglutinadores de toda ordem de reivindicações nesse espaço, possibilitando assim a ampliação da cadeia articulatória.

Neste estudo, destaca-se que houve um esvaziamento do conceito de democracia entre 1978-1983, torna-se um significante vazio. Este fenômeno possibilitou a associação de diferentes agentes tais como instituições, agrupamentos de pessoas e a organização da feira do livro, que suspenderam suas diferenças e interesses particulares em nome de uma luta comum pela democracia e, como corolário, por acesso democrático da leitura. Democracia apresentava uma pluralidade de sentidos – suspensos, no momento de articulação política –; acesso, liberdade, aprendizagem, transformação, possibilitando que diferentes formas de pensar – e articular – o substantivo democracia.

Em relação às demandas e projetos de formação de leitores, é importante frisar que o COLE sempre esteve entre um projeto de formação de professores e um projeto de formação de leitores escolares, e, nesse sentido, avaliando o alcance das produções apresentadas no evento, bem como a mudança de práticas escolares de ensino da leitura, logrou êxito em seus propósitos, visto que sustentou a ideia de uma *prática* de leitura/cultural como necessária à prática de ensino da leitura.

A simultaneidade de comunidades epistêmicas e tendências pedagógicas também estiveram presentes no evento, que tencionavam ideários distintos de formação, foi importante para a defesa de uma escola plural para a formação de leitores em diferentes momentos do COLE. Tal ponderação é salutar para não diminuir a contribuição de comunidades disciplinares que deram identidade ao COLE. Contudo, em tempos de múltiplas possibilidades de leitura e articulações improváveis, uma identidade fixa, com projetos de leitura mais restritos, pode, do mesmo modo que definiu o COLE, fazê-lo definir.

COLE E SEUS IMPACTOS COMO CONTEXTO DE INFLUÊNCIA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho apresentou fragmentos da história do Congresso de Leitura do Brasil com vistas a destacar a sua grande importância para o campo das políticas curriculares de leitura. A partir de sua história, enfatizou-se as demandas e projetos

de formação de leitores entre o 1º e o 12º COLE, quando a prática de leitura retorna enquanto uma demanda a ser defendida por todos, como nos primeiros COLE.

A partir da interpretação dos documentos relativos ao evento, procurou-se apresentar as ideias centrais veiculadas nas edições, mapeando assim sentidos em disputas sobre leitura e formação de leitores. Os fragmentos apresentados permitem a reflexão sobre uma alternância entre demandas mais amplas, possibilitadas por uma lacuna, um vazio, espaço no qual a articulação de diferentes sujeitos da política, e outros mais específicos pertencentes ao campo disciplinar, conferindo assim identidade para o evento (literária, didático pedagógica, linguística).

Destarte, o próprio processo de alternância mencionado permite inferir que ao longo dos anos, e principalmente no período ora destacado, além de ter impactado positivamente o currículo com diferentes demandas e projetos de formação leitora, o COLE se constituiu como um espaço democrático de produção de políticas curriculares de formação de leitores.

REFERÊNCIAS

- BALL, S; BOWE, R. Subject departments and the “implementation” of National Curriculum policy: an overview of the issues. *Journal of Curriculum Studies*, Londres, v. 24, n. 2, p. 97-115, 1992.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, Unicamp, Campinas. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas (1981). Disponível em: https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/3____cole_-_resumos. Acesso em: dezembro de 2016.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, Unicamp, Campinas. *Tempo de COLE*. Disponível em: https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/catalogotempocole_2014. Acesso em: janeiro de 2017.
- DIAS, R. E. ; LÓPEZ, S. B. Conhecimento, interesse e poder na produção de políticas curriculares. *Currículo sem Fronteiras*, v. 6, n. 2, p. 53-66, jul./dez. 2006. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em: 05 jan. 2015.
- LACLAU, E. *Emancipação e Diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- LACLAU, E. *A razão populista*. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LOPES, A. C. *Discurso nas políticas de currículo*. Rio de Janeiro: Faperj, 2011a.
- LOPES, A. C. Normatividade e intervenção política: em defesa de um investimento radical. In: LACLAU, E ; MENDONÇA, D. (Org.). *A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: ensaios críticos e entrevistas*. São Paulo: Annablume, 2015. p. 117-147.
- LOPES, A. C. Teorias pós-crítica, política e currículo. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 39, p. 7-23, 2013.

- LOPES, A. C. Itinerários formativos na BNCC do Ensino Médio: identificações docentes e projetos de vida juvenis. *Revista Retratos da Escola, Brasília*, v. 13, n. 25, p. 59-75, jan./maio 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22420/rde.v13i25.963>.
- MAGNANI, M. R. *De leis duras & noivas voadoras – 30 anos de COLE: temáticas e moções*, 2009. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/conferencias/Maria_Rosario.pdf. Acesso em: 16 out. 2015.
- MINAYO, M.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, L. de S.; SILVA, L. L. M. da. *A biblioteca escolar entre as páginas escritas do Congresso de Leitura do Brasil e da Revista Leitura: Teoria & Prática (de 1978 a 1985)*. Monografia (Graduação). Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- OLIVEIRA, L. de S.; SILVA, L. L. M. da. *1987 – espaços de leitura nas páginas do Congresso de Leitura do Brasil – COLE (1978-1993)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Educação–, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2018.
- ORTIZ, J. Comunidades e epistémicas y Políticas Educativas. In: FORO TALLER, POLÍTICAS EDUCATIVAS, UNIVERSIDADE AUTÓNOMA METROPOLITANA, 2010, Xochimilco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IoqInSgptqE>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- QUINAGLIA, Ivana A. L. *A leitura da leitura: o que traz a revista Leitura: Teoria & Prática sobre teorias e práticas de leitura*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2006.
- SANTOS, G. *Meu aluno não lê: sentidos de crise nas políticas curriculares para a formação em leitura*. 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- SANTOS, G. *Políticas curriculares de leitura: crise, antagonismo e negociação no Congresso de Leitura do Brasil (COLE)*. Curitiba: CRV, 2019.
- SILVA, E. T.; SILVA, L. L. M.; OLIVEIRA, L. M. (Org.). *Palavras andantes: ensino da leitura – antologia comemorativa*. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; ALB, 2018.

SOBRE A AUTORA

Geniana dos Santos é graduada em letras (Universidade Federal de Mato Grosso) e pedagogia (Claretiano Centro Universitário), tem Mestrado em Educação (Universidade Federal de Mato Grosso) e Doutorado em Educação (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). É professora da Universidade Federal do Mato Grosso. Tem experiência na área de pedagogia e didática, com pesquisa nos seguintes temas: teoria do discurso, políticas curriculares, práticas de linguagem, leitura e didática. Atua no Núcleo de Educação Aberta e a Distância (NEAD) como docente e coordenadora pedagógica do Polo de Canarana. Participa do grupo de pesquisa Políticas de Currículo e Cultura

(UERJ); Políticas Contemporâneas de Currículo e Formação Docente (UFMT) e do grupo de pesquisa Políticas de Currículo e Alteridade, da Universidade Federal de Rondonópolis.

E-mail: genianacba@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6926-0132>.

Recebido em 27 de abril de 2020 e aprovado em 29 de junho de 2020.

Não só 25 anos de COLE¹, mas também...

Not only 25 years of COLE, but also...

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p91-101>

NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA²

RESUMO: Este texto foi escrito em comemoração aos 25 anos do Congresso de Leitura do Brasil - COLE, evento promovido pela Associação de Leitura do Brasil desde 1978. A autora busca movimentos de análise interpretativa a partir da interlocução com fragmentos colhidos nos anais de diferentes Coles. Inclui, como adendo, um novo texto que contempla os Coles que aconteceram no século XXI, atualizando sua narrativa em torno de um discurso sobre leitura construído neste evento ao longo de mais de 40 anos e sob coordenação de muitas Comissões Organizadoras.

PALAVRAS-CHAVE: Congresso de Leitura do Brasil; leitura; memórias.

ABSTRACT: This text was written in commemoration of the 25th anniversary of the Reading Congress of Brazil - COLE, an event that has been promoted by the Reading Association of Brazil since 1978. The author seeks movements of interpretative analysis from the interlocution with fragments collected in the annals of different Coles. It includes, as an addendum, a new text that contemplates the Coles that took place in the 21st century, updating

1. A primeira parte deste texto foi escrita, como apresentação da coletânea intitulada *Leitura: um cons/Certo*, organizada pela autora, por ocasião da comemoração dos “25 anos de COLE”, em 2003. A obra, totalmente financiada e editada pela Companhia Editora Nacional (São Paulo-SP), foi distribuída gratuitamente aos inscritos no 14.º Cole, com venda proibida.
2. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

its narrative around a speech on reading built in this event over more than forty years and under the coordination of many Organizing Commissions.

KEYWORDS: Reading Congress of Brazil; reading; memories.

Em 1978, o Brasil sonhava com tempos de uma sociedade democrática, lutava pelas eleições diretas, mobilizava-se em torno da anistia dos exilados, vivia momentos intensos de fortalecimento de alguns setores sociais, como o dos trabalhadores.

Numa crítica, ao mesmo tempo velada e explícita, sob inspiração dialético-marxista, a sociedade brasileira expressava, com ênfase, sua frustração com o “milagre brasileiro” e o crescimento econômico, com o achatamento salarial, com a concentração de riqueza, com as desigualdades sociais. Um anseio de mudanças, inclusive educacionais, denunciava os índices de analfabetismo nos limites de mais de 30%, os pontos críticos do fracasso escolar, a evasão escolar e a repetência, em número não menos alarmante; desiludia-se com a Lei 5692/71 e sua reforma universitária, a progressiva burocratização da atividade docente, com a adoção de uma pedagogia tecnicista nos mais variados graus de ensino.

Em Campinas (SP), neste mesmo ano de 78, um pequeno grupo de pesquisadores e professores universitários arquitetava o I Congresso de Leitura do Brasil – COLE, impulsionados pela vontade, até então sufocada, de dar “voz e vez” a conhecimentos que já vinham sendo produzidos na área da educação e da leitura, bem como a uma crítica “amadurecida” durante 20 anos de ditadura militar, vinda de boa parcela de educadores da esquerda.

Colocando sob suspeita a escola dos anos 60 e 70, vista ora como “aparelho reprodutor da ideologia dominante”, ora como “instrumento da classe dominante utilizado para a exclusão e controle das classes populares”, este Congresso torna-se, desde seu início, lugar em que se acredita que a educação era e é atividade de produção dos homens e das mulheres, feita pelos e para os homens e as mulheres, cabendo nesse lugar exercitar caminhos, encontrar “brechas”, possibilidades de atuação, espaços possíveis de serem tomados no interior da escola e da sociedade.

Nesta luta configura-se o que seria para os Congressos de Leitura sua principal marca de distinção: a educação é sempre um ato político, afirmação que buscava combater uma outra, em que se entendia a educação como um fenômeno estritamente técnico-pedagógico, portanto inteiramente autônomo e independente da questão política. Em companhia desta, uma outra afirmação pode ser lida no Caderno da programação do 3.º COLE: a de que a leitura não era apenas domínio de habilidades

mentais, mas o “ato de ler, é, sem dúvida, um forte instrumento de combate à ignorância e alienação” (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1981, p. 2).

O I Congresso de Leitura do Brasil, em 1978, não apenas colocava na tensão entre sonho e realidade, teoria e prática, política e técnica, sua preocupação com os problemas de *Leitura no Brasil*, mas, sobretudo, aspirava àquilo que estava exposto como objetivo mais importante da Associação de Leitura do Brasil (ALB), promotora do evento: a luta pela democratização da leitura no contexto brasileiro.

No ano seguinte, na conferência de encerramento publicada no Caderno de programação do 2.º COLE (1979), Moacir Gadotti convocava assim os participantes:

Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome [...], ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica [...] para que não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão não é suficiente. Um CONGRESSO DE LEITURA deveria reclamar para o trabalhador a possibilidade de ter acesso à cultura geral, à possibilidade de participar da construção de seu país. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1979, p. 44)

Os primeiros Coles (1978, 1979 e 1981) vão se configurando como um lugar construído de trabalho e de reflexão, que não se faz sozinho, mas que é intensamente compartilhado coletivamente. Lugar de mobilização e confronto de muitas vezes diversas e, talvez, dispersas, vindas de diferentes regiões do País, conforme anúncio, publicado na Revista *Leitura: Teoria & Prática* de outubro de 1983, do Cole a ser realizado em novembro daquele ano:

[...] A passagem do discurso à ação ocorre por meio da organização dos trabalhos, dos atos daqueles indivíduos e grupos que também percebem sérios problemas na realidade da leitura em nosso país [...] que esse espaço chamado COLE, conquistado nos idos de 1978, seja preenchido com o maior número possível de experiências concretas, atos que responderam aos elementos de fundamentação teórica propostos através da revista “Leitura: Teoria & Prática”. (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1983, p. 3)

O Cole exercita em cada um de seus eventos, bianualmente (a partir de 1979), a ideia de que a produção acadêmica na área da Leitura – como campo de investigação teórica e metodológica independente de seus vínculos mais imediatos com

a alfabetização, com o ensino de língua portuguesa e da literatura – não pode, não deve e não permanece murada no interior da academia.

Este conhecimento, de natureza mais acadêmica, ao ser posto em circulação, movimenta-se de diferentes formas e jeitos: na produção de experiências concretas no cotidiano escolar, espaço das formas plurais de trabalho e reflexão; na produção de revistas especializadas e na publicação de livros, intensificando o mercado editorial voltado para a formação de educadores; na atuação junto a órgãos governamentais, quer na elaboração de propostas curriculares, quer na discussão das políticas públicas; na produção de materiais dirigidos à escola (sala de aula, biblioteca escolar), entre outros.

Com o passar do tempo, o Cole assume a necessidade de ampliar a discussão para além do espaço escolar e das instituições acadêmicas. Quer aproximar-se de ações produzidas em outras instâncias que também promovem a leitura e que podem ser mobilizadoras de acesso dos leitores ao que se lê, em seus múltiplos objetos de leitura no interior da sociedade.

Ilustra este momento a fala de João Wanderley Geraldi, na abertura do 7.º COLE (1989):

“Nas malhas da Leitura, puxando outros fios” [...] Os fios que temos puxado nos mostram outros fios, e outros, e ainda mais outros: a malha tecida não se fecha para encobrir, mas ao contrário, como malhas de leituras, abre espaços de discussões novas. Este é o porquê deste Congresso: tentar trazer para dentro da pesquisa acadêmica ou para dentro da prática pedagógica a visão daqueles que fazem da produção do que se lê o seu cotidiano, produção que não se limita ao texto verbal, mas que coloca, a cada dia, diferentes objetos de leitura. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1989, p. 03)

Nesta ocasião, os propósitos e intenções do Cole parecem apontar para um alargamento da concepção da leitura em suas inúmeras relações dos profissionais com ela envolvidos, em inúmeros modos de produção, circulação, recepção e apropriação. Há que se ampliar, agregando, ainda mais, forças vindas e produzidas por outros sujeitos do mundo da leitura – autores, críticos, livreiros, pessoas envolvidas em órgãos oficiais que definem políticas públicas, entidades e programas de promoção da leitura –, além dos professores e dos pesquisadores.

Também se assume neste momento, de modo mais enfático, que o conceito de leitura não poderia mais ficar circunscrito ao texto verbal, mas que poderia ser ampliado ou combinado em linguagens distintas, nas quais o ato de ler se singularizaria

em imagens e palavras associadas, cruzadas ou não, em diferentes gêneros e suportes de textos (história em quadrinhos, jornais, livros de literatura infantil, no cinema, na televisão, etc.). Coloca-se em destaque um mundo de objetos a ser lido, em seus diferentes espaços, por leitores também diferentes. Coloca-se a necessidade de atenção à diversidade e à quantidade desses objetos, assim como o acesso dos leitores a eles. Busca-se compreender seus modos de produção, de recepção e de circulação, as estratégias de promoção e divulgação da leitura.

Em meados dos anos 90, a partir do 10.º COLE, os Congressos passam a aglutinar novos debates (educação especial, psicanálise, educação indígena³, mídia e educação, história e educação, ensino de ciências), sob uma nova organização dos trabalhos. Os Coles – além das conferências e palestras proferidas por pesquisadores de âmbito internacional e nacional e destinadas ao grande público – ganham então um novo formato, reunindo os congressistas nos Encontros e Seminários, sob a coordenação de profissionais ligados a várias instituições públicas e privadas e em uma perspectiva multidisciplinar, na configuração em que até hoje se apresentam. Os Coles vão, cada vez mais, enfatizando uma perspectiva de trabalho com a afirmação de que são muitos e diversos os leitores, os quais têm inúmeras razões para ler, e em diferentes espaços. Eles acenam com diversos gestos e praticam a leitura em seus modos distintos e circunscritos a objetos também distintos.

Na insistente defesa dos “excluídos” da leitura, os anos 90 começam a moldar um debate em que se busca conhecer melhor aqueles que leem, dando a eles um lugar para a elaboração de sua própria (e distinta) voz, de modo a construir um discurso que inclua e legitime todo e qualquer leitor.

Até então, a tônica das discussões era a ênfase na existência de uma crise da leitura, configurada por uma carência ou inadequação: dos leitores e dos formadores de leitores; dos espaços de leitura; dos modelos de leitura (melhor, mais crítica, mais fluente, mais competente, mais intensiva); das possibilidades de acesso e frequência dos leitores aos espaços; da quantidade e da pluralidade de objetos possíveis de serem apropriados pelos leitores, entre outros. Dificuldades e desigualdades

3. O *Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas*, realizado desde 1995, é um desses Seminários que compôs os trabalhos do Cole, por mais de duas décadas. Foi considerado por Juracilda Veiga (sua coordenadora, ora com Wilmar R. D’Angelis, ora com *Maria Beatriz R. Ferreira*), o mais amplo e plural espaço de debate e reflexão sobre educação escolar indígena no País. O Encontro, no âmbito do COLE, divulgava pesquisas e experiências contando com a participação de centenas de índios ligados a diferentes comunidades indígenas de Terena do Bananal, Lagoinha, Pirakuá, Água Bonita, Tengatuí, Marangatú e Xakriabás.

de oferta, de participação e de instrumentalização nos aspectos que envolvem a leitura e que deveriam estar melhor preparados, aparelhados e superados pela ação política e pedagógica. No final dos anos 90, o Cole assume que a insistência nesta perspectiva vem contribuindo para ignorar, desconhecer, ocultar outros modos de inserção dos sujeitos nas formas da cultura, deixando de colocar em pauta que a promoção ou exclusão desta ou daquela leitura estariam diretamente relacionadas a questões culturais, políticas, históricas e sociais.

Assim, em 1999, em nome da coordenação geral do 12.º COLE, Luiz Percival Leme Britto e Márcia Abreu abrem o *Caderno de Resumos* com as seguintes palavras:

É certo que parcelas da população têm pouco ou nenhum acesso a materiais escritos. É certo também que outra parcela tem a possibilidade de pleno acesso. Isto todo mundo sabe. A questão que se levanta, contudo é se a representação do que seja leitura no discurso pedagógico não está ofuscando o fato de que a gente lê sim, lê mais do que se supõe, mas talvez não leia aquilo que a tradição letrada considera importante [...]. O que nos parece necessário, mais do que campanhas promocionais de práticas de leitura, é indagar, sem pré-juízos de valor, quem, o quê, como, em que condições por que razões lê ou não lê, isto ou aquilo. Em outras palavras, trata-se de verificar que fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, promovem ou desfavorecem esta ou aquela leitura, ou até mesmo qualquer leitura. Trata-se de abandonar a postura magistral de quem sabe o que o outro deve ser e fazer e permitir que aflorem as contradições, os interesses, os valores que informam as práticas leitoras na sociedade contemporânea. Trata-se enfim de pôr em questão tanto as leituras quanto os discursos sobre leitura, permitindo que se manifestem as práticas veladas, desautorizadas e desconsideradas. Talvez, deste modo, se torne possível o debate franco e sem preconceitos sobre leitura e cultura, leitura e sociedade. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1999, p. 10)

A vivência de todos os indivíduos na cidade das letras exige assim a luta por uma “democracia social e econômica, condições fundamentais de leitura e de felicidade para todos”, como podemos ler no texto de abertura do 13.º COLE (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2001). Exige também uma perspectiva que aceite a diversidade no tempo histórico e no recorte do tempo atual: nos modos de ler de diferentes grupos culturais, com seus objetos e práticas, nos espaços consagrados à leitura – bibliotecas, gabinetes, clubes literários, escolas –, no diálogo de várias linguagens em diferentes suportes de textos.

Hoje, nos preparativos para o 14.º COLE, trago, novamente, palavras de Ezequiel Theodoro da Silva, um dos idealizadores deste Congresso e o primeiro presidente da Associação de Leitura do Brasil, referindo-se ao primeiro Cole:

[...] o 1º COLE que, além de abreviar o termo Congresso de Leitura do Brasil, tinha uma relação com o verbo “colar”. A expectativa era de que o evento colasse, grudasse na consciência dos professores, bibliotecários e outros agentes culturais, servindo como um fórum para a realização de discussões e debates em torno da problemática de leitura no contexto brasileiro. (SILVA, 2003, p. 14).

Nesta comemoração dos 25 anos de Cole, podemos responder às expectativas dos seus fundadores. A cada ano este evento cresce em número de participantes e de apresentação de trabalhos, evidenciando uma produção que se tece em diferentes campos de conhecimento, que se apoia em diferentes vertentes teórico-metodológicas, que se inscreve numa malha de termos correlatos e multifacetados, agrega forças e propósitos, mas que, como nos alerta Luiz Percival Britto, atual presidente da Associação de Leitura do Brasil, continua sua luta “renhida”:

Podem dizer que somos teimosos em repetir a cada dois anos a mesma coisa. É uma questão de ênfase: para nós, prevalece a necessidade de lutar pela construção de uma sociedade em que ocorra o efetivo acesso de todos aos bens materiais e culturais que resultam da produção coletiva, ainda que fiquem propriedade de apenas uma parte. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2003, p. 03)

Campinas- SP, julho de 2003.

UM ADENDO – OUTROS COLES, OUTROS TEMPOS

A temática dos Coles realizados na primeira década do século XXI vem marcada pela afirmação da desigualdade no acesso, na familiaridade, no domínio da(s) leitura(s) por grande parte da população brasileira e da diversidade em que a(s) leitura(s) se apresenta(m) para diferentes comunidades ou grupos culturais, simultaneamente, ao longo da história.

A literatura inspira os temas do 14.º até o 17.º COLE, estampada nos versos de poetas brasileiros, como *As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase*, de

Carlos Drummond de Andrade (em 2003), ou *Pensem nas crianças mudas telepáticas*, de Vinícius de Moraes (em 2005), ou ainda *Há muitas armadilhas no mundo e é preciso quebrá-las*, de Ferreira Gullar (em 2007), ou também *O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê*, de Manoel de Barros (em 2009), entre outros. A linguagem literária potencializa as intenções proclamadas nos eventos:

nosso discurso de Educação participativa e transformadora e de estímulo à Leitura não é vão. Nem são vãs as imagens de vida que a arte projeta. São a expressão do desejo de que é possível instituir uma nova ordem social, em que Poder não seja sinônimo de opressão, miséria e terror, em que a possibilidade de ser não se resume à competitividade empresarial e territorial. Por isso seguimos. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2005, p. 01.)

Após 2010, as temáticas conversam com a tradição do evento, endossando o aspecto multifacetado e plural da leitura, atravessado pela(s) cultura(s) e pela educação. Redimensionam o debate, convocando, com destaque, questões ligadas à(s) identidade(s), a diferença(s), desigualdade(s), preconceito(s), silenciamento(s) que se expandem, sem fronteiras, para além do campo da leitura. O 19.º COLE, com o tema *Leituras sem margens* (2014), sugere um alargamento do espaço deste evento, “em tempo de desassossego, incômodo e enfrentamento de linguagens” (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2014).

As edições diminuem de tamanho, no que se refere à quantidade de pessoas participantes. Ganham um formato sem os Seminários, que reuniam professores, organizações e grupos de pesquisa representativos no cenário nacional (FNLIJ, Ação Educativa, ANPED, CEALE/UFGM, IMECC/Unicamp, Associação de Professores de Língua e Literatura/USP, etc.), responsáveis por coordenar as discussões sobre a educação e políticas públicas comprometidas com as pessoas com deficiência; os índios; os jovens e os adultos analfabetos (EJA); as crianças; a questão do gênero e da exclusão, entre outros.

Nesta última década, os Coles modelam um contracombate na força na/pela linguagem que reexiste, singular, fragmentada, plural, subjetiva e provisória, na produção de sentidos de ser e estar no mundo de hoje. O 18.º COLE (2012), por exemplo, indaga, problematiza e acena: “É preciso, quem sabe, redesenhar nosso tempo, colocando-se na leitura: ‘O Mundo Grita. Escuta?’” (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2012, p. 1).

Este tema parece antecipar a efervescente onda de manifestações políticas que, nestes últimos anos, expõe o fato de que “o rei está nu”. Um mundo que grita contra a desigualdade, a exclusão, a violência, a injustiça, o racismo, o autoritarismo, o fascismo, etc. Populações vão à rua, criam situações emblemáticas em defesa da liberdade de expressão, depois dos ataques orquestrados, em Paris, em 2015, e prestam solidariedade: “*Je suis Charlie*”; milhares de pessoas aquecem o debate contra o racismo depois da morte de um cidadão negro asfixiado por policiais brancos estadunidenses, em 25 de maio de 2020: “Black Lives Matter”; uma garota sueca de 16 anos chama a atenção dos governantes e políticos, mobilizando protestos em várias partes do mundo contra as mudanças climáticas, em 2018. No Brasil, pessoas passam a temer a perda de “bandeiras” conquistadas ou as que parecem estar em sintonia com o mundo. Passeatas e movimentos escancaram “lutas abafadas” ou que indicavam já ter sido vitoriosas. Brasileiros acionam as instituições democráticas e se colocam nas ruas, em vários estados, para garantir a defesa da ética, da ciência, do respeito à imprensa, da preservação do meio ambiente, contra grupos que convocam também, em manifestações, um golpe militar, a volta do AI5, o fascismo, o autoritarismo. Não bastam as manifestações na rede virtual. A luta é para ser vivida no corpo a corpo.

E o tema *Leituras plurais e escritas equilibradas*, inspirado na canção composta por João Bosco e Aldir Blanc, escolhido pela Comissão Organizadora da 22.^a edição do Cole (que aconteceria em julho deste ano), antecipa uma dimensão jamais prevista por este evento. O tema passa a ser reinterpretado sob o impacto do vírus nomeado como *Covid-19* e das crises política, econômica e social que assolam o nosso país.

Não só o 22.^o COLE precisou ser adiado para início de 2021 por causa desse vírus – como reunir mais de mil participantes em um evento? –, mas também muito do que sonhávamos, propúnhamos ou arquitetávamos nas diferentes edições do evento ficou sob suspensão e sob suspeita. Estávamos preparados para uma luta em que os “inimigos” e as temáticas já eram nossos velhos conhecidos. Agora, no entanto, nos vemos convocados para enfrentar uma luta que, como poucas, escancarou ainda mais a desigualdade, a exclusão e o privilégio de poucos.

Um vírus nos colocou na “corda bamba dos equilibradas” e nocauteou um mundo – econômico, político, social, cultural – em suas certezas e projetos formatados: Que mundo é este? O que está acontecendo? O que podemos fazer?

O 22.^o COLE sugere: “Dispostos a andar na corda bamba em tempos em que se pode machucar [...]” e abrir “espaço à esperança equilibrada que dança nesse fim de

tarde em chamás, e sabe que todo escritor, escritora, professor, professora, artista e cientista, inevitavelmente, tem que continuar”.

Teriam os Coles anteriores imaginado uma visão da Terra girando sob o impacto do *Covid-19*? Teriam imaginado que, em 2020, a luta continuaria contra o terrorismo, contra o preconceito, contra os golpes na área política, contra a violência (especialmente em relação às populações econômica e culturalmente vulneráveis), contra a escola e a saúde pública, no nosso país? Difícil responder – a única certeza é que o show tem de continuar...

Campinas-SP, julho de 2020.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Revista Leitura: Teoria & Prática (LTP)*, ano 2, n. 2, 1983.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1., e CONFERÊNCIA PARA BIBLIOTECÁRIOS, 1., 1978, Campinas, SP. *Resumos [...]*. Campinas: FE/Unicamp, 1978.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 2., 1979, Campinas, SP. *Resumos [...]*. Campinas: FE/Unicamp, 1979.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 3., 1981, Campinas, SP. *Programação [...]*. Campinas: FE/Unicamp, 1981.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 7., 1988, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas: FE/Unicamp; ALB, 1988.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 12., 1999, Campinas, SP. *Caderno de Resumos*. Campinas: FE/Unicamp; ALB, 1999.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 13., 2001, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 2001.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 14., 2003, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, FE/Unicamp; ALB, 2003.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 15., 2005, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas: FE/Unicamp; ALB, 2005.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 2007.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 2009.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 18., 2012, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 2012.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 19., 2014, Campinas, SP. *Anais [...]*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 2014.

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 22., Campinas, SP. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. Disponível em: www.alb.com.br. Acesso em: 05 maio 2020.
FERREIRA, Norma Sandra de A. (Org.) *Leitura: um cons/certo*. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2003.
SILVA, Ezequiel Theodoro. *A leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

SOBRE A AUTORA

Norma Sandra de Almeida Ferreira, graduada em Letras (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José dos Campos – SP), mestrado e doutorado em Educação (Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas). É professora livre-docente e pesquisadora da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas. Coordena atualmente o grupo de pesquisa Grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura, Escrita e Trabalho Docente na Formação Inicial” – ALLE/AULA. Tem experiência nas áreas da educação e linguagem, com pesquisas nos seguintes temas: leitura, alfabetização, literatura infantil e livros escolares.

E-mail: normasandra@yahoo.com.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3078-2168>.

Recebido em 27 de abril de 2020 e aprovado em 29 de junho de 2020.

ALB: 30 anos

Sentidos da ALB

The meanings of ALB

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p105-108>

EZEQUIEL THEODORO DA SILVA¹

SENTIDO: MARCHE!

Nos idos de 1978, em ares e tempos pesados de ditadura, desafiamos o sistema implementando o 1º COLE, que buscava assentar e “colar” outras preocupações a respeito da realidade educacional brasileira. Apontar para outras visões e concepções da leitura que não fossem a do “sentido: marche!” ideológico, autoritário e monovalente que os coturnos e as baionetas nos impunham naquele período tão sufocante. Houve uma resposta calorosa dos educadores ao nosso evento, dando a entender que as convicções e as ordens unidas dos quartéis se contrapunham ao desejo por democracia no país – ia se desenhando então uma outra leitura de realidade nas retinas de muitos educadores brasileiros. Em 1979 repetimos o COLE, aglutinando mais vozes em torno da insatisfação, do protesto e da denúncia; reforçava-se naquele ano um horizonte mais nítido de construção de uma sociedade com outras possibilidades de exercício do poder, em direção contrária, antagônica, contraposta ao “sentido-marche” autoritarista. Em 1981, pudemos ver que o movimento social já não mais acompanhava o rumo único imposto pela ditadura com o seu bater

1. Professor aposentado da Faculdade de Educação – Unicamp. Atuou como Presidente da Associação de Leitura do Brasil -ALB nas gestões: 1981/1983;1984/1985;1986/1987;1990/1991;2007/2008.

de calcanhares e de continências. Trouxemos Paulo Freire de volta para abrir o 3º COLE em 1981 e nos fazer acompanhar pelo seu modo de conceber a leitura da vida, da palavra e do mundo. Juntando sonhos e esperanças, trabalhando à revelia dos donos do poder, fundamos, no mesmo ano, a ALB com o objetivo maior de lutar pela democratização da leitura no Brasil.

PRÉ-SENTIDO

De pressentimento, passando pela constatação, caindo na evidência histórica: a leitura, tal qual a cultura e a educação, nunca foi uma preocupação relevante para os donos dos vários e enquistados poderes brasileiros. A drástica paisagem da leitura é reiterada de ano para ano, sem que sejam elaboradas e implantadas políticas, programas, ações sadias ou saneadoras em direção a uma mudança que nos leve a chegar a um outro patamar, o patamar onde a leitura seja, igual à educação, um direito e uma prática essencial ao exercício da cidadania. A razão de ser da ALB, um dos porquês dela se manter de pé é o descaso das autoridades na direção de um povo culto, capaz, crítico. Talvez seja por isso mesmo que, em 30 anos de existência, a ALB, mesmo produzindo e tendo produzido trabalhos importantíssimos para novos rumos e sentidos para a leitura nacional, jamais foi convocada, em termos de voz e vez, para somar contribuições que conduzissem as práticas de leitura, fosse onde fosse, para um patamar mais digno, condizente e edificante. Práticas de leitura crítica, capazes de por abaixo, de “espatifar o entulho arcaico, corrupto e patrimonialista que o Estado [brasileiro] abriga”². Pré-sentido, pressentimento de que a ALB terá vida longa, longuíssima, até que a grande maioria da população brasileira, possuindo uma outra mirada de - e para a - sua capacidade leitora, possa dar o devido sentido, por exemplo, ao abraço de Lula em Paulo Maluf e o que isso significa em termos de conchavo, atraso, círculo vicioso, viciado e avacalhado. Por exemplo, da defesa do bicheiro e ladrão Carlinhos Cachoeira pelo seu advogado, ex-ministro da Justiça do Brasil, Márcio Thomaz Bastos. Sem dúvida, é preciso ler criticamente a realidade da “despolítica” brasileira, os pré-sentidos e os pressentimentos do que ainda está por vir, caso os cenários não forem outros...

2. JABOR, Arnaldo. As ideias não correspondem mais aos fatos. In: *Jornal Correio Popular*. Campinas, 17-julho-2012, p. C2.

SENTINDO O SENTIDO

Numa sociedade como a nossa, onde o espírito do associativismo e da solidariedade nunca foi lá uma coisa muito forte, o aniversário de 30 anos de uma entidade pode ser tomado como um fenômeno raro, que se distancia dos padrões de existência e sobrevivência das associações aqui nascidas por vontade da sociedade civil. Para entender a ossatura, a envergadura e a altivez da ALB, para sentir o seu sentido, é preciso buscar nos membros das suas diretorias, de 1981 até hoje, um “treco por dentro”, “uma força bruta”, um ímpeto combativo e construtivo na direção da continuidade de um projeto e na fantasia de, pela formação de leitores inteligentes, colocar a nossa sociedade no patamar da justiça social, do bem-comum, da felicidade que pode resultar da distribuição equitativa da riqueza. A marca registrada da ALB - talvez o seu motor e a sua energia - sempre foi e continua sendo - e oxalá continue sempre sendo - o seu desatrelamento dos governos e das administrações públicas, dos interesses menores e politiquieiros, do famoso e falso discurso de proteção aos trabalhadores e oprimidos desta terra; todas as diretorias souberam honrar o parágrafo único do Artigo 1º dos seus estatutos: “É vedado aos associados bem como aos membros da Administração a utilização do nome da ALB para atividades religiosas, político-partidárias e quaisquer outras estranhas aos seus objetivos sociais.” Assim, as pessoas, as equipes de pessoas que formaram as diferentes diretorias amorosamente deram muito de si, pressentiram, sentiram, cheiraram e degustaram as dificuldades do dia-a-dia de uma entidade que sempre andou sobre as suas próprias pernas, que nunca abriu as pernas e que, pela sua ação séria e transformadora, estende os seus braços e todo o seu corpo para leituras que sejam alternativas àquela que autoritariamente, ou que comercialmente pelo viés único do mercado, desejam o conformismo, a subserviência e/ou a reprodução da incultura da nossa população.

SENTIMENTO SENTIDO

Hilário já se foi. Beteizabete já se foi. Milton já se foi. Bartolomeu já se foi. Outros cujos nomes me escapam não se foram, mas simplesmente se afastaram ou foram obrigados a partir pelas circunstâncias, tomaram outros caminhos para outras sementeiras. Por mais que se deseje individualizar ou endeusar ou totemizarem as conquistas da ALB nesta ou naquela pessoa, neste ou naquele presidente, num ou noutro pesquisador, fenômeno que tem as suas raízes na visão ainda arraigada de se

esculpir heróis e vilões para os fatos e fios da história, o meu sentimento sentido é o de que a Associação de Leitura do Brasil é uma realização de muitas cabeças, muitos braços, muitas mãos que, ou no terreno da cooperação ou no quintal de muitas brigas ou na esfera de vários desentendimentos ou mesmo inimizades duradouras, cresceu, ganhou cara e corpo e se robusteceu ao longo da sua existência. Cada qual, do seu jeito, ao seu modo, quinhaozão ou quinhaozinho, somaram em favor da história da ALB, dando-lhe resistência no tempo, tradição, identidade e, mais do que tudo, a dignidade de uma cidadela ou uma fortaleza de pessoas que pensam, lutam pela causa e pelas coisas da leitura no Brasil. E esse meu sentimento sentido, fortalecido a cada COLE, a cada novo/jovem integrante da ALB, a cada publicação editada, a cada novo leitor que se conquista é expresso num poema de Guimarães Rosa com o qual finalizo a minha intervenção nesta mesa e que saúda, com o mais puro sentimento de prazer, entusiasmo renovado e alegria, estes 30 anos da ALB.

Alongo-me

O rio nasce
toda a vida.
Dá-se
ao mar a alma vivida.
A água amadurecida,
a face
ida.
O rio sempre renasce
A morte é vida.³

3. ROSA, Guimarães. Alongo-me. In: Ave Palavra. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 45.

Por Trás do COLE: a Associação de Leitura do Brasil

What supports COLE: the Brazilian Reading Association

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p109-111>

JOÃO WANDERLEY GERALDI¹

... é certo, se isso lhe serve de consolação, que se antes de cada ato nosso nos puséssemos a prever todas as conseqüências dele, a pensar nelas a sério, primeiro as imediatas, depois as prováveis, depois as possíveis, depois as imagináveis, não chegaríamos sequer a mover-nos de onde o primeiro pensamento nos tivesse feito parar. Os bons e os maus resultados dos nossos ditos e obras vão-se distribuindo, supõe-se que de uma forma bastante uniforme e equilibrada, por todos os dias do futuro, incluindo aqueles, infundáveis, em que já cá não estaremos para poder comprová-lo, para congratular-nos ou pedir perdão, aliás, há quem diga que isso é que é a imortalidade de que tanto se fala, ...
(Saramago, Ensaio Sobre a Cegueira, p. 84)

NESTA CELEBRAÇÃO, GOSTARIA DE REMEMORAR. FUI COLHIDO pelo IV COLE. Tardamente: não participei das três primeiras edições. Mas um evento que nos trouxe, em sua terceira edição, a palavra de Paulo Freire, com o texto “A importância do ato de ler”, cuja voz só ouvi mais tarde no silêncio da leitura da obra homônima, era um evento para “colar”, como mais tarde aprendi com o colega Prof. Ezequiel Silva, idealizador do Congresso e da Associação.

1. Professor aposentado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Unicamp. Atuou como Presidente da ALB na gestão 1988-1989.

Fui colhido em suas malhas ao apresentar uma das primeiras comunicações orais de minha carreira. Eu vinha do sul com preocupações com o ensino, com a escola. Havia sido professor do ensino fundamental, desde os tempos em que se denominava de “ginásio”. E professor universitário, nunca deixei de “ser um professor de colégio”, como um dia me chamou um aluno, mais tarde orientando de doutorado e, também, ele colhido pelo COLE, por anos a fio.

Pois fui lá, numa sala do colégio Culto à Ciência, apresentar um texto em co-autoria com Nilma Góis Fonseca: *O circuito do livro na escola*². Estávamos os dois surpresos com a experiência de deixar ler na escola, de organizar uma biblioteca de sala de aula, e de vermos como alguns livros se tornavam os preferidos, os alunos fazendo fila para pegá-los para lerem.

Eu era quase calouro em eventos científicos. Temia o público. Mas neste, encontrei América Marinho e Antonio Gil. Parceiros. Creio que encontros como este são o fruto imprevisto, mas nem por isso menos rendoso, de um congresso como o COLE. Nele se encontram parceiros preocupados com as mesmas questões. É um evento efetivamente democrático, de e para professores de todos os níveis de ensino. Aberto a falas e a escutas. Soam bem as vozes dos professores com suas vivências e suas preocupações, como soam bem as vozes supostamente mais informadas e conformadas aos moldes da academia.

E a cada edição, o COLE cresceu: em participantes, em comunicações, em temas, em amplitude e em profundidade. Meu bastimo de fogo foi o 7º. COLE, o último realizado no centro de Campinas. Com um público tão numeroso, já não havia espaço suficiente para abrigá-lo nas escolas e no Centro de Convivência. Uma caravana de Mato Grosso, sem inscrição prévia, teve que contentar-se em participar no 7º. COLE apenas dos então mini-cursos oferecidos durante o evento. As sessões plenárias, no Centro de Convivência, não permitiam a presença de tanta gente. Dois anos depois, o COLE passa ser realizado no campus da Unicamp. E seguramente é o evento acadêmico de maior público da Universidade, deu nome à Universidade embora esta não assuma este Congresso em sua própria agenda.

Para realizá-lo, há por trás a ALB! Uma diretoria de voluntários – que em sua história teve dois grandes nomes públicos até agora: Ezequiel Theodoro da Silva e Luiz Percival Leme Brito. Ambos dedicaram alguns anos de suas vidas à Associação de Leitura do Brasil.

2. O texto faz parte da coletânea *O texto na sala de aula*, São Paulo: Ática, 1997.

A Associação alimenta-se em seu evento e a ele sobrevive. Gasta-se para realizá-lo, reanima-se na multidão que acolhe. *Anima* e ânimo. Abastecida, por dois anos vai editando sua LEITURA: TEORIA & PRÁTICA, dando vazão a estudos e fazendo circular ideias. E robustecida retorna para mais um congresso. Com novo presidente ou com presidente reeleito, lá está a equipe e aqueles que trazem a história dos eventos anteriores como alavanca de sucesso. Nominalmente, sempre presente, uma professora da Faculdade de Educação da Unicamp: **Lilian Lopes Martin Silva**, alma dos sucessivos COLEs, sem jamais ter assumido sua presidência. A ela, não só a minha gratidão de ex-presidente da ALB, mas a gratidão de todos aqueles que de uma forma ou outra se deixaram tocar, ao longo destes anos, pelo que aconteceu nestes inúmeros COLEs, nas sucessivas edições de nossa revista e nos embates de sobrevivência que enfrentam em nosso país todas as entidades sociais. À voz que hoje ela me empresta para dizer minhas palavras, meu muito obrigado.

Stuttgart, Alemanha, 23 de junho de 2012.

João Wanderley Geraldi

Nosso encontro com a leitura e a ALB: memórias e sentidos

Our encounter with reading and ALB: memories and meanings

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p113-120>

RUTE BATISTA DE PONTES¹

O TEXTO, EM SEQUÊNCIA, ESTÁ NA SUA ESSÊNCIA, FIEL À NOSSA FALA durante a realização da Mesa-Redonda com os ex-presidentes da ALB na noite de 17 de junho de 2017, no 18º Congresso de leitura do Brasil. Como é natural, na ocasião entremeamos sua leitura com comentários e esclarecimentos e deixamos de seguir, *ipsis litteris*, alguns parágrafos o quê, de modo algum, compromete o que ora damos a conhecer. A necessidade deste esclarecimento deve-se ao fato de a Mesa-Redonda ter sido transmitida via Internet, em tempo real.

Ao refletirmos sobre as comemorações dos 30 Anos da ALB e a diversidade de sentidos contida na ousada e desafiadora travessia desta respeitada entidade, buscamos neste momento, verbalizar a expressão do nosso sentimento, da nossa fala interna e entrelaçá-los com esses sentidos. Pensamos, então, a partir deste depoimento pessoal, reconstruir essa trama, cujos primeiros fios, começaram a tomar corpo em 1991; ano do nosso ingresso no Mestrado em Biblioteconomia, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas-PUCCAMP. Época, que significou adentrar um novo caminho, enfrentar os percalços próprios de quem prefere ser uma protagonista da cena social e, não apenas, expectadora desta. Nossa intenção,

1. Docente do Departamento de Ciências da Informação, Curso de Biblioteconomia – Universidade Federal do Ceará. Atuou como Presidente da Associação de Leitura do Brasil-ALB – 1992-1993.

então, era aprofundar informações e conhecimentos no campo da Administração Científica, área na qual trabalhávamos, como bibliotecária, na condição de diretora da Biblioteca Central da Universidade Estadual do Ceará. Embora, também, pudéssemos nos realizar na área de conhecimento, aludida, sentimos que era a oportunidade de mudar o curso profissional.

Conscientes de que, para abraçar a Leitura seriam necessários alguns tombos, mas com a certeza de estar diante de uma nova e fascinante missão decidimos, dali para frente, acrescentar ao nosso fazer profissional, social e pessoal conhecimentos que nos ensinassem seguir na direção desse universo, que se nos afigurava como pleno de possibilidades. Atendíamos, pois, a um chamado latente no nosso ser esperando apenas, o momento e o lugar certos, para nos entregarmos a essa nova construção. Logo, essa certeza concretizou-se através de oportunidades que nos permitiram ser mais; de poder compartilhar com o Outro, tanto o aprendizado quanto as experiências advindas das interações, diálogos e trocas vivenciadas nesse momento de aprimoramento da nossa formação acadêmica. De outro modo, o desejo de ir traçando as possíveis formas de atuação no nosso solo natal, tão prenhe de dificuldades de toda ordem.

Embora, a leitura não seja a solução para todos os males que afligem o ser humano, concordamos com o que pontua Michèle Petit, no seu mais recente livro *A Arte de Ler; ou como Resistir à Adversidade*, a leitura é um

[...] instrumento privilegiado para a reconstrução [...] de identidades e histórias pessoais. [...] uma reserva de liberdade necessária, um espaço de devaneio fundamental para a recomposição do tecido simbólico esgarçado por catástrofes, sejam elas externas ou internas.

Ou seja, constitui-se em um dos veios para conduzir com equilíbrio a nossa existência. Isto, realça com muita clareza as condições de vida do contexto nordestino e acentua que a leitura contribui, em muito, para resistir aos embates que lhe são impostos.

Retomando, um pouco, a nossa fala anterior o quê, de início, marcou profundamente a nossa curiosidade intelectual, ao primeiro contato com a disciplina, “Processos de Leitura”, ministrada pelo Prof. Ezequiel Theodoro, no Mestrado, foi o entendimento de que os conteúdos da mesma, e a forma como eram trabalhados em sala de aula, na realidade, alertavam para dar vida ao nosso próprio grito; para a voz interna que passava a compreensão de que, deveríamos escutar, de modo

atento e presente a esse grito, na esperança de contribuir de forma mais efetiva para um mundo melhor.

Esclarecemos que, a integralização curricular do Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Ceará, na ocasião, não contemplava nenhuma disciplina voltada para a teoria e prática da leitura. O Curso, predominantemente, tecnicista nos formava para organização e tratamento das materialidades documentais gráficas - impressas - na sua maior parte; com ênfase para o livro. Essa formação continua sendo fundamental, ainda, hoje. Mas, sentíamos que faltava algo e, esse **algo** veio à lume durante o desenrolar da disciplina “Processos de Leitura.” Encantou-nos, descobrir a leitura como área de conhecimento a ser explorada em uma diversidade de formas, jamais pensada por nós.

Acrescido ao encantamento dessa descoberta a participação, como ouvinte, do 8º Congresso de Leitura do Brasil (8º COLE) no mesmo ano. Colocando-nos, sempre, na condição de aprendiz fomos galgando os primeiros passos, cercadas de esperança e muitos sonhos.

No ano seguinte – 1992 – a ALB deveria dar continuidade às suas ações, através de uma nova Diretoria. Atendendo ao convite do Prof. Ezequiel, nós, e, mais, Beteizabete de Brito, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nesse momento, cursando doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem-IEL – já falecida; César Castro, da Universidade Federal do Maranhão, também aluno do Mestrado da PUCCAMP, a pedagoga Marlene Ramos, professora da rede pública de ensino local, Maria Lucia, também de Campinas, dentre outros, formamos um grupo para compor a nova chapa e submetê-la à aprovação dos seus associados. Realizada a eleição, movidos por um forte compromisso político e uma enorme vontade de acertar assumimos a ALB, nesse período. Por primeiro, como Vice-Presidente e, em decorrência da renúncia do Prof. Eduardo Andrade, eleito presidente, assumimos, após curto período do seu mandato, a Presidência. Diante do respeito que esta entidade conquistou, junto a educadores, bibliotecários, agentes culturais, tanto em nível local como nacional; enfim, todos quantos de uma forma, ou outra, sentem-se responsáveis pela causa da leitura no País, com certeza, teríamos pela frente um complexo fazer, mas, não impossível de ser concretizado.

Assim, a gestão da Associação de Leitura do Brasil durante o exercício 1992-1993, resultou dessas leituras, desses sentidos, palavras, gritos e gestos que nos inundaram, por completo. Sempre que necessário, buscávamos dirimir nossas dúvidas junto ao Prof. Ezequiel. A segurança e a liberdade de ação chegaram à medida que

refletíamos sobre os fazeres e as responsabilidades diante de nós, e os meios mais eficazes de como lidar com cada situação que se nos apresentava. Estávamos sempre alertas ao chão que pisávamos, a nós mesmos. Observação, percepção e escuta sensível, foram instrumentos imprescindíveis a nos guiar para a apreensão não só de gritos explícitos, mas, daqueles que vieram à tona por meio de silêncios.

Em 1993, presidimos o 9º Congresso de Leitura do Brasil. Logo a seguir, a ALB recebeu da Câmara Brasileira do Livro, uma homenagem durante a realização da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, como reconhecimento à sua inestimável atuação na democratização do acesso à leitura no País. Participamos, também, da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, com *stand* próprio. Para a concretização dessa ideia, contamos com o concurso de José Mindlin, eminente bibliófilo (já falecido) que se considerava [...] *um leitor incansável e, o que é mais grave, um leitor indisciplinado* [...] por ler quase tudo que lhe caía nas mãos, segundo afirma no seu livro de memórias - *Uma Vida Entre Livros: Reencontros com o Tempo* - Mindlin, de imediato, enviou-nos generoso recurso financeiro. Registramos, também, o valioso apoio da Faculdade de Educação (FE) da UNICAMP com a infraestrutura material necessária para a montagem do *stand*. E, assim, com entusiasmo e espírito de luta, enfrentamos tudo o que um empreendimento dessa natureza comporta, em termos de desafios, até o final da nossa gestão.

Com a leveza da consciência de quem tem a convicção do dever cumprido e internalizando o sentimento do privilégio de sermos parte da história da Associação de Leitura do Brasil, retornamos ao nosso lugar de origem, tão logo concluímos, também, nossas pós-graduações. Na memória, espaços de tempo que permanecem indelévels dentro de cada um(a) que compôs a Diretoria – 1992-1993, temos certeza.

A ALB, após 30 anos de existência, se fortalece, cada vez mais; agiganta-se. Isto, quer dizer, confiança que gera entrega; entrega, com a convicção de que é possível uma nova práxis para a Educação e a Cultura brasileiras. Cremos na missão, da ALB, sobremaneira, como uma missão de cuidado com o Outro. Leitura é, também, ato de cuidar, atento à condição humana; à complexidade de que se reveste.

Entrelaçar, pois, a nossa formação em leitura, a partir da segura orientação do Prof. Ezequiel Theodoro e o exercício da presidência da ALB, é tecer uma trama de relações de sentidos que, dentro do espírito do tempo que estamos a viver, com tantas contradições, inquietações, dúvidas e medo, está a clamar por respostas, pelo direito de viver com dignidade, respeito, equanimidade. Ler, nessas circunstâncias, torna-se uma busca constante, um preparar-se para a adversidade, lembrando, mais uma vez, Michèle Petit.

Confirmamos, pois, o compromisso de seguir na busca por ser mais; ser mais, no sentido do domínio da competência informacional e conhecimento necessários, alinhando-os à sabedoria, ao discernimento. Sem sabedoria e sem discernimento, informação e conhecimento têm aplicação desviada da sua verdadeira finalidade: o bem-estar e a felicidade humanos.

Desse modo, insistimos na luta pela conquista de uma educação de qualidade. Ou seja, nas reivindicações, estratégias de ação, no escutar das vozes que se levantam contra esse caótico quadro da formação humana, temos um propósito em comum: remover a barreira que facilita o acesso à Escola sem recursos político-pedagógicos que garantam a permanência do aluno no ambiente escolar, afastando o fantasma da evasão, em alta, sempre. Docentes, em geral, desrespeitados nos seus mais inalienáveis direitos.

Deparamo-nos com essa vergonhosa realidade, cuja fisionomia apresenta-se, cada vez mais cruel, também, na forma do analfabetismo funcional, cujos tentáculos, estão presos a problemas que compõem o leque de necessidades humanas básicas. Estas, a merecer urgentes providências, mas, vistas como se, assim, não fosse. Como os indicadores de ordem quantitativa são exaltados a todo momento, a população mais atingida, desprovida de consciência crítica, continua a acreditar que tudo está muito melhor. Esses, a mascarar um contexto que está distante de alcançar parâmetros de qualidade. Exceção aos casos que se constituem como ilhas de competência, principalmente, na rede escolar privada.

Não radicalizando essa questão, a Escola galgou passos importantes, mas, é patente o agravamento dos problemas, especificamente, do saber ler e escrever; expressões estas, consideradas no que comportam de mais profundo e abrangente. Tampouco, estamos a negar as políticas públicas governamentais, educacionais e culturais que, do ano 2000 para cá, vêm despendendo esforços na intenção de mudar essa distorcida face que se acerca da tríade: leitura, livro e biblioteca. Entretanto, acentuamos, ainda, não encontraram o seu norte.

Creemos numa política de Estado que contemple todos os setores de atividades humanas, tendo no topo das suas prioridades a Educação. Não é novidade afirmarmos que um país só se faz respeitar diante da sua sociedade e, do contexto internacional, se a educação do seu povo se alicerçar em bases sólidas e solidárias. A situação como está, é como diz Leonardo Boff, no livro *Sustentabilidade: o que é – o que não é: continuarão [...] os gritos lancinantes de famélicos e miseráveis [a elevar-se ao céu;] poucos os que ouvem os seus lamentos.*

As atuais políticas governamentais têm uma visão míope com relação a empreendimentos educacionais e culturais já consolidados, apresentando promissores resultados. Alguns programas de incentivo à leitura sofreram interrupções ou foram ameaçados de extinção. Mencionamos, como exemplo, o *Agentes de Leitura*, no Ceará, voltado para cidades onde o Índice de Desenvolvimento Humano-IDH, abaixo da linha de pobreza, estava a exigir providências urgentes, afetas à questão do desempenho em leitura e escrita. No período de transição de um governo para o outro, não faz muito tempo, esse programa passou, praticamente, um ano, para ser retomado. Lembramo-nos, bem, das fisionomias daquelas pessoas, ávidas por aprender, do município de Nova Olinda, sul do Estado, ao chegarmos para dar continuidade à formação dos selecionados para prepararem-se como agentes de leitura. Um deles adiantou-se, ansioso e, disse: *Professora, faz um ano que a gente espera pela senhora; já não 'tinha' mais esperança de você estar aqui.*

Hoje, esse programa concebido e desenvolvido pelo Dr. Fabiano dos Santos, através da Secretaria de Estado da Cultura do Ceará, enfim, tem o respeito e o reconhecimento do Governo Federal, e desenvolve-se através do Ministério da Cultura., embora, ainda, prescindida de olhares mais presentes e escutas mais atentas, por parte de quem, atualmente, o dirige.

Inúmeros são os contornos dos gritos advindos da nossa escuta atenta: cenas como esta que passarei a narrar são mais comuns e constantes do que pensamos: ontem, ao chegarmos a Campinas, ligamos para uma amiga, ex-colega de mestrado. Ao querermos deixar um recado, a senhora que nos atendeu, falou: *moça, não adianta deixar recado; não sei ler, nem escrever; sou faxineira.* Na sua forma ingênua de pensar, faxineira não precisa saber ler e escrever.

Um outro momento, que sentimos como um **grito no silêncio** da madrugada, deu-se à nossa frente, ao regressarmos à casa, em Fortaleza: um homem cuja aparência revelava o seu estado de carência física, espiritual e emocional, pelo rigor da sua lida – Catador de Lixo – conduzia sua carroça, abarrotada de lixo reciclável, por ele mesmo puxada. Cobria o produto do seu trabalho, uma imensa bandeira do Brasil. Bem visível: **Ordem e Progresso**. Quanta contradição! Que ordem é essa, que progresso é esse que impõem ao ser humano tanta desumanização, tão precárias condições de vida? Precisamos, sim, de uma nova ordem política, social, econômica e, essencialmente, humana.

O tema do 18º COLE, espelha, com muita propriedade, os gritos e os clamores que testemunhamos, no cotidiano, quaisquer que sejam o lugar e a hora: O MUNDO GRITA. ESCUTA?

Em que pese todas as ações concretizadas, ainda temos um longo percurso pela frente. Assim, como isto continua a nos inquietar, a nos afligir, também nos impulsiona a enfrentar as procelas, em alto mar, na busca por um porto seguro onde possamos ancorar a nossa embarcação e cumprir a nossa missão. Missão entremeada de denúncias e anúncios de novos desafios. O conhecimento a partir do qual temos pautado a nossa conduta, como formadora de leitores é um conhecimento que sempre tem o Homem como meta, respeitando as suas potencialidades e buscando superar as suas limitações.

Na nossa fala, contemplamos ideias e pensamentos já expressos, não só neste evento, é verdade. Mas, isto, é uma confirmação da sintonia do nosso compromisso; insistimos em alcançar o mesmo alvo: um Brasil cujo equilíbrio repouse no desenvolvimento sustentável; na conquista da humanização dos seus filhos, como requisito fundamental para o exercício da cidadania na sua inteireza. Enfim, um Brasil leitor.

Antes de concluirmos, gostaríamos de dizer que, após abraçar a docência, em 1999, assumimos a coordenação do comitê do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), em Fortaleza. Aqui presente, a Professora Elizabete Serra que, nesse ano, integrava a equipe que dirigia o PROLER Nacional, quando tivemos a oportunidade de, na reunião anual de avaliação do Programa, melhor conhecê-lo e dar continuidade às suas ações.

No Brasil, o PROLER está a completar 20 anos de profícua atuação; na Universidade Federal do Ceará, desenvolve-se como uma ação de Extensão, há 17 anos. Sob a nossa coordenação, há 13. Impressiona-nos a força e a coragem dos diversos coordenadores de comitês que integram o Programa por este país afora, mesmo diante de obstáculos quase intransponíveis. Seguem em frente ignorando *as pedras no caminho* e, assim, conferindo mais credibilidade e reconhecimento ao que foi o primeiro programa, no Brasil, com fisionomia de política pública, centrada no livro, leitura e biblioteca.

Obrigada, pela delicadeza da atenção de todos(as); à Prof^a Lilian, coordenadora do Projeto 30 Anos-ALB; ao Prof. Antonio Carlos, atual presidente da ALB. Um agradecimento especial ao mestre, Prof. Ezequiel Theodoro, que naquele já distante 8º COLE, em 1991, ao lançar o livro *De Olhos Abertos: Reflexões Sobre o Desenvolvimento da Leitura no Brasil*, fez, para nós, a seguinte dedicatória: *Rute, é certo que já somos amigos. O Livro faz isso.* Aqui, estamos para confirmar as palavras

do Prof. Ezequiel. Não importam o tempo e a distância. Mas, sim, a união pelos mesmos ideais e propósitos.

Rememorando bons momentos nos COLEs e na ALB¹

Recalling good times at COLEs and ALB

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p121-122>

GUILHERME DO VAL TOLEDO²

TINHA A EXPECTATIVA DE ME DEPARAR COM UM VÍDEO QUE TRARIA A manifestação do Percival. Na impossibilidade de contar com ele, aceito o convite para compor a mesa, antecipando o imprevisto dessa manifestação.

Gostaria de contar muito brevemente, até pela grata presença de algumas pessoas aqui na mesa e também na plateia, que o COLE foi a entrada de um estudante de pedagogia à qual estava junto a Raquel Fiad e Ana Luiza Smolka, preparando material para colocar nas pastas, trabalho coletivo capitaneado pelo Ezequiel e com a Lilian, com certeza, nos dando muito apoio e lembrando que a gente precisava comer... tomar água... avisando o Ezequiel que também precisávamos nos alimentar, não só com livros, mas também com algumas comidinhas.

Me recordo da presença da força e do incentivo com que eles iam construindo, não só o COLE, mas muito mais – o conjunto de ações que a ALB ia realizando em várias partes do país. Eu me lembro do Ezequiel indo a várias feiras de leitura, feiras literárias...

1. O Prof. Guilherme estava presente na plateia e subiu à mesa a convite do coordenador, a fim de manifestar-se em lugar do Prof. Luís Percival Leme de Brito, ex-presidente da ALB nas gestões que vão de 1994 a 2007. Esse texto foi produzido tendo por base a gravação de sua manifestação nessa ocasião disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9N7J3mMEle8>.
2. Professor da Faculdade de Educação da Unicamp e vice-presidente da ALB no período de 2002 a 2006 em parceria com o Prof. Percival após ter ocupado outras funções em diretorias anteriores e nos congressos.

das quais, por exemplo, uma grande feira que ainda hoje acontece e que teve um grande incentivo do Ezequiel que é a Feira de Passo Fundo. Isso ainda repercute até hoje!

Foi com o Ezequiel na disciplina *Leitura e Produção de Textos* no curso de Pedagogia que tivemos o incentivo para participar dos COLEs e da ALB. Das inúmeras diretorias das quais não só eu fiz parte mas também a Profa Maria do Rosário, o Prof. Valdir [Barzoto], a Prof^a Gláucia, com grande apoio da Beth Serra, muito bem lembrada pela Rute, a qual sempre foi uma grande interlocutora da ALB.

O Percival, com a ideia de permanência [do COLE] com a qual o Ezequiel nos brindou na ALB, também contribuiu para agigantar esse evento, para espriar de outras maneiras aquilo que o Ezequiel, a Lilian, e também a prof.^a Norma (minha coordenadora de português numa escola na qual trabalhei, onde também trabalhou a colega Ana Lúcia Guedes, aqui presente), idealizaram. Foram incentivadores e mantenedores do espírito da criação da ALB. Juntamente com o Wanderley, o Percival e o Hilário (e sua velha pasta com que sempre nos surpreendia), nos incentivavam para que a gente continuasse por mais dois anos à frente da ALB.

O COLE movimentava muito a universidade, causava muitos problemas para a universidade, mas parece que essa era sempre uma vontade nossa para que a universidade assumisse o congresso.

Aproveitando a presença da Prof^a Maria Ines [Guilhardi Lucena], da PUC-Campinas, aqui na plateia, quero dizer também de como foi importante a presença de colegas de outras instituições, tão próximas, com os quais o COLE e a ALB foi construindo uma forte interlocução.

Muitas vezes, as ideias, um pouco mirabolantes do Percival, quando colocadas em prática, geravam novos movimentos, novas preocupações, mas também um engrandecimento não só do COLE, mas da própria associação. A parceria da Faculdade de Educação e do Instituto de Estudos da Linguagem na Unicamp, nas pessoas dos professores Percival, Wanderley, Marcia Abreu, e outros, foi criando diferentes condições para a existência do COLE na universidade, gerando possibilidades de novas relações e parcerias.

É uma alegria estar aqui! Gostaria de ter lembrado outras coisas para compartilhar com todos vocês. A vivência na ALB e no COLE foi intensa e nos dá condições de compreender o quanto um congresso que chama professores, é para professores, é feito em diálogo com a Unicamp e outras universidades, que não é mais nacional, que passou a ser internacional a despeito dos problemas que isso implica, é importante.

Espero que aquilo que se construiu, permaneça.

ALB: um espaço praticado¹

ALB: an experienced space

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p123-129>

NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA²

QUEM PROCURA PELA ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL – ALB – depara-se com uma sala no 1º piso do anexo II da FE, na Unicamp. Quem a acha, se espanta com o espaço reduzido – 30 m² – a sediar uma instituição que conquistou, ao longo de sua existência, projeção e reconhecimento nacional não só pelo quadro diversificado de associados que se espalha pelo país, mas, sobretudo, pela sua história de luta, de envolvimento, de proposições e ações em prol do acesso, convívio, posse dos objetos e gestos ligados ao mundo da leitura e da escrita, como opção política de não exclusão da grande população brasileira no âmbito das ações leitoras. Pode-se, até mesmo, parodiar a questão tema deste 18º COLE: “A ALB grita. Escuta?”

Sua sede não foi sempre ali. Antes disso esteve locada em sala de docentes ligados ao departamento de Metodologia de Ensino da FE, ainda no prédio do Ciclo Básico/Unicamp.

Mas é na sala que ela ocupa hoje, em um dos prédios da FE, que passei muitas e longas horas, desde 2002, como membro da Diretoria. Na maioria das vezes, estive acompanhada de outras pessoas que, mais ou menos envolvidas em cargos

1. Texto apresentado pela autora na mesa redonda “Sentidos da ALB” durante o 18º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL: “O mundo grita. Escuta?”, em 17 de julho de 2012, Unicamp, Campinas, SP.
2. Professora da Faculdade de Educação – Unicamp. Atuou como membro da Diretoria da ALB, 1ª ou 2ª secretária (2002-2009) e presidenta (2009-2010).

ALB: um espaço praticado

da diretoria da entidade, colaboraram para que esta desempenhasse seu papel e função. É esta sala que ocupa minha fala e a partir da qual proponho um itinerário. Alguns espaços físicos são presença em nossas memórias, constituindo-se em memórias de nós mesmos que neles habitamos.

Em tempos virtuais, nos quais o espaço familiar e o profissional parecem entrecruzados e indissociáveis por se limitarem, em grande parte, a um lugar em que cabe uma tela/teclado (cada vez menores), se abrindo para o mundo de forma simultânea e acelerada (*skype, e-mail, facebook* etc.), pode parecer anacrônico que a memória de nossa geração ainda seja habitada por lugares físicos a serem transpostos através de corredores, escadas, portas, janelas, paredes: uma sede, a da ALB.

Sua entrada é pela parte de trás do Anexo 2 da FE. Subindo o primeiro lance de escada e já no hall, dirigindo o olhar para a direita o visitante encontrará a identificação na porta: Associação de Leitura do Brasil.



*Fotografia 1 – Entrada do Anexo II da FE/
Unicamp*



Fotografia 2 – Entrada da ALB

No mesmo hall, se vê à frente, uma porta indicada como sendo do CEDES – uma entidade que, como a ALB, promove e divulga estudos ligados ao campo da educação, e que também foi criada nos anos 80. Tempos de sonhos e de luta.

Quando se abre a porta da ALB, tem-se a visão do espaço da secretaria, que é “decorado” com duas mesas, dois computadores, uma impressora e um aparelho de fax, um telefone e armários-balcão que guardam documentos mais atuais ligados ao funcionamento burocrático e institucional da entidade. Em cima destes balcões, o que me chama mais a atenção são os últimos lançamentos de livros e da revista LTP, publicados pela ALB.



Fotografia 3 – Espaço da secretaria da ALB

Nesta “sala da secretaria”, a oscilação de temperatura “castiga” as pessoas que lá ficam por muitas horas seguidas. No inverno, o piso frio exige um aquecedor de chão; no verão, o ventilador ou o ar condicionado funcionam o tempo todo. Temperaturas que também oscilam metaforicamente, conforme as fases que a entidade atravessa: preparação de ações e iniciativas como os COLEs, *Seminário Nacional do Jornal, Fórum Desafios do Magistério*; edição e distribuição de suas revistas: *Leitura: Teoria & Prática* – LTP, *Linha Mestra* – LM. Temperaturas que também oscilam, metaforicamente, inclusive por causa de sua infraestrutura bastante simples: um grupo pequeno de

ALB: um espaço praticado

executores mais diretamente envolvidos com a iniciativa de arquitetar e promover essas ações e do funcionamento ainda não completamente informatizado e *on-line*.

Sons se intensificam ou se espaçam neste lugar: dos carimbos nos envelopes e ofícios; do telefone, da impressora e do fax; dos passos e cumprimentos de colegas do grupo de pesquisa que descem do andar de cima; do digitar no teclado; da máquina que corta o gramado em frente; do gerador da FE, da tosse de alguém. Sons que envolvem vida e trabalho em tempos compreensíveis e perturbadores de nossa memória.



Fotografia 4 – Mesa da secretaria

A mesa da “secretaria” sugere as urgências e importância do que há a se resolver: bloco aberto de recibos de pagamentos, assim como aberta a tela do computador; tesouras, fita crepe, colas, folhas e folhas com anotações se derramam da mesa para a parte de cima do armário-balcão, folhas-impressões de fax – objetos de uma sociedade escriturística movimentados pelos seis membros da diretoria, por duas secretárias, por cerca de duzentos associados, milhares de participantes em eventos, mais de duzentos mil acessos *on-line* no *site*. Nessa mesa, um porta-retrato com fotos de familiares humaniza o espaço. Uma calculadora e um calendário sugerem busca de controle do tempo, do espaço, das finanças?

Uma divisão – de madeira - separa a parte da “secretaria” da “sala de reuniões”. A disposição dos móveis sugere gestos, ações, relações. Essa sala é rodeada de armários (dois deles até o teto e os outros dois em forma de balcão) e uma mesa com mais um computador. No centro da sala, uma grande mesa – de madeira, rústica, retangular - ocupa lugar de destaque.



Fotografia 5 – Sala de reuniões da ALB

A mesa. É ela que, inerte e muda, participa silenciosamente, aguarda as reuniões, às vezes mais, às vezes menos difíceis, densas, reunindo pessoas que trabalham nos “bastidores”, prestando serviços voluntários ou comerciais (prestadores de serviços) à entidade. Em volta dela, já se sentaram várias diretorias e conselhos editoriais das revistas *Leitura: Teoria e Prática* e *Linha Mestra*, vários parceiros (editores, jornalistas, pessoas envolvidas em outras instituições e associações); contadores que cuidam das finanças; fornecedores de material (confecção de camisetas, canetas, pastas); profissionais responsáveis pela elaboração dos *sites* ou pela produção dos anais dos eventos; pessoas que dão suporte técnico (gravações, *coffee-break*, passagens aéreas e hospedagens de convidados dos eventos) etc. Em volta dela, são definidos os encaminhamentos e as decisões ligadas à atuação da entidade, que preparam os instantes posteriores de inserção de informações, de registro digital

da história dessa entidade, de elaboração dos projetos de solicitação de financiamentos junto às agências de fomento, de articulação em novas parcerias com outras associações e instituições.



Fotografia 6 – Mesa de reuniões

A mesa. Ela é também suporte para papéis a serem assinados, lidos; para anotações de reuniões; para cadernos de brochuras que registram a discussão e os consensos (são esses cadernos que uso como muletas de minha memória, hoje). Em tempos de correio, ela é suporte para colagem de etiquetas, para carimbos. Em tempos de promoção de eventos, ela é suporte para a organização de panfletos de divulgação, de montagem de pastas etc.

Mas, em tempos de acolhimento, ela é suporte de café, às vezes com pão de queijo, para “tapear” a fome no avançar das horas; às vezes, de bolo em comemoração a aniversários. Relações de amizade, acadêmicas, institucionais etc., que tornam o desafio mais coletivo, produtivo e menos difícil.

Essa mesa tem ao seu redor os armários, que nos dão um pertencimento nessa entidade: eles estão cheios de exemplares de CDs, livros e revistas – publicações coordenadas ou de autoria de membros da diretoria ou daqueles que por ali passaram e que com a entidade estabeleceram relações. Os armários estão cheios de documentos que

guardam a memória da entidade (cartas ou fichas de associados, recortes de matérias jornalísticas sobre a ALB, fita cassete com a voz de Paulo Freire e de outros intelectuais nacionais e internacionais ligados ao campo da leitura e da educação). Guardam *kits* com o material de cada evento: a camiseta, a sacola, o pôster, os anais, o *folder*, os brindes etc. Guardam fotos, fitas, disquetes e filmes que gravaram instantes mais públicos da entidade: um ginásio da Unicamp lotado nas aberturas ou conferências dos COLEs, uma sala de comunicação com apresentação de trabalhos de congressistas; imagens dos monitores nos últimos preparativos para a realização de um evento. Mais do que dispostos por uma estética na decoração, os objetos ali expostos e ali guardados falam à nossa alma e dão sentidos à entidade. São livros e revistas comercializados, são impressos e em forma de CDs, que alimentam o debate em torno da leitura e do livro, são publicações que sedimentam nossa postura política.

Esse fazer ordinário, miúdo, um tanto burocrático que marca o cotidiano de uma entidade, nem sempre visível e valorizado pelas avaliações externas (Qualis), ou para os associados ou participantes de seus eventos – é vivido por ex-membros das diretorias da ALB, por colegas das universidades, orientandos, alunos da graduação, professores do ensino fundamental e médio, pessoas contratadas que se juntam aos “voluntários” e que, por sua vez, se juntam aos funcionários da FE, misturados na relação histórica entre a Faculdade e a ALB - nesses trinta anos. É uma fazer duro, inventivo, camarada, que em sua maioria, fica identificado no coletivo, no anonimato. É um fazer que permite construir relações de amizade, acadêmicas, institucionais etc., e que nos enraíza no mundo e nos dá sensação de pertencimento a uma comunidade, a um lugar, ao qual eu me orgulho de pertencer. Obrigada e parabéns, ALB, pelos seus 30 anos!

Resenha

O COLE e a leitura: em redor da crise

COLE and reading: around the crisis

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p133-136>

LILIAN LOPES MARTIN DA SILVA¹

SANTOS, Geniana. *Políticas curriculares de leitura: crise, antagonismo e negociação no Congresso de Leitura do Brasil (COLE)*. Curitiba: CRV, 2019. 208p.

O Congresso de Leitura do Brasil (COLE) é uma realização da Associação de Leitura do Brasil (ALB)², tendo sua primeira edição organizada pelo Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da Unicamp em 1978. O evento integrou a movimentação da sociedade civil brasileira pela construção de um país democrático após a ditadura militar instalada em 1964.

Nessa primeira edição do Cole e em todas as outras que se sucederam nos 42 anos do evento e ainda hoje, o congresso apresenta e debate a prática da leitura, seja ela escolar ou não, sempre em fina sintonia com campos diversos de conhecimento e questões de seu tempo. Produz políticas de leitura, como pondera Santos (2019, p. 188) nesta obra que aqui apresentamos, “amplamente negociadas e disseminadas pelas comunidades epistêmicas e disciplinares entre o meio acadêmico e na formação de professores, impactando diretamente na produção de significação sobre a leitura no âmbito das práticas escolares”. Este livro, que relata e discute momentos

1. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

2. ALB – acessível em: <http://alb.org.br>.

de formulação de políticas nos Coles e suas ênfases, resulta de uma pesquisa desenvolvida como Doutorado em Educação na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em que Geniana dos Santos se confrontou cotidianamente, no contexto escolar, com a afirmação de que “*meu aluno não lê*”. E foi em busca de compreendê-la, de desvendar como se construiu discursivamente a ideia de uma *crise de leitura*.

Partindo do pressuposto de que as políticas curriculares e também as de leitura – resultam não apenas de orientações e diretrizes centralizadas e verticalizadas, mas da produção e do debate de comunidades epistêmicas ou científicas, a obra investiga, entre outros documentos escritos (como produções acadêmicas e propostas curriculares), as discussões havidas nos Congressos de Leitura do Brasil (COLE), entendendo ser esse um importante espaço de produção, circulação e lutas de significações e paradigmas de leitura, que têm impactado as políticas curriculares e a formação de formadores de leitores.

O estudo está ancorado na perspectiva discursiva e pós-estrutural, tendo como referências principais autores como Homi Bhabha, Joan Leach, Ernest Laclau e Gemma Penn, em seus estudos sobre a cultura, o discurso, a retórica e as imagens. E também Alice Casemiro Lopes e Elizabeth Macedo, integrantes do grupo de pesquisa ao qual a autora estava vinculada e pesquisadoras do campo do currículo, com produção bastante expressiva.

Após passear por diferentes formações discursivas sobre leitura, livro, leitores, destacando as diversas significações assumidas por eles ao longo da história, a autora realiza a leitura e interpretação de documentos textuais verbais e imagéticos de duas edições específicas do Cole e toma-as como material empírico para sua análise: a 12.^a, de 1999, cujo temário foi: “Múltiplos objetos, múltiplas leituras: afinal, o que a gente lê?” e a 16.^a, de 2007, que teve por tema: “No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las”.

Antes, porém, apresenta uma narrativa dos Congressos anteriores, apontando os caminhos enfatizados e as concepções de leitura construídas nesse espaço discursivo, que são firmados a partir do inimigo ou “antagonista” a ser vencido: a crise de leitura. Tais caminhos vão do apelo à democratização às políticas de promoção do livro e da leitura; das possibilidades metodológicas e pedagógicas para o trabalho escolar à formação docente; das questões postas ao livro didático à ressignificação do espaço da biblioteca; da leitura literária à literatura infantil; etc.

O exame desse complexo discursivo em sua diacronia, assim como daquele referente ao material produzido e colocado em circulação no 12.^o e no 16.^o COLEs, é vigoroso e detalhado. Com ele, e apoiada em seu quadro de

referências, a autora constrói um percurso reflexivo em que é possível destacar para os leitores algumas ideias importantes.

A primeira delas é que o espaço de discussões, inaugurado pelo Cole em 1978 (e que vem se mantendo até hoje), demarcou um inimigo a ser vencido – ao qual denominou *crise de leitura* – através de um processo articulatório capaz de reunir e fazer circular posicionamentos críticos, em relação não só ao campo pedagógico, mas também aos campos cultural e educacional.

O segundo destaque a fazer diz respeito à relevância desse evento para a definição de políticas voltadas à promoção do livro e da leitura, especialmente as políticas curriculares. Reitera-se o caráter democrático do evento, que se configura em sua cadeia articulatória como espaço capaz de acolher inúmeras diferenças sobre o entendimento do que seja leitura, abrindo-se à negociação de múltiplos sentidos, enfatizados por diferentes campos de conhecimento, como a educação, a linguística, a teoria literária, a psicologia, etc.

Segundo o estudo, se inicialmente o Cole firmou-se através da luta pelo acesso ao livro e pela democratização da leitura, com o passar do tempo essa crise de acesso foi se transformando numa crise de qualidade de leitura, de formação para a leitura. Entretanto, “a identidade leitora baseada no acesso ao livro e à biblioteca tem sido elemento estável nas políticas de leitura mobilizadas pelo COLE” (p. 184).

Para a autora, a ideia de crise passou a ser desestabilizada no interior do próprio Cole, quando foi possível reconhecer – e se começou a enfatizar – a leitura como uma prática cultural possível de ser vivida em toda a sua diferença, por diferentes comunidades, numa clara orientação para a construção de um inventário de leitura, ao invés de se postular um projeto de formação. Dessa forma, outros sentidos tornaram-se possíveis.

Às preocupações com a formação do leitor na escola, tendo em vista sua aprendizagem, somaram-se aquelas relativas às questões que envolvem a textualidade e os suportes da leitura, e também outras, relativas à formação do aluno e do professor para a leitura literária e a formação humana, que envolvem valores estéticos e morais.

Um último destaque vai para a questão das metáforas, cujos sentidos, para a autora, são colonizadores. Em capítulo específico para tratar dos campos metafóricos da retórica colonial, Geniana discorre sobre o modo como a leitura tem sido representada. Nesse sentido discute expressões como: *explorar, extrair, apropriar-se de um patrimônio ou repertório, dominar, descobrir...* todas elas condensando sentidos de uma lógica mercadológica.

Esse amplo universo de discursos, que, no Cole, disputam a hegemonia de sentidos, fez e faz emergir formulações sempre marcadas pelo hibridismo e pela abertura, resultantes de negociações que, ao não permitirem qualquer cristalização ou silenciamento, impedem a construção de um projeto uniforme e único para impulsionar a formação leitora.

Em tempos de centralizações e de arroubos de autoritarismo, vale a pena ler o livro aqui apresentado e conhecer, a partir dele, as produções que o Congresso de Leitura do Brasil vem colocando em circulação.

SOBRE A AUTORA

Lilian Lopes Martin da Silva é graduada em Linguística (Universidade Estadual de Campinas), tem Mestrado e Doutorado em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É professora pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Leitura, ensino e história da leitura com pesquisa em temas correlatos.

E-mail: lilianl@unicamp.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7040-9878>.

ASSOCIE-SE À ALB

Os associados asseguram o fortalecimento de uma entidade sem fins lucrativos, cujo objetivo maior é organizar-se como um espaço privilegiado de análise e crítica das condições de leitura no país e promover ações direta e indiretamente ligadas à temática da leitura e da educação. A associação de novos membros ajuda a expandir nossas publicações e sua divulgação. Queremos continuar ampliando o número de associados da Associação de Leitura do Brasil. Junte-se a nós!

Vantagens para os associados

1. Têm acesso gratuito à versão digital da Revista Leitura Teoria e Prática.
2. Têm acesso gratuito à versão digital dos livros da Coleção *Hilário Fracalanza* e das demais publicações editadas ou coeditadas pela ALB.
3. Têm descontos em todos os produtos da Livraria da ALB, pela *Internet* ou presencialmente.
4. Podem participar *gratuitamente*, como *ouvintes*, dos eventos e congressos organizados pela ALB e têm taxa de inscrição reduzida para apresentação de trabalhos.

Para associar-se à ALB

Basta fazer o cadastro no *site* da entidade (<<http://alb.org.br>>), clicando em “seja um associado - cadastro” e efetuar o pagamento da taxa.

Valores

Pessoa física ou jurídica:

Associação anual com valor único de R\$ 280,00.

Formas de pagamento

- Pelo *site*: cartão de crédito (parcelamento possível) ou boleto bancário no Pagueseguro;
- Na sede da ALB;
- Por depósito bancário, enviando comprovante por *e-mail*.

Dados Bancários: Banco do Brasil – Ag. 2447-3; C/C 12659-4 – CNPJ: 51.916.153/0001-14

Em caso de dúvida, entre em contato conosco: secretaria@alb.com.br

Fone +55 xx 19 3521-7960

LEITURA: TEORIA & PRÁTICA

NORMAS EDITORIAIS – ORIENTAÇÕES AOS COLABORADORES

A revista *Leitura: Teoria & Prática*, da Associação de Leitura do Brasil, é um periódico quadrimestral publicado ininterruptamente desde novembro de 1982. Única publicação brasileira específica da área da leitura, tem como objetivo principal, além de divulgar produções acadêmicas acerca da leitura no contexto escolar, contribuir para o desenvolvimento da educação e da cultura, promovendo discussões mais amplas sobre seus contextos atuais e de outros tempos e lugares. Compõe-se de textos inéditos, em português ou espanhol, escritos por pesquisadores, professores de diferentes universidades brasileiras e estrangeiras, e profissionais da educação básica. Artigos em inglês também são aceitos. Apresenta qualidade acadêmica relevante, estando classificada no Qualis Periódicos (CAPES) como A2 em Letras/Linguística, A2 em História, A2 em Interdisciplinar e B1 em Educação; integra o processo de formação inicial e continuada de professores; e tem subsidiado a produção de políticas públicas ligadas ao livro e à leitura.

A revista está disponível para leitura e *download on-line*, em <<http://ltp.emnuvens.com.br/>>.

Submissão de originais

§ A submissão de textos (artigos, ensaios, resenhas...) para a revista *Leitura: Teoria & Prática* deve ser feita *on-line*. Os **originais** devem ser encaminhados segundo as orientações disponíveis em: <<http://ltp.emnuvens.com.br/>>.

§ A revista *Leitura: Teoria & Prática* também aceita a submissão de **dossiês**, que devem ter um caráter interinstitucional e abordar temáticas de relevância para a área de Educação e Leitura, de forma a ampliar o debate acadêmico, fomentar intercâmbios de pesquisa e/ou adensar as experiências que atravessam o trabalho de profissionais da escola básica e de outras instâncias educativas formais e não-formais, perpassadas, por exemplo, pela parceria com a universidade, pelo trabalho coletivo, pela invenção e criação cotidianas que desafiam a educação.

Devem ser compostos de uma apresentação e de três a cinco artigos, reunindo autores filiados a, no mínimo, três instituições e contando, preferencialmente, com a participação de, pelo menos, um pesquisador filiado a instituição estrangeira. Só será publicado como dossiê um conjunto mínimo de três artigos aprovados pelos pareceristas. Em caso de aprovação de apenas um ou dois textos, esses poderão ser publicados isoladamente.

Normas editoriais

§ Todo o texto deve ser digitado em fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento 1,5, margem superior de 2,5 cm, inferior de 2,5 cm, esquerda 2,5 cm e direita de 2,5 cm e salvo em *Word*.

§ Cada texto deve conter, no máximo, 34.500 caracteres (com espaço), exceção às resenhas, que devem conter no máximo 8.000 caracteres (com espaço).

§ O título do trabalho deve ser traduzido para língua estrangeira (inglês, espanhol ou francês).

- § Com exceção do material enviado para seções *texto literário, entrevista, ensaio, resenha e imagens*, cada texto deve trazer um resumo indicativo e informativo, em português, com o limite máximo de 150 palavras, acompanhado de sua respectiva tradução para língua estrangeira.
- § Devem ser indicadas ainda, depois do resumo em português e em língua estrangeira, três palavras-chave para o artigo.
- § Os títulos e subtítulos devem ser destacados em negrito.
- § As citações com mais de três linhas devem aparecer em parágrafo distinto, iniciando-se a 4 cm da margem esquerda, com letra tamanho 11, espaçamento simples entre as linhas e sem as aspas.
- § As notas, quando necessárias, devem ser numeradas sequencialmente e digitadas ao longo do artigo, como notas de rodapé.
- § No caso de citações, as referências aos autores, no decorrer do texto, devem obedecer ao modelo “Sobrenome do autor, data, página” (SILVA, 2001, p. 55); diferentes títulos do mesmo autor publicados no mesmo ano devem ser indicados com o acréscimo de uma letra depois da data (ex: SILVA, 2001a; 2001b...).
- § As referências bibliográficas devem ser digitadas ao final do artigo, em ordem alfabética, obedecendo às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) (NBR-6023/2000). Alguns exemplos:
Atenção! A ABNT atualizou algumas das normas em novembro de 2018.
Os exemplos abaixo já estão de acordo com essas atualizações::

Obra completa (recomendamos a inserção de tradutores de autores estrangeiros):

AGAMBEN, G. *A comunidade que vem*. Tradução de Antônio Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

Capítulo de livro:

MARQUES, D.; MARQUES, I. Da imaginação ou uma borboleta saindo do bolso da paisagem. In: NOGUEIRA, A. L. H. (Org.). *Ler e escrever na infância: imaginação, linguagem e práticas culturais*. Campinas/SP: Editora Crítica/ALB, 2013. p. 21-35.

Artigo publicado em periódico:

MARQUES, D. ‘Nelisita’, uma máquina de guerra de Ruy Duarte de Carvalho. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas/SP, v. 30, n. 58 (suplemento), p. 1517-1524, 2012.

Artigo publicado em meio eletrônico:

ROMAGUERA, A.; MARQUES, D. Escritas ao Vento. *Revista Linha Mestra*, ano VII, n. 23, ALB, Campinas/SP, ago.-dez. 2013. Disponível em: http://linhamestra23.files.wordpress.com/2013/12/02_poesias_imagens_e_africanidades_escritas_ao_vento_romaguera_marques.pdf. Acesso em: 20 set. 2014.

Teses e Dissertações:

MARQUES, D. *Entre literatura, cinema e filosofia: Miguilim nas telas*. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Lembramos que a exatidão das referências na listagem e a correta citação no texto são de responsabilidade dos autores dos textos.

§ Tabelas, quadros ou outras ilustrações devem fazer parte do corpo do texto. Colocar os quadros, gráficos, mapas, entre outros, numerados, titulados corretamente e com indicação das respectivas fontes. Além disso, esses arquivos devem ter a resolução de 300 dpi.

Importante: As imagens utilizadas nas obras deverão respeitar a legislação vigente de direitos autorais.

Em caso de dúvidas, consulte as regras da ABNT.

§ Todas as indicações de autoria devem ser apagadas dos originais. Durante a submissão, apenas no cadastro, os autores devem indicar afiliação institucional e contato (nome completo de cada autor, instituição, cidade, estado, país; endereço de *e-mail* que possa ser publicado no artigo).

§ Todo o processo de submissão deverá ser feito no *site* da revista: <<http://ltp.emnuvens.com.br/ltp>>.

Importante:

§ Os textos encaminhados fora das normas técnicas não serão acolhidos e submetidos à apreciação do Conselho Editorial. Os autores serão comunicados dessa decisão podendo submetê-los novamente.

§ Os artigos cuja autoria é identificada representam a expressão do ponto de vista de seus autores e não a posição oficial da Revista *Leitura: Teoria & Prática*.

Processo de Avaliação

§ Após validação preliminar, a Editoria da Revista encaminhará o texto para julgamento autônomo de dois consultores de área afim (processo de *peer review*).

§ Havendo divergência entre os pareceres, os textos serão encaminhados a um terceiro parecerista.

§ Serão publicados apenas os textos que receberem dois pareceres favoráveis.

§ Os textos são avaliados de acordo com os seguintes critérios: atualidade, originalidade, relevância e abrangência do tema; clareza do texto e correção da linguagem; pertinência e atualidade da bibliografia referenciada.

§ Caso o texto seja aceito para publicação, nenhuma modificação de estrutura, conteúdo ou estilo será feita sem consentimento dos autores.

§ Os autores com textos aprovados e publicados estarão concordando com a sua publicação integral na revista *Leitura: Teoria & Prática*, abrindo mão dos direitos autorais para a publicação *on-line* e eventuais novas edições da revista.

Caso os textos venham a ser utilizados na forma de livros ou coletâneas, a ALB solicitará autorização dos autores para essa finalidade.

EDITORIAL

A Associação de Leitura do Brasil e suas esperanças equilibradas

DOSSIÊ

Apresentação – Dossiê ALB: memórias

Associação de Leitura do Brasil (ALB):
memória e história em prol da leitura e do livro no Brasil

Os Congressos de Leitura do Brasil (1978-1987)
como espaço para formação de professores

Cartazes dos COLES: discursos em imagens

A doação do acervo do Congresso de Leitura do Brasil
ao Centro de Memória da Educação

Congresso de Leitura do Brasil:
projetos e demandas para a formação de leitores

Não só 25 anos de COLE, mas também...

ALB: 30 ANOS

Sentidos da ALB

Por Trás do COLE: a Associação de Leitura do Brasil

Nosso encontro com a leitura e a ALB: memórias e sentidos

Rememorando bons momentos nos COLEs e na ALB

ALB: um espaço praticado

RESENHA

O COLE e a leitura: em redor da crise

